

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação

Senhorinhas perfeitas:

A representação de mulher ideal através das páginas da revista
Ilustração Pelotense na década de 1920

Taiane Mendes Taborda

TAIANE MENDES TABORDA

SENHORINHAS PERFEITAS:

A representação de mulher ideal através das páginas da revista *Ilustração Pelotense* na década de 1920.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Humanas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Lorena Almeida Gill

Pelotas, 2012

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Denise Marcos Bussoletti (PPG-Educação / UFPel)

Prof^a Dr^a Francisca Ferreira Michelin (PPG – Memória Social e Patrimônio Cultural / UFPel)

Prof. Dr. Charles Monteiro (PPG – História / PUCRS)



A MULHER

Acredite quem quizer
Que o auctor da criação
Tenha formado a mulher
Duma costella de Adão,

Eu, porem, a tal respeito
Tenho juizo firmado :
— O anjo do lar foi feito
Dum beijo crystalizado.

J. BELEM

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora Lorena Almeida Gill, pela orientação precisa, pela compreensão, apoio e palavra amiga nos momentos mais difíceis.

Ao meu pai Adir Taborda e ao meu irmão Adir Junior por cuidarem de tudo para que eu pudesse me dedicar ao esforço da escrita.

Ao Colégio Gonzaga, espaço de trabalho e amizade, onde encontrei incentivo e compreensão durante o meu estudo.

Aos professores que, de forma brilhante, marcaram a minha trajetória e souberam me inspirar.

À Caroline Bonilha pelo importante trabalho sobre o Corymbo que muitas vezes apontou o caminho.

À Gilce Alam, sempre pronta para colaborar com seu brilhantismo e boa vontade.

Aos que me amam e aos que amo pela paciência para com a negligência forçada e os momentos de saudade.

Ao meu mestre eterno, mentor primeiro, de quem sempre serei a “luna”.

RESUMO

TABORDA, Taiane Mendes. **Senhorinhas perfeitas: a representação de mulher ideal através das páginas da revista *Ilustração Pelotense* entre os anos de 1919 e 1922.** 2012. 158 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em História. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente estudo destina-se a problematizar o perfil representativo das mulheres da elite pelotense entre os anos de 1919 e 1922, através das páginas da *Revista Ilustração Pelotense*, importante publicação editada e impressa na cidade de Pelotas que circulou por várias cidades do Rio Grande do Sul entre os anos de 1919 e 1927 e cuja tiragem quinzenal se destinava a noticiar os acontecimentos sociais vividos pelas mais respeitadas famílias da cidade e arredores bem como promover o mundo literário publicando poesias, contos, crônicas e trechos de obras de autores famosos. Sua importância evidencia-se na sua longevidade, na tiragem expressiva de suas edições e no fato de alcançar diversos municípios tornando-se uma fonte considerável para analisar quais eram os papéis sociais femininos disseminados entre as classes privilegiadas durante o período castilhistas. Com esse intuito, a pesquisa concentrou-se nos discursos que eram veiculados sobre as mulheres, para as mulheres e também em textos que eram assinados por mulheres, situando as análises nas discussões de gênero.

Palavras-chave: Mulheres. Representação. Imprensa.

ABSTRACT

TABORDA, Taiane Mendes. **Perfect little ladies: the ideal woman's representation through the pages of the magazine *Ilustração Pelotense* between 1919 and 1922.** 2012. 158 p. Dissertation (Master's degree) – Postgraduate Program in History. Federal University of Pelotas, Pelotas.

The present study intends to problematize the representative profile of women from the elite of Pelotas between 1919 and 1922, through the pages of the magazine *Revista Ilustração Pelotense*, an important publication, edited and printed in Pelotas, which circulated in several cities in Rio Grande do Sul between 1919 and 1927 and whose biweekly print run was intended to announce the social events lived by the most respectful families of the city and surroundings, as well as to promote the literary world by publishing poetry, short stories, chronicles and excerpts from works of famous authors. Its importance is evidenced in its longevity, in the expressive print run of its issues and in the fact that it reached several cities, becoming a considerable source to analyze what the feminine social roles disseminated among the privileged classes during the *castilhista* period were. With this purpose, the research focused on the discourses that were conveyed about women, for women and also on texts that were signed by women, placing the analyses in the gender discussions.

Keywords: Women. Representation. Press.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Tenente Coelho da Costa, editor da revista Ilustração Pelotense, janeiro de 1922	45
Figura 2 – Funcionários da secção de encadernação e impressão da Livraria Universal, dezembro de 1920	51
Figura 3 – Funcionários da secção de expedição da Livraria Universal, dezembro de 1920	51
Figura 4 – Funcionários da Livraria Universal no escritório, dezembro de 1920	52
Figura 5 – Funcionários no interior da loja da Livraria Universal, dezembro de 1920	52
Figura 6 – Páginas iniciais com anúncios da casa de produtos elétricos e maquinaria de Buenos Aires Buxton Guilayn janeiro de 1921	54
Figura 7 – Páginas centrais misturando anúncios comerciais e conteúdo da revista, novembro de 1921	55
Figura 8 – Instantâneo nas ruas de Pelotas. Fonte: Revista Ilustração Pelotense	61
Figura 9 – Instantâneo na rua XV de Novembro, em Pelotas	62
Figura 10 – Vista do edifício do Clube Caixeral e parte da Praça da República, em Pelotas	62
Figura 11 – Prédio da Companhia Melhoramento e Resistência	76
Figura 12 – Igreja do Redentor, popularmente conhecida como “cabeluda”.....	77
Figura 13 – Panorâmica da Avenida 20 de Setembro em Pelotas	77
Figura 14 – Fotografia de uma leitora da revista, filha de um comerciante local, senhorinha Alda Barboza	82
Figura 15 – Capa de dezembro de 1919 da revista Ilustração Pelotense mostrando a senhorinha Laura Reis, colaboradora da publicação sob o pseudônimo “Exótica”	87
Figura 16 – Jandyra Pereira, pianista constantemente citada nas notas sociais da revista por suas brilhantes apresentações	95
Figura 17 – Senhorinha Noemia Macedo	98
Figura 18 – Senhorinha Andradina Andrade	99
Figura 19 – Senhorinha Diva Barbosa em sua prece a árvore	100
Figura 20 – A poetisa D. Christina Amaro de Medeiros	103
Figura 21 – Anúncio de cosmético para o rosto de novembro de 1921	109

Figura 22 – Anúncio de cosmético para os seios de agosto de 1921	111
Figura 23 – Anúncio de cosmético para os cabelos de abril de 1921.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - DIÁLOGOS DE SAIA SOBRE CONCEITOS E MÉTODOS: O GÊNERO, A REPRESENTAÇÃO, O POSITIVISMO E O DISCURSO	19
1.1 Todas são Clotilde? Para pensar os discursos e as representações das “senhorinhas” na cotidianidade da Primeira República.....	20
1.2 Crônicas Insulsas: A Ilustração Pelotense como fonte	38
CAPÍTULO 2 - TECENDO CONTEXTOS	61
2.1 O Brasil no alvorecer da República	61
2.2 "Comteando" o Rio Grande	70
2.3 A Pelotas da Ilustração	76
CAPÍTULO 3 - SENHORINHAS PERFEITAS: PALAVRAS DE, SOBRE E PARA AS MULHERES	82
3.1 Clotides <i>Exóticas</i> ? Palavras de mulheres	86
3.1.1 Inquérito Feminino – As Clotildes se revelam	93
3.2 Entre Clotildes e Carolines, possibilidades de fuga: palavras para mulheres	103
3.3 Rainhas do lar e anjos tutelares: palavras sobre mulheres	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123
FONTES CONSULTADAS - ILLUSTRÇÃO PELOTENSE 1919 – 1922.....	129
APÊNDICES	131

INTRODUÇÃO

Os anos de 1920 foram marcados por profundas mudanças no cenário mundial. Com o fim da Primeira Guerra e dos sofrimentos e das privações geradas por ela, as pessoas se dividiram entre o sentimento de frustração e pesar pelas perdas e um clima de euforia pelo fim do conflito. A ideia de querer viver loucamente deu vazão a uma nova forma de pensar que se traduziu, por exemplo, através de novas expressões da moda, da dança e da música.

No que tange ao sexo feminino, diante dos discursos e das novas possibilidades da modernização - como o crescimento urbano - elas, antes reprimidas nos lares, estavam preenchendo postos de trabalho que se criaram nesse momento: tornaram-se datilógrafas, balconistas, governantas, enfermeiras, professoras, apenas citando alguns dos cargos a elas oferecidos em anúncios de jornais nos primeiros anos da referida década. As atividades exercidas mostram uma ruptura com os velhos paradigmas sobre as mulheres, apontados por Perrot ao dizer que os médicos “as descrevem como doentes perpétuas, histéricas, à beira da loucura, nervosas, incapazes de fazer abstração, de criar, e, acima de tudo, de governar” (PERROT, 1998: p. 8).

Se, como aponta a autora, os discursos mais respeitáveis e seguros, como o dos médicos, as descreviam como incapazes de atuar socialmente, pode-se perguntar qual era o alcance do espaço externo ao lar permitido às mulheres e os possíveis signos utilizados para marcar uma nova realidade social para o gênero feminino. Perceber de que forma a mulher se apropria dessa ruptura dos padrões comportamentais e como a sociedade reage a essa questão, torna-se possível através de uma análise atenta das publicações do período.

O presente estudo se propõe a analisar o paradigma de comportamento feminino representado nas páginas da Revista *Ilustração Pelotense*, publicação da cidade de Pelotas que circulou entre os anos de 1919 e 1927 por várias cidades do Rio Grande do Sul. Editada pela Livraria Universal, de propriedade da família Echenique, era dirigida por Januário Coelho da Costa, poeta reverenciado pela sociedade pelotense. Esta direção dava o tom da publicação: o periódico literário, uma vez que era quinzenal, visava enriquecer culturalmente seus leitores com

contos, crônicas, trechos de obras de autores reconhecidos, poesia, bem como dar a ver a sociedade local em seus diversos momentos.

A ideia deste trabalho começou, principalmente, a partir do contato com a Revista *Ilustração Pelotense*, ao longo da pesquisa para o trabalho de conclusão da graduação em História em 2006. A publicação oferece variadas informações acerca das mulheres da elite gaúcha da década de 1920. Sabendo da importância e credibilidade desta publicação em Pelotas e arredores, a pesquisa objetiva identificar o perfil da mulher ideal traçada pela revista, com a finalidade de evidenciar os modelos comportamentais do período e os conflitos da questão de gênero, ainda tão necessários de serem abordados.

Apesar da longevidade da publicação, oito anos de circulação, o recorte escolhido para análise compreende os anos de 1919, 1920, 1921 e 1922, ou seja, início da década de 1920. Os fatores para tal decisão centram-se no fato de 1919 ter sido o primeiro ano de circulação da revista, e os primeiros anos da década de 1920 terem sido marcados por efervescências não somente políticas, como culturais, sendo o ápice o ano de 1922 com a criação do Partido Comunista, o movimento tenentista e a semana de arte moderna, portanto, constituindo-se em um período rico para análise. Também permeou o recorte o tempo disponibilizado pelo programa de mestrado que, por ser breve, torna difícil o levantamento e classificação de todos os números da revista, uma vez que são 24 fascículos por ano, com raras ausências. O período selecionado é também relevante em função da disponibilidade da fonte no acervo da Biblioteca Pública Pelotense que abrange até o ano de 1926, registrando-se a falta de um ou de outro número. Assim, a escolha do período abordado acompanha o ritmo da revista, desde seu aparecimento em 1919 até o ano de 1922, por ser este um ano que marcou importantes acontecimentos no contexto nacional, os quais repercutiram na vida cotidiana, como será abordado em outro momento. Acrescente-se ainda uma mudança sensível na apresentação gráfica da revista, bem como nas abordagens de conteúdo a partir do ano de 1923, evidenciando um novo momento da mesma.

Segundo Nogueira e Michelin (2007), a importância da revista como fonte de estudo fica evidenciada na dimensão de sua veiculação que pretendia dar a conhecer o mundo elegante e cultural da cidade de Pelotas, configurando-se, portanto, em um importante instrumento de visibilidade da elite local. De acordo com as autoras (p.4):

A particularidade do momento político no qual a revista foi editada pode ser notada nos valores que tais imagens deixam transparecer, discretas, sussurrando manifestações de um ideário que pressupunha a educação vigilante apta a gerar e sustentar hábitos e costumes condizentes com o sistema ideológico dominante. Seguindo o exemplo de outras revistas concomitantes à *Ilustração* e posteriores a essa (é indispensável citar *O Cruzeiro* sob esse aspecto), as capas priorizavam ou preferiam ser adornadas pelo retrato de moças da sociedade pelotense ou das cidades colaboradoras, fato que garantia a imediata comunicação com o público feminino e, evidentemente, traduzia-se em aumento dos consumidores da publicação.

Publicações com essas abordagens revelam valiosas informações para o estudo do cotidiano. A Revista *Ilustração Pelotense*, por ser tão rica, serviu de subsídio para várias pesquisas com as quais foi possível estabelecer um diálogo para nortear este estudo. Dentre as contribuições mais importantes destaca-se a tese de doutorado de Marroni (2008) que centra sua análise, por meio da teoria semiótica, na mídia impressa da cidade de Pelotas para captar nela as nuances da *Belle Époque* e, para tanto, aborda a revista e seus meios de dar a ver o modo de vida da cidade e os objetos desejados que transpareciam através de seus anúncios. A autora traça um breve histórico da revista, seus editores, sua diagramação, seus anunciantes e, inclusive, sua materialidade. No capítulo em que disserta sobre as mulheres da *Ilustração Pelotense*, Marroni apresenta a mulher moderna que a revista vislumbra por meio das temáticas como beleza e moda, dando ênfase aos reclames destinados ao sexo feminino. A autora, no entanto, converge sua análise mais para as imagens, pois seu foco é a semiótica.

Outra contribuição importante é o estudo de Michelin e Santos (2006) que trata da moda da década de 1920 e da adesão por parte das mulheres a esse vestir moderno, tendo como base a imprensa de Pelotas, incluindo a *Ilustração*. Michelin destaca-se também em outros estudos que as imagens da revista permitem. Juntamente com Nogueira (2007), em trabalho já citado aqui, escrevem sobre as mulheres da música na *Ilustração Pelotense*. Nogueira aprofundou as análises sobre a música através das páginas do periódico que também renderam importantes colaborações. O desdobramento destas pesquisas resultou em uma gama de artigos e textos apresentados em eventos acadêmicos por elas orientados que apresentam,

superficialmente, até pela limitação que a formatação desses tipos de trabalhos impõem, muitas informações sobre a revista, mas não exaurem as análises.

O estudo ora apresentado distingue-se dos demais trabalhos citados, na medida em que irá aprofundar-se nas questões comportamentais relativas ao que era orientado e esperado do sexo feminino e nos discursos sobre os comportamentos observados, ou seja, a representação feminina construída pela revista. As análises feitas serão situadas nas discussões de gênero, pretendendo compreender os embates dessas mulheres no seu espaço social. Para alcançar tal objetivo, realizou-se uma investigação detalhada na revista sobre tudo o que foi impresso referente às mulheres entre os anos de 1919 e 1922. As informações coletadas possibilitam configurar a representação da mulher idealizada pela sociedade de um novo momento político, a República, guiada sob a égide do positivismo.

Com intuito de contextualizar, para melhor observar as informações coletados nessa pesquisa, buscou-se a literatura sobre o Brasil do período abordado. A obra “História da Vida Privada no Brasil - *República: da Belle Époque à Era do Rádio*”, organizada por Novais e Sevcenko (1998), oferece vários estudos que contemplam a caracterização do país durante a República Velha. Em especial, além da contribuição do próprio Sevcenko, a análise Marins sobre o processo de urbanização e a abordagem de Maluf e Mott sobre a condição das mulheres no período foram particularmente ricos.

Acerca da sociedade castilhista, a revisão bibliográfica centrou-se em autores bastante utilizados como Pesavento (1992) e Vizentini (1992) que apresentam dados sociais, econômicos e políticos sobre o Rio Grande do Sul do período, além das obras organizadas por Trindade (2007) “O Positivismo: teoria e prática” e Boeira (2007) “República Velha (1889-1930)” que contam com autores como Pezat, Rodríguez e Isaia e possibilitam compreender a nova ordem política que se impusera com o castilhismo, a qual tinha por objetivo configurar uma sociedade moralizada através de um Estado coercitivo, caracterizado pela ausência de interesse individual em nome da segurança coletiva. Se o modelo filosófico de governo impunha um esvaziamento da individualidade de uma forma geral, as mulheres eram ainda as mais afetadas. Como base teórica para esse entendimento, embora outras leituras tenham sido consultadas para a compreensão da vida cotidiana dos gaúchos na releitura do pensamento de Comte, destacam-se os

estudos de Ismério (1995), Caleiro (2002) e Pedro (2007) que se debruçaram sobre as mulheres da sociedade positivista e evidenciaram a rotina cotidiana dos lares, identificando as exigências feitas às mulheres como a doação total à família e o esquecimento de tudo que fosse alheio ao recôndito do lar, incluindo as chamadas futilidades, como o cuidado com a beleza e a moda. A análise das autoras identifica a limitação imposta às mulheres no contexto da república positivista. A filosofia adotada justificava e convencia as mulheres de seu papel “grandioso”: a formação dos filhos e o cuidado do lar, ou seja, suas funções importantes não extrapolavam o espaço privado. Pensar o público e o privado é referir-se, de forma racional, aos papéis desejados socialmente ao homem e à mulher. O projeto socioeconômico burguês relacionou os homens com a política e as mulheres com o doméstico, juntamente com a ideia de poder estatal vinculado à proteção dos indivíduos.

Nesse ponto, faz-se necessário dissertar sobre o referencial teórico para as abordagens dos aspectos relacionados ao gênero e à história das mulheres. O aporte teórico para a tessitura de uma “história das mulheres” com uma abordagem do gênero como categoria foi fornecido por autores como Perrot (2005), Foucault (1993), Joan Scott (1995) e Butler (2010).

Perrot (1998: p.07) define o espaço público como sendo masculino, uma vez que eram os homens que trabalhavam para sustentar o lar e tomavam a frente das decisões políticas, ou seja, detinham o poder. Mas a discussão que a autora traz vai além, abordando a ideia de que se as mulheres não têm o poder, elas têm poderes. Segundo Perrot (1998, p. 168), “Mais prosaicamente, é a ideia muito difundida de que as mulheres puxam os fiozinhos dos bastidores, enquanto os pobres homens, como marionetes, mexem-se na cena pública”. Perrot elabora a percepção das mulheres com poderes difusos, desdobrando a análise de Foucault sobre o poder. Segundo o filósofo, o poder não está sempre relacionado de forma exclusiva ao Estado ou a um determinado grupo, o poder é circulante.

A discussão sobre gênero faz-se necessária diante dessa construção cultural que define os espaços e os papéis das mulheres e dos homens, tão importantes para esse estudo. A partir da análise de Scott (1990, p. 17), que também utiliza conceitos foucaultianos sobre o poder, a relação entre homens e mulheres é construída cotidianamente e não é um elemento que se possui *a priori*. Segundo a autora:

[...] os dirigentes que se afirmam legitimam a dominação, a força, a autoridade central e o poder soberano identificando-os com o poder masculino [...] e literalmente traduziram este código em leis que põem as mulheres no seu lugar (interditando-lhes a participação na vida política, declarando o aborto ilegal, impedindo o trabalho assalariado das mães, impondo códigos de trajar para as mulheres).

Nessa esfera de percepção do gênero como algo construído socialmente, Butler (2010) o define como “significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” e apresenta ideias que permitem pensar a mulher com zonas de autonomia.

É ancorada nessas leituras que a presente pesquisa situa-se, orientada pela nova história cultural e sua atenção à vida cotidiana, segundo Heller (2000), heterogênea e hierárquica. Heterogênea porque perpassa, por exemplo, o trabalho, a vida privada, os lazeres e as atividades sociais e hierárquicas no sentido de se modificar em função das diferentes estruturas socioeconômicas. Em seu estudo sobre a vida cotidiana a autora constrói o seguinte conceito:

A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*, ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (HELLER, 2000: p. 17).

Assim, ao buscar delinear o padrão comportamental de mulheres de uma dada sociedade, é preciso estudá-las inseridas em seu cotidiano. Com intuito de delinear esse perfil, o estudo irá ater-se ao que a fonte revelava sobre os ideais, as paixões, as preferências e a intelectualidade das mulheres em uma sociedade positivista.

O objeto desse estudo permeia uma análise historiográfica identificada com a nova história cultural. Segundo Vainfas (2002), a expressão ‘nova história’ foi frequentemente utilizada por Marc Bloch e Lucien Febvre nas décadas de 1930 e 1940 para “designar aspectos ou profissões de fé da história defendida pelos Annales contra o historicismo”. Para eles, esta corrente historiográfica busca combater uma “velha história”, que se preocupa com grandes fatos políticos e personagens específicos. Assim, a nova história aponta para uma diversificação das abordagens. Quanto aos temas, é comum a predileção por assuntos ligados ao cotidiano e nisso se pode destacar “o amor, a morte, a família, a criança, as bruxas,

os loucos, a mulher, os homossexuais, o corpo, os modos de vestir [...]” (VAINFAS, 2002: p.23).

Para explicar melhor esse campo de análise, buscou-se o subsídio de Falcon (2002) e seu estudo sobre História Cultural onde ele diz que uma das tentativas de promover uma definição desse cultural é: “[...] centrada por sua vez no estudo das práticas e representações sociais, sem que aí se percam de vista, porém, as relações do cultural com um certo social e de ambos, o cultural e o social, com a linguagem” (FALCON: 2002, p. 81).

Para essa análise, o autor utiliza-se do conceito de representações sociais de Chartier (2002), também valioso na orientação teórica do presente estudo, que entende esta relação como uma história cultural do social, pois enfoca as formas e os motivos do mundo social que traduzem as posições e interesses da sociedade. Elaborando o seu conceito de representação na costura da contribuição de vários autores, Chartier aponta para a construção de imagens que forjam uma universalidade para os grupos ou classes sociais criando identidades sociais a partir de classificações, práticas e instituições orientadas pelo interesse dos grupos dominantes, logo é tecida nas relações de poder. Nas palavras do autor:

Uma dupla via é assim aberta: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultado sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada grupo faz de si mesmo, portanto a sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade.[...] (CHARTIER: 2002, p.73).

Dentro dessa perspectiva, percebe-se a importância da ideia de representação social para situar as senhorinhas da Revista *Ilustração Pelotense*. A publicação veiculava uma representação idealizada pela sociedade pelotense entre os anos de 1919 e 1922. Identificar essa representação desejada, configurar o perfil da “mulher ideal” para a sociedade elitizada é o foco dessa dissertação.

Como ponto de partida para a pesquisa, alguns questionamentos emergiram acerca do comportamento das mulheres da alta sociedade pelotense: a mudança de conduta proporcionada pelo contexto mundial do pós-guerra alcança, de fato, o comportamento feminino local? Como as mulheres que se apropriaram do viver moderno são vistas numa sociedade que está sob a égide dos preceitos

positivistas? Que discursos cercam esses paradigmas comportamentais? Que embates nas relações de gênero se pode verificar com esses discursos? Através da coleta de dados nas páginas da revista, a pesquisa foi configurando essa mulher. É importante ressaltar ainda que o estudo ateve-se às mulheres inseridas em classes sociais elitizadas, pois eram estas que ilustravam, colaboravam e liam a revista em maior número. Nesse sentido, a identificação desse grupo social se deu a partir das análises de Chartier (2002) e Burke (1990).

A elite, enquanto classe social, busca diferenciar-se pelo seu capital cultural. Desta forma, entende-se que reverenciar grandes autores, escutar mestres da música, conhecer poesia, frequentar teatro, elementos continuamente verificados na publicação analisada coloca seus membros dentro de uma esfera cultural que os diferencia do restante da população, sem capital financeiro para essas atividades. A análise feita por Chartier (2002) de alguns conceitos desenvolvidos por Bourdieu, traz a ideia de capital simbólico:

[...] Não se pode pensar que existe uma classificação única e objetiva, mas sim que há uma luta de classificação, uma luta para a classificação. E um dos elementos mais essenciais do trabalho de Bourdieu era pensar que as lutas de classe que regem e organizam o mundo socioeconômico sempre se traduziam em ou se nutriam das lutas de classificação – o direito de dizer a sua própria identidade ou a do outro. (CHARTIER, 2002: p.143):

Nessa luta de classificação, não basta ter o poder econômico para firmar-se como grupo dominante, há uma série de elementos, além do financeiro, que distinguem esse grupo dos demais e dentro desse grupo também há diferenças simbólicas. Burke (1990), sobre as elites de Amsterdã e Veneza do século XVII, aponta algumas considerações importantes sobre as atitudes e valores do grupo dominante da cidade italiana de Veneza:

[...] os venezianos [...] gostavam de escrever livros. A nobreza veneziana em seu conjunto publicou mais de cem livros entre 1580 e 1658; as categorias mais populares eram os poemas, peças de teatro, discursos, filosofia e história, nesta ordem (BURKE, 1990: p.103)

O grupo de destaque social da região citada por Burke, Veneza, identificava-se com o mundo da produção intelectual, inclusive publicando livros. A educação privilegiada também diferenciava as mulheres analisadas para o presente estudo.

É nesse cenário conceitual que esta pesquisa irá tentar identificar as dimensões que configuram as representações sociais que a revista projetava acerca da mulher, atenta aos discursos presentes em textos e imagens.

No que se refere à organização estrutural do texto, os capítulos foram organizados de forma temática. No primeiro, intitulado “Diálogos de saia sobre conceitos e métodos: o gênero, a representação, o positivismo e o discurso” foram apresentados os conceitos que nortearam a pesquisa e propiciaram a trama teórica que configurou as análises dos dados coletados. Ainda nesse capítulo, buscou-se a apresentação e a caracterização da revista *Ilustração Pelotense*, além da descrição da metodologia de pesquisa utilizada. No segundo capítulo, “Tecendo contextos”, a preocupação foi amparar a pesquisa em seu contexto histórico, tanto nacional quanto regional e local, através da exposição de questões políticas, econômicas, sociais e culturais que se relacionam diretamente com a situação das senhorinhas estudadas. No terceiro e último capítulo, “Senhorinhas perfeitas: palavras de, sobre e para as mulheres” são apresentados as informações sistematizadas das edições dos anos de 1919 até o ano de 1922 da revista. Através da transcrição de alguns textos publicados, buscou-se identificar o papel delineado pela revista e apontar as possibilidades de fuga desses padrões. Também algumas imagens veiculadas foram observadas nesse capítulo, para identificar a mulher perfeita para a ideologia castilhistas e os conflitos possíveis dentro desse cenário imposto.

Por conseguinte, partindo do aqui exposto sobre os referenciais teóricos e metodológicos, espera-se contribuir para as discussões acerca dos papéis femininos ao longo do tempo, com a configuração do que se esperava da mulher pelotense, do porquê se esperava determinadas posturas e quais eram as reações ao modelo ideal, bem como as possíveis fugas desse paradigma.

CAPÍTULO 1 DIÁLOGOS DE SAIA SOBRE CONCEITOS E MÉTODOS: O GÊNERO, A REPRESENTAÇÃO, O POSITIVISMO E O DISCURSO

Pelotas, anos de 1920. Ao folhear sem pressa uma revista, uma dama da alta sociedade (a típica senhorinha) encontra personagens conhecidos do seu dia a dia ilustrados nas páginas da publicação. Além das imagens, lhe chama a atenção as crônicas, o espaço das poesias (muitas vezes preenchidos com as criações de conterrâneas), comentários sobre um evento importante no Clube Comercial relatando as figuras de destaque que compareceram e como se comportaram. Surgem, ao longo de sua leitura, as notas sobre viajantes e sobre o andamento dos estudos de mulheres e de homens, sobretudo destes. Também se informa sobre as apresentações de músicos destacados da cidade e arredores, enquanto pausa cuidadosamente a xícara com o chá Buxton, seu preferido. Um rápido olhar sobre a propaganda do creme S. S. White para o rosto que prometia uma “bela cútis”, a faz passar a mão inconsciente pela face, talvez devesse comprar o tal creme. É com interesse ainda mais demorado que essa senhorinha passa os olhos nos anúncios que recheiam a revista: os dos bancos e dos remédios ela ignora, indo logo para as ofertas de calçados da “casa Americana” e do estabelecimento “Clark” e para as casas de moda “A Triumphante” e “Au Petit Paris”. Igualmente lhe desperta o desejo o reclame da confeitaria “Dalila”. Deixaria a sequência do “Crime da Lomba” para depois do jantar, o cair da tarde a fazia pensar nisso.

O relato acima é uma ficção, mas não é mera coincidência a semelhança com as situações cotidianas vividas pelas mulheres da elite da cidade de Pelotas no início do século XX. A revista, que assim poderia ter circulado pelas mãos delicadas, era a *Ilustração Pelotense*, a publicação quinzenal impressa na própria cidade pelos proprietários *Echenique e Comp.* que será analisada em seus discursos de, para, e sobre as mulheres nesse contexto histórico-social ao longo desta pesquisa.

As perguntas que surgem ao se pensar a mulher da elite pelotense ao longo da década de 1920 giram em torno de sua vida cotidiana: quem era, como se estabelecia suas atuações sociais, quais eram suas possibilidades de escolhas e

quais eram as suas limitações. A intenção é a de reconstruir suas possíveis trajetórias, a partir dos discursos presentes em uma publicação, cuja circulação ultrapassava os limites de Pelotas e chegava a cidades importantes como Caxias do Sul e Porto Alegre. Qual seria o perfil ideal de mulher que a revista representava através de sua formação discursiva?

1.1 Todas são Clotilde¹? Para pensar os discursos e as representações das “senhorinhas” na cotidianidade da Primeira República

As discussões teóricas em torno da temática das mulheres se dão em dois eixos de análises: os estudos de gênero que enfocam a representação do feminino através dos discursos filosóficos, médicos, científicos, midiáticos e assim por diante e a história das mulheres que centra sua atenção nos fatos que envolvem a vida cotidiana das mulheres, ou seja, suas práticas sociais. A preocupação em reconstruir a história das mulheres tem por finalidade dar conta de uma invisibilidade constatada, já que os estudos das representações não têm garantido pensar quem eram as mulheres estudadas, como viviam, quais eram suas ambições e como eram suas rotinas diárias, por exemplo. A crítica feita aos estudos de gênero é que, muitas vezes, servem mais como um reforço do masculino, pois os discursos analisados cercam a visão dos homens sobre as mulheres, logo se constituindo novamente em história dos homens.

A trajetória das análises que se propõe a discutir as mulheres tem sua origem no movimento feminista, cujo mérito é ter instalado na cena pública a incômoda questão da falta de direitos por parte das mulheres. Alguns autores e autoras², que se dedicam a observar a história do feminismo, concordam que o movimento teve características diferentes em suas análises desde o seu marco inicial, no fim do século XIX e início do século XX, com as manifestações em torno

¹ Clotilde de Vaux, a paixão platônica que regenerou moralmente o filósofo francês Auguste Comte. Sua musa, casada com um homem que estava preso, recusava-se a aceitar mais do que a simples amizade por parte de Comte, pois julgava o casamento indissolúvel. Seu amor tornou-se ainda mais latente com a morte de Clotilde. O filósofo criou a Religião da Humanidade inspirado em Clotilde e tornou-a o modelo de representação da mulher ideal, que deveria ser pura e íntegra.

² Cito trabalhos como os de Nancy Fraser, Céli Regina Jardim Pinto, Constância Lima Duarte e, em especial, o estudo de Joana Maria Pedro no artigo intitulado *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*, em que ela situa as atuais produções acadêmicas frente à teoria que circunda as categorias “mulher”, “mulheres”, “gênero” e “sexo”, discutidas ao longo deste trabalho.

do direito de voto e de propriedade para as mulheres, constituindo-se na primeira “onda”. A chamada segunda “onda”, situada nas décadas de 1960 e 1970, se detinha nos debates da questão da identidade e no confronto direto com o patriarcado. Já a terceira fase, dos anos de 1990 em diante, busca aprofundar as análises que cercam o conceito de gênero, evidenciando as diferenças étnicas, de raça e de classe dentro dessa categoria. Os debates revelam, por exemplo, que o feminismo dava voz às mulheres brancas, heterossexuais e elitizadas, deixando de lado a diferença também no grupo das mulheres. Contudo, o elemento que não variava, independente da cultura em que a mulher estivesse inserida, era a submissão aos homens.

As narrativas sobre mulheres, produzidas por historiadores, são uma tentativa de melhor compreender as relações entre os homens e as mulheres e a constante relegação destas à invisibilidade e à subordinação. Segundo Pedro (2005), a história das mulheres foi, em parte, permitida pelo avanço nas abordagens históricas que abandonavam os grandes feitos e heróis para concentrar sua atenção aos aspectos do cotidiano de pessoas comuns. Para a autora:

Entre as historiadoras e os historiadores que passaram a seguir a tradição da historiografia dos Annales – que pretendia ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns –, tornou-se mais fácil escrever uma história que incluísse as mulheres. A proposta do método regressivo de Marc Bloch no seu livro-testamento “*O ofício do Historiador*”, permite-nos pensar no passado não só pelas questões do presente, como, também, observar outras fontes, além das unicamente oficiais e narrativas (PEDRO, 2005, p. 85).

Nesse sentido, as narrativas sobre as mulheres se debruçam sobre fontes variadas e, não esquecendo a questão teórica, entabulam a discussão de gênero para compreender o que significava ser homem ou ser mulher no passado. Avançando no esforço de diferenciar a história do gênero da história das mulheres e de chamar a atenção para a carência da produção acadêmica em relação a esta última, Pomata³ (1995, p. 29) assim as diferencia:

³ A contribuição da autora foi apresentada no colóquio “*Femmes et Histoire*”, organizado na Sorbonne entre 13 e 14 de novembro de 1992, por Michelle Perrot e Georges Duby.

[...] penso que a história do gênero, entendida como história da construção social, através de discursos e práticas, das categorias do masculino e do feminino, é perfeitamente legítima e que representa um domínio de extrema utilidade da investigação histórica. Mas, não devemos confundi-la com a história das mulheres e ela não pode, seja em que caso for, obliterar a necessidade de uma história social das mulheres. A primeira tarefa da história das mulheres não é, em meu entender, “desconstruir” os discursos masculinos sobre as mulheres, mas superar essa “penúria dos fatos” relativos à sua existência que tornou a historiografia “tão irreal, tão coxa” e, eu diria, tão pobre.

Tecendo um diálogo com as discussões até aqui apresentadas, a presente pesquisa busca analisar os discursos de, sobre e para as mulheres, veiculados em uma publicação do século XX, para mapear as práticas sociais femininas e os embates de gênero causados por essas práticas. Logo, esta pesquisa irá circular pelos dois eixos de análise numa tentativa de utilizar os discursos e as representações da revista num esforço de identificação dos possíveis fazeres sociais das mulheres para quem esses discursos se dirigiam.

Scott (1995) também se preocupou em analisar a categoria de gênero e assentar a produção acadêmica acerca dessa categoria. A autora critica a abordagem que tem sido feita no meio acadêmico, meramente descritiva e que não questiona os conceitos disciplinares dominantes. Para ela, não há como fazer a história das mulheres separada da história dos homens ou das questões sociais, por isso a importância do gênero como uma categoria a ser analisada. O uso da categoria de gênero se distancia do binarismo biológico nas explicações para as diversas formas de subordinação das mulheres aos homens e se aproxima das construções culturais para tanto: “Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres” (SCOTT, 1995, p. 75). Logo, o gênero é uma categoria social imposta sobre corpos sexuados, mas não é determinado pelo sexo e nem determinante da sexualidade, pois esta é produzida em contextos históricos, numa perspectiva influenciada por Foucault⁴.

⁴ Os conceitos desenvolvidos pelo filósofo Michel Foucault têm dado novas perspectivas aos debates mais recentes acerca da categoria de gênero, sobretudo nas articulações com a sexualidade e o poder. Suas ideias estão presentes nas discussões teóricas de Joan Scott e Judith Butler e também fundamentam grande parte das pesquisas que visam iluminar a história das mulheres.

Desloca, Scott, o uso da palavra gênero do paradigma científico da “causa” para o paradigma literário do “significado”:

[...] Para buscar o significado, precisamos lidar com o sujeito individual, bem como com a organização social, e articula a natureza de suas inter-relações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança. Finalmente, é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por algo como o conceito de poder de Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente construídas em “campos de força” sociais [...] (SCOTT, 1995, p.86).

De acordo com a autora, entende-se que o gênero é um elemento formador das relações sociais que se articulam nas diferenças percebidas entre os sexos e também dá significado às relações de poder.

Butler (2010) também mergulha na categoria de gênero em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Para a autora, o termo *mulher* é um eterno construir, um processo cuja origem ou fim não se tem certeza da existência: “Como uma prática discursiva contínua, o termo está aberto a intervenções e re-significações” (BUTLER, 2010: p. 59). Butler estabelece também como prática discursiva o sexo diferenciando-se de Scott que o entende como um elemento pré-estabelecido. Segundo a autora:

[...] o sexo, já não mais visto como uma “verdade” interior das predisposições e da identidade, é uma significação *performativamente* ordenada (e portanto não “é” pura e simplesmente), uma significação que, liberta da interioridade e da superfície naturalizadas, pode ocasionar a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados do gênero. [...] (BUTLER, 2010: p.60).

Também o gênero, segundo Butler, é uma *performance* social. Ela indica a incoerência das práticas reguladoras da identidade de gênero que determinam como normal o binarismo linear que obriga o ajuste por parte dos que não se enquadram ao modelo comportamental exigido pela sociedade. Essa coerência é estabelecida por palavras e gestos que criam determinadas realidades e são tão repetidos que produzem um efeito ontológico em relação aos sujeitos, configurando-os como

“sendo homens” ou “sendo mulheres”, logo, na visão de Butler, esses sujeitos não existem, são ficções reguladoras.

[...] O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. [...] A univocidade do sexo, a coerência interna do gênero e a estrutura binária para o sexo e o gênero são sempre consideradas como ficções reguladoras que consolidam a naturalizam regimes de poder convergentes de opressão masculina e heterossexista. [...] (BUTLER, 2010, p. 59).

Scott e Butler oferecem subsídios para pensar o gênero e o sexo, permitindo situar o estudo das mulheres de forma a dialogar com a sociedade a que elas pertencem, uma vez que esse “ser mulher” é uma construção, uma *performance* social.

Nessa *performance* social, nessa ficção de papéis coerentes com o “sexo”, as mulheres, incluindo portanto as de raças, etnias ou classes diferentes, têm sido marcadas pela submissão aos homens. Assim, Michelle Perrot (2005) aborda a questão:

[...] Homens e mulheres são identificados por seu sexo; em particular as mulheres são condenadas a ele, ancoradas em seus corpos de mulheres chegando até a ser prisioneira deles. Assiste-se, então, à biologização e à sexualização do gênero e da diferença entre os sexos. As implicações teóricas e políticas desta mutação são consideráveis. [...] ela traz uma base, um fundamento naturalista para a teoria das esferas – o público e o privado - identificadas com os dois sexos, [...] Esta naturalização das mulheres, presas a seus corpos, à sua função reprodutora materna e doméstica, e excluídas da cidadania política em nome desta mesma identidade, traz uma base biológica ao discurso paralelo e simultâneo da utilidade social (PERROT, 2005, p.470).

A análise da autora procura os fundamentos sociais que justificam a condição feminina, sempre subjugada, verificada ao longo da história. Encontrando respostas na biologização e na sexualização do gênero para organizar a sociedade em esferas, a autora destaca a mulher como condenada ao privado. O diálogo estabelecido neste estudo com Scott e com Butler, no entanto, esclarece que o fundamento biológico para a submissão é uma construção social e cultural, pois carrega no sexo a explicação para a suposta inferioridade da mulher em relação ao homem, atendendo ao discurso regulador do poder.

As autoras acima citadas entabulam suas discussões a partir de Michel Foucault (1993) que desenvolve o seu conceito de poder tendo por base as verdades produzidas por discursos que resultam na formação de poderes específicos com finalidades igualmente específicas. Logo, o sexo é transformado em discurso para permitir a dominação por parte de alguns e a subordinação da maioria. Conforme o filósofo:

Para caracterizar não o seu mecanismo, mas sua intensidade e constância, poderia dizer que somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. [...] estamos submetidos à verdade também no sentido em que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função de discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder (FOUCAULT, 1993, p. 180).

Entendendo que as mulheres focadas nesta pesquisa estavam inseridas em uma sociedade que lhes exigia o desempenho de papéis determinados, o amparo teórico dos autores aqui apresentados esclarece conceitos importantes para compreender as relações de poder entre os gêneros, pois era na trama destas relações que se produziam os discursos definidores do modelo de comportamento ideal feminino a ser difundido.

A presente análise, por concentrar-se nos discursos, referente às mulheres, de uma publicação que ilustrava a vida das classes privilegiadas, e esse aspecto se evidencia em seu conteúdo voltado para atividades de pessoas que possuísem recursos financeiros como viagens, notas sobre educação secundária e superior, cobertura de eventos importantes em clubes de destaque, exige que se compreenda, a partir das abordagens de outros autores, como se constituía a vida de uma mulher da elite.

Burke (1990), ao analisar as elites das cidades de Veneza e Amsterdã no século XVII, destaca a necessidade de identificar quais grupos são os detentores do poder, da riqueza e do *status* em qualquer estudo que se concentre na elite. A revista analisada, importante não só para a cidade de Pelotas, mas como também para os arredores, ao publicar em suas páginas notas e imagens de grandes fazendeiros ou de membros de suas famílias, fornece elementos sobre o grupo e

sua riqueza. Ao dar visibilidade para os grandes acontecimentos sociais estabelece o jogo do *status* desse determinado grupo, e o poder se constrói através dos discursos ali veiculado que configuram as verdades, as regras e os valores.

As mulheres da elite, encerradas nas possibilidades dos laços matrimoniais, pois estes se constituem em instrumento do poder, da riqueza e do *status*, foram estudadas por Badinter (2003). A autora se propõe a analisar a ambição das mulheres ricas do século XVIII e quais eram seus mecanismos de atuação social.

Badinter começa definindo a ambição como uma aspiração independente do sexo, um sentimento que não revela o melhor lado do ser humano, pois coloca esse humano como insatisfeito com sua condição e “sair da condição na qual Deus nos fez nascer é um erro fundamental que desafia a ordem estabelecida” (BADINTER, 2003: p. 13). Tratando da ambição feminina, a partir da história de vida de duas mulheres da elite, a autora estabelece algumas questões importantes sobre as possibilidades e as limitações que cercavam a mulher rica.

Segundo a autora, a mulher da elite francesa, no período por ela abordado, era esmagada por um sono existencial, uma inutilidade completa, uma vez que nem mesmo os argumentos ultrapassados que fundamentam a biologia, como o destino, a elas se aplicam. As tarefas do lar e o cuidado dos filhos eram tarefas relegadas a terceiros, pagos para as desempenharem. Elas eram extensões das propriedades dos seus maridos e se constituíam no ornamento social de que eles precisavam. Por essa razão, eram incentivadas a estudarem, a se intelectualizarem, não para uma aplicação em atividades práticas como o trabalho, mas para enriquecerem o capital cultural de seus esposos.

A elite, enquanto classe social, se empenhava em diferenciar-se pelo poder simbólico, além do político e do financeiro. Assim, entende-se que reverenciar grandes autores, escutar mestres da música, conhecer poesia, frequentar teatro os coloca dentro de uma esfera cultural que os diferencia do restante da população que não tem capital financeiro para essas atividades. A análise feita por Chartier (2002), de alguns conceitos desenvolvidos por Bourdieu, traz a seguinte ideia:

[...] Não se pode pensar que existe uma classificação única e objetiva, mas sim que há uma luta de classificação, uma luta para a classificação. E um dos elementos mais essenciais do trabalho de Bourdieu era pensar que as lutas de classe que regem e organizam o mundo socioeconômico sempre se traduziam em ou se nutriam das

lutas de classificação – o direito de dizer a sua própria identidade ou a do outro (CHARTIER, 2002, p.143).

Nessa luta de classificação, não basta ter o poder econômico para se firmar como grupo dominante, há uma série de elementos além do financeiro que distinguem esse grupo dos demais e dentro desse grupo também há diferenças simbólicas, como a condição de nascimento, o “berço”, tão importante para a aristocracia se diferenciar das classes em ascensão pelo poder econômico. Nesse sentido, Badinter (2003) descreve as ações da mulher da elite:

Frequentar salões foi a atividade mais procurada pelas mulheres. Signo de sua liberdade, pois elas podiam receber a quem quisessem, era também a ocasião de verificar seu poder e o interesse por sua pessoa. (BADINTER, 2003: p.37)

Avaliar cada um dos convidados, provocar a conversação, torná-la engraçada, picante e interessante, dar a impressão aos convivas de que participam de algo excepcional é antes de tudo a arte de bem receber levada à sua perfeição nestes salões que ficaram célebres. [...]. (BADINTER, 2003. p. 38)

A ambição da mulher rica a levava a desenvolver um capital intelectual que a valorizasse em seu meio.⁵ E elas usavam esse capital como um braço de poder, esclarecido por Foucault como algo fragmentado, conforme já discutido. Porém, havia limitações para essas ambições e atuações: “[...] Sua disponibilidade intelectual e sua energia são também amputadas pelos deveres sociais e familiares” (BADINTER, 2003, p. 420).

O trabalho intelectual só poderia ser realizado após o cumprimento das tarefas mais importantes que constituíam o papel feminino e mesmo ele se tornava mais uma tarefa esperada pelo círculo ao qual pertenciam. Pedro (2007) disserta sobre as tarefas prioritárias que deveriam ser desempenhadas pela mulher de camadas privilegiadas:

[...] O isolamento feminino nas atividades de esposa, mãe e dona de casa tornou-se forma de distinção para uma classe urbana abastada

⁵ Joana Maria Pedro, em sua contribuição para o livro *História das Mulheres no Brasil*, escreve sobre as mulheres do Sul. Ao abordar as mulheres gaúchas, ela chama a atenção para o modelo desejado pelo positivismo que recomendava a educação das mulheres, apesar de propagar também os discursos que homogeneizavam o papel social das mulheres. Cito: “Era, portanto, para atuar no espaço privado que as meninas deveriam ser instruídas. Enquanto esposas, tornava-se necessário, antes de mais nada, saberem ‘agradar’” (PEDRO, 2007, p.300).

e, também, para funcionários públicos, pequenos comerciantes e proprietários urbanos, estes últimos desejando ascensão social. As famílias demonstravam sua “distinção social”, entre outras coisas, pela dedicação de suas mulheres exclusivamente aos papéis familiares [...] (PEDRO, 2007, p. 285).

A análise de Pedro permite compreender o isolamento da mulher no espaço privado como mais uma peça da distinção social, mais um elemento da luta de classificação que marca a diferença entre as camadas ricas ou em ascensão e as camadas pobres. A esposa, a filha, a mãe ou a irmã de um proprietário de terras ou de um industrial, bem como de um homem que tenha provimentos considerados suficientes ou satisfatórios dentro de uma realidade social não “precisava” trabalhar fora, pois a família não dependia diretamente de seus esforços financeiros e delas eram exigidas outra postura, outros papéis.

Os papéis femininos elaborados pelos discursos, os jogos do poder nas relações de gênero, as possibilidades de atuação para a mulher da elite são alguns diálogos que permearão a presente pesquisa e permitirão melhor compreender o objeto: a representação de um paradigma idealizado de mulher configurado através de práticas discursivas no cotidiano da sociedade pelotense ao longo década de 1920.

É na vida cotidiana que se tecem todos os aspectos da individualidade e da personalidade de homens e de mulheres. Compreender como ela se estrutura é de vital importância para este estudo que se concentra no cotidiano da mulher pelotense de elite para identificar um modelo de mulher perfeita para essa sociedade e as implicações desse paradigma.

Heller (2000) identifica os elementos que estruturam a vida cotidiana em sua heterogeneidade, “a organização do trabalho e da vida privada, os lazeres e o descanso, a atividade social sistematizada, o intercâmbio e a purificação” (HELLER, 2000: P.18). A vida cotidiana também é marcada pela hierarquia que se altera para adaptar-se às diferentes estruturas socioeconômicas, podendo ser mais importante em um momento o trabalho e em outro o divertimento e a contemplação, para exemplificar.

Segundo a autora, homens e mulheres nascem inseridos em sua cotidianidade, sendo “adulto” quem é capaz de viver com autonomia a sua vida cotidiana. Faz parte do processo de amadurecimento a aquisição das habilidades fundamentais para viver a cotidianidade de uma camada social. A apropriação por

parte do indivíduo dessas habilidades o leva a uma manipulação social, pois ele assimila as “regras” e os “valores” necessários para agir em um determinado grupo. Assim:

[...] O homem aprende no grupo os elementos da cotidianidade (por exemplo, que deve levantar e agir por sua conta; ou o modo de cumprimentar, ou ainda como comportar-se em determinadas situações, etc.); mas não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham “valor”, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente (HELLER, 2000, p. 19).

O grupo, portanto, é importante para tornar possível o processo de aquisição por parte dos indivíduos dos costumes, normas e valores que a sociedade espera deles. O indivíduo é o resultado de suas relações sociais, expressa o que aprendeu no grupo, mas também deve seu desenvolvimento às suas possibilidades de liberdade. O indivíduo, dentro das possibilidades dadas, tem algumas zonas de autonomia, pode fazer algumas escolhas. Heller explica como se dão essas escolhas:

A vida cotidiana está carregada de alternativas, de escolhas. Essas escolhas podem ser inteiramente indiferentes do ponto de vista moral (por exemplo, a escolha entre tomar um ônibus cheio ou esperar o próximo); mas também podem estar moralmente motivadas (por exemplo, ceder ou não o lugar a uma mulher de idade). Quanto maior é a importância da moralidade, do compromisso pessoal, da individualidade e do risco (que vão sempre juntos) na decisão acerca de uma alternativa dada, tanto mais facilmente essa decisão eleva-se acima da cotidianidade e tanto menos se pode falar de uma decisão cotidiana. [...] (HELLER, 2000, p. 24).

Segundo a autora, na cotidianidade não há como concentrar todos os esforços em cada decisão. A espontaneidade é uma característica dominante da vida cotidiana, na medida em que se expressa na assimilação do comportamento social esperado e do ritmo de vida cujas motivações de apropriação se alteram constantemente. Assim destaca a autora:

É evidente que nem *toda* atividade cotidiana é espontânea no *mesmo* nível, assim como tampouco uma mesma atividade apresenta-se como identicamente espontânea em situações diversas, nos diversos estágios de aprendizado. [...] A assimilação do comportamento consuetudinário, das exigências sociais e dos modismos, a qual, na maioria dos casos, é uma assimilação não tematizada, já exige para sua efetivação a espontaneidade (HELLER, 2000: p.30).

Nesse sentido, os aspectos aqui destacados, orientam o olhar sobre o objeto a ser analisado nesta pesquisa. Observar a cotidianidade da vida das mulheres através de suas escolhas, de sua espontaneidade, da forma como elas se apropriam dos valores, regras e hábitos do grupo em que vivem e os reproduzem auxiliam na identificação de um perfil de mulher.

Os valores, costumes e normas que constituíam a vida cotidiana das mulheres focadas neste estudo eram ditados pelas ideias positivistas⁶. O positivismo de Comte no Rio Grande do Sul transformou-se em “Castilhismo” ou como assinala Boeira (2007) o que se viu no sul do Brasil na primeira república foram vários positivismos com formas, públicos, objetivos variados. Assim, Boeira (2007, p. 393) define:

[...] no período da Propaganda Republicana, sublinha-se o caráter “científico” do comtismo, de maneira a valorizar as propostas de um grupo político minoritário, [...]. Com o declínio das correntes evolucionistas e científicas entre as elites intelectuais brasileiras e a eclipse do positivismo (político ou não) em nível nacional, o PRR passa – especialmente após a morte de Castilhos – a sublinhar, de preferência, as virtudes moralizadoras do comtismo. [...] No período da propaganda sublinhava-se a rebeldia dos rio-grandenses; agora se valoriza seu respeito à hierarquia e sua disposição à rebeldia.

É nesse contexto, político, social e ideológico castilhista, que se inserem as “senhorinhas” que estampavam as páginas da revista *Ilustração Pelotense*. As bandeiras erguidas pelos gaúchos até o final da década de 1920 giravam em torno da importância da família, das tradições, dos deveres de cada integrante da

⁶ De acordo com Paulo Pezat que afirma: “[...] A difusão do positivismo foi muito maior nos centros urbanos mais desenvolvidos da região próxima ao Litoral, notadamente Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas, e na região próxima à fronteira meridional, principalmente em cidades como Bagé e Jaguarão” (PEZAT, 2007: p. 77).

sociedade e da obediência à hierarquia social. A junção desses elementos permitiu a implantação de um sistema autoritário que se manteve com apoio social porque alterava suas características de acordo com a necessidade. Com uma estruturação baseada no princípio da razão e alicerçada em uma Constituição, condicionava a liberdade das pessoas aos interesses do Estado coibindo a individualidade e incentivando o coletivismo.

Segundo Trindade (2007), a implantação de um sistema autoritário foi possível através da adoção de estratégias:

A estratégia castilhistas se estabeleceu a partir da articulação de quatro elementos principais: o coercitivo, o constitucional-partidário, o religioso e o cultural. Essa estratégia, na qual o cimento ideológico é o positivismo de Comte, se desenvolveu de uma maneira progressiva combinando ações de curto e longo prazo (TRINDADE, 2007: p. 494).

A estratégia adotada pelo modelo castilhistas permitia a perpetuação da elite no poder, o discurso que convencia ao abandono da individualidade em favor do bem-comum cerceava as liberdades e impossibilitava os questionamentos. Uma “liberdade sob tutoria” era o que se pregava, na expressão de Rodríguez (2007):

[...] Fora do contexto do bem público que, como vimos, identifica-se com a moralização (ou seja, com a renúncia dos cidadãos aos interesses individuais), a segurança e prosperidade do estado, não pode haver liberdade para as pessoas. [...] Em ordem a conseguir a moralização da sociedade, o governante deve, segundo a doutrina castilhistas, exercer uma *tutela* sobre ela, a fim de que os seus membros se amoldem à procura do bem público. Esse papel educativo caracteriza o *estadista conservador* que, além de governante exemplar, deve ter “a convicção do apóstolo e da justiça do magistrado” [...], a fim de estabelecer o equilíbrio entre as forças sociais e conseguir a harmonia entre a liberdade individual e autoridade. [...] (RODRÍGUEZ, 2007, p. 65).

A preocupação com uma moralização que estabeleceria uma ordem norteou os discursos das primeiras décadas do século XX no Rio Grande do Sul e cidades como Pelotas seguiram essa máxima. No que se refere à educação, o castilhismo promoveu o desenvolvimento da instrução primária, formação secundária e também

incentivou o nível superior⁷. As mulheres da elite gaúcha foram beneficiadas intelectualmente pelo incentivo positivista à instrução, de acordo com Pedro (2007), mas sua inteligência tinha o objetivo de completar a genialidade masculina. Mesmo sendo reconhecida como possuidora de capacidades mentais, seu espaço não mudaria, seria o privado. Era no lar que ela colocaria em prática sua instrução contribuindo com a educação familiar, a base da sociedade, logo, a tarefa relegada ao sexo feminino era de importância inigualável. De acordo com (PEDRO, 2007: p.298):

A predominância das ideias positivistas significou a repetição, nessa região, dos mesmos discursos homogeneizadores dos papéis femininos: identificou a mulher como tendo uma natureza complementar à do homem, apresentado uma diferença que justificava sua educação específica. Mesmo assim, significaram um certo avanço, pois recomendavam a educação das mulheres, já que como mães eram as responsáveis pela construção dos “homens de amanhã” – coisa rara até então.

A mulher da elite, que não precisava se preocupar com o sustento do lar, tinha como tarefa única a educação dos filhos, dos “homens de amanhã”. O progresso desejado dependia da organização da sociedade que começava em núcleos menores, como a família. Para obter indivíduos regrados e preocupados com seus deveres mais do que com seus direitos, era fundamental instruir “as educadoras”, as mães. Era necessário doutrinar as mulheres para, indiretamente, direcionar a estrutura social desejada. No contexto positivista, a mulher deveria renunciar à vaidade, preocupando-se com sua beleza de forma moderada exclusivamente para agradar ao marido. A futilidade esvaziava sua principal função de progenitora. Ismério (1995) apresenta o modelo de mulher ideal para o positivismo:

⁷ Conforme aponta Hélgio Trindade, essa política pública educacional elevou o índice de alfabetização do Rio Grande do Sul como o mais alto do Brasil: 38,8%.

Frágil, sentimental, obediente e pura, estes eram os atributos da *rainha do lar* e do *anjo tutelar*. Representavam a imagem da perfeição feminina e foram amplamente reverenciados e difundidos pelos positivistas. Esses modelos exemplares tinham que ser seguidos por todas as mulheres, independente de sua condição social, pois para Comte “*o anjo deve ser invocado como protetor e modelo*”. (ISMÉRIO, 1995, p.30).

Assim, a submissão das mulheres aos homens era tecida nos discursos que atingiam a sociedade através dos jornais, revistas, palestras, escolas. O discurso que configurava a mulher como a rainha do lar, muitas vezes, vinha das próprias mulheres, já educadas para reproduzir esse paradigma: “Ao aceitar o papel secundário, a mulher legitimava os dogmas da moral conservadora imposta. [...]” (ISMÉRIO, 1995, p.90).

A autoridade masculina era o reflexo da autoridade do líder. O modelo engessado defendido pelo castilhismo determinava os papéis sociais a serem desempenhados por homens e mulheres no sentido de atingir o bem-comum. Na visão de Isaia (2007), que escreve sobre o catolicismo e o castilhismo, o ideal positivista adotado no estado:

[...] Era o ideal salvacionista de uma elite científica, que embasava uma intervenção governamental completamente contrária às teorizações (que o castilhismo abominava), e que valorizava uma prática alicerçada na conservação da ordem e na perpetuação da autoridade do líder. [...] O bem-comum, nessa ótica, seria factível através da obra moralizadora e coercitiva de um poder central forte, que garantisse a consecução de seu projeto, através da continuidade administrativa (ISAIA, 2007, p.26).

Logo, o projeto positivista definia o conjunto de regras morais que ultrapassava os valores individuais e impunha ações sociais coletivas. A família dirigida pelo homem, o casamento monogâmico e o confinamento da mulher no lar faziam parte da estrutura desse projeto como elementos que o viabilizavam. A ordem imposta pela ideologia do governo vigente agradava as camadas de maior poder aquisitivo na medida em que mantinha a sociedade sob um rígido padrão disciplinar.

A disciplina, a ordem e os valores morais ditavam um modelo de comportamento para os gaúchos em geral. Esse modelo chegava até a população

por meios variados, era assimilado e reproduzido se arraigando na vida de homens e mulheres.

A sociedade positivista selava o destino das mulheres com a criação dos filhos, os adultos do futuro que teriam a missão de conduzir as práticas sociais. O paradigma feminino defendido gerava uma “representação” que atendia aos interesses específicos dos grupos dominantes.

Chartier (2002) define a “representação coletiva” como melhor articuladora do que o conceito de mentalidade das três formas de relação com o mundo social: a classificação que configura a seleção pela qual a realidade é construída de forma heterogênea; as práticas que se traduzem em ações individuais que visam reconhecer uma identidade social e as formas institucionalizadas e objetivadas quando a existência de determinado grupo é destacado pelas ações coletivas ou individuais de “representantes”. A ordenação estrutural do social passa, para o autor, pelas lutas de classificação que elaboram estratégias simbólicas que permitam constituir a identidade de cada classe, grupo ou meio.

Assim conceitua Chartier:

[...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma “imagem” capaz de trazê-lo à memória e “pintá-lo” tal como é. A relação de representação, assim entendida como correlação de uma imagem presente e de um objeto ausente, uma valendo pelo outro, sustenta toda a teoria do signo do pensamento clássico [...] (CHARTIER, 2002, p.74).

Logo, com a potencialidade de criar uma realidade ausente, a representação articulada às práticas sociais legitimam projetos como o positivismo, por exemplo, na medida em que fundamentam para os indivíduos suas escolhas ou mesmo as induzem.

As representações, longe de serem neutras, fabricam os meios e as ações sociais que justificam sua autoridade frente aos demais signos, conforme destaca Chartier:

[...] A relação de representação é assim turvada pela fragilidade da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os sinais visíveis como indícios seguros de uma realidade que não existe. Assim desviada, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária lá onde falta o possível recurso à força bruta (CHARTIER, 2002, p. 75).

Mas as representações dependem da apropriação feita pelos indivíduos, do crédito concedido a elas no grupo. Elas não existem de fato até que passem a conduzir atos, práticas sociais, daí a importância dos dispositivos discursivos e visuais que atuam diretamente no “fazer-crer”. Para que a relação de representação seja compreendida, há duas condições necessárias, segundo Chartier (2002, p.173): o conhecimento do signo como signo e as convenções que relacionam o signo com a coisa significada.

Os indivíduos constroem imagens de si mesmos em teatralizações que substituem o real e que configuram as suas realidades sociais. Nesse sentido, as representações levam “a pensar o mundo social ou o exercício do poder de acordo com um modelo relacional” (CHARTIER, 2002: p. 177).

Portanto, pensar um modelo de mulher, a representação feminina de um determinado período histórico, é identificar os elementos fabricados com vistas a provocar ações coletivas que são comandadas pelas prioridades sociais de um grupo ou pelos recursos próprios de um poder. Uma realidade social é construída por meio de classificações, delimitações e seleções.

Becker (1999) defende que os modos de representação fazem mais sentido quando inseridos em um contexto organizacional, incorporando à análise as “estruturas burocráticas, orçamentos, códigos profissionais, características e aptidões do público são todos os aspectos que marcam o falar sobre a sociedade.” (BECKER, 1999, p.183). Como é a organização social que modela as representações, elas são variantes. A forma e o conteúdo dessas representações vão mudando na medida em que o organizacionismo determina as ações sociais e também o que a sociedade espera que as representações façam, seus efeitos sociais. De acordo com o autor:

[...] A influência de orçamentos, o papel da profissionalização, que conhecimento o público precisa ter para que uma representação seja efetiva, o que é eticamente permissível ao se fazer uma representação – todos estes aspectos são comuns a todas as formas de representações. Como são solucionados e tratados varia em função dos recursos e propostas organizacionais (BECKER, 1999: p.140).

Os efeitos esperados fazem parte de um conjunto de interesses dos produtores das representações, dos que manipulam sua elaboração. Logo, identificando o discurso e o grupo produtor, fica mais fácil chegar ao efeito esperado de uma possível ficção cuidadosamente construída como substitutiva do real.

A análise de discurso, oriunda de uma linha francesa firmada na década de 1970⁸, focaliza o sujeito em intersecção, reproduzindo sentido por meio da linguagem em dado contexto. O sentido não está nas palavras, as significações se estabelecem na interação entre os interlocutores e na manifestação do sujeito no interior do discurso. Este é o efeito de uma significação por parte dos locutores que representam lugares na estrutura social, logo “discurso é efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2005, p.21).

O sujeito é submetido à língua e à história e, também, às determinações ideológicas a que pertence e estas se delineiam através do sentido produzido pelos locutores. As palavras recebem seus efeitos de formação discursiva e, nesse processo, o sentido determina, sob a aparência de autonomia, a dominação do sujeito.

Dado que o sentido é produzido pelos locutores, para estudar seus efeitos, Orlandi (2005) orienta:

[...] a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentido, como está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim, novas práticas de leitura (ORLANDI, 2005, p. 27).

Dessa forma, quando os discursos alcançam a interpretação esperada por parte de seus produtores, uma representação é constituída e o seu desdobramento

⁸ Trajetória identificada no artigo de Décio Rocha e Bruno Deusdará (2005).

se configura em práticas sociais. O sujeito se manifesta através das práticas discursivas que, por sua vez, tecem o discurso, materializador da ideologia. A formação discursiva, nesse contexto, possibilita a compreensão do processo em que o sentido é fabricado, pois é ela quem carrega a significação das palavras. Atendendo ao jogo de interesses dos grupos dominantes inseridos em uma sociedade, as palavras assumem um sentido em detrimento de outro, elas são o elemento constitutivo do discurso. E não há discurso isolado, um discurso parte de uma anterioridade e gera um novo processo discursivo⁹.

Analisar um discurso, portanto, é ater-se na forma como ele se textualiza: a quem diz, para quem diz, como diz, quando diz e por quê diz; esses elementos compõem o que Orlandi (2005) chama de materialidade linguística.

De acordo com esses argumentos, analisar um discurso é aplicar um método definido de extração de um campo discursivo levando em consideração as condições da produção do discurso. Compreender as relações das formações discursivas com a ideologia possibilita alcançar o estabelecimento dos sentidos.

Para Orlandi, o texto é uma unidade que permeia o acesso ao discurso. Na sua análise metodológica tem que se levar em conta que:

O texto, como dissemos, é a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão direcionada, tamanho. Mas é também, e, sobretudo, espaço signifiante: lugar de jogos de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade. Como todo objeto simbólico, ele é objeto de interpretação. [...] Na análise de discurso não se toma o texto como ponto de partida absoluto (dadas as relações de sentidos) nem de chegada. Um texto é só uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente e é assim que deve ser considerado. Ele é um exemplar do discurso (ORLANDI, 2004: p. 72)

Logo, percebe-se que o texto, sendo um exemplar do discurso e uma expressão escrita, deve ser analisado de forma a contemplar o contexto em que foi produzido para melhor captar seus objetivos ao produzir um “sentido”. O produto da

⁹ Antonio Carlos Martins, em seu *artigo Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso* (2004), ao abordar a questão do sujeito se julgar articulador e controlador do seu discurso, dialoga com Pêcheux: “[...] Segundo (Pêcheux, 1983), o sujeito caracteriza-se por dois esquecimentos: no esquecimento um, o sujeito tem a ilusão de que é o criador absoluto do seu discurso, a origem do sentido, apagando tudo que remeta ao exterior de sua formação discursiva; no esquecimento dois, o sujeito tem a ilusão de que tudo que ele diz tem apenas um significado que será captado pelo seu interlocutor” (MARTINS, 2004, p.7).

análise deve elucidar os processos de produção dos significados e as possíveis apropriações por parte dos sujeitos.

O método de análise de discurso prevê três etapas: A primeira é passagem da superfície linguística para a formação discursiva (objeto discursivo), que já constitui a segunda etapa na análise do processo de significação que leva à terceira etapa que é formação ideológica.

Ao analisar as páginas de um periódico ou de uma revista, por exemplo, a observação atenta dos elementos que geram os discursos: as palavras usadas, seus contextos, seus subentendidos (não dito, mas presente) permitem delinear seus possíveis significados e compreender as relações sociais em cena. Através da análise de discurso pode-se materializar a ideologia adotada por determinada sociedade e os comportamentos refletidos na interpretação dos interlocutores.

1.2 Crônicas Insulsas: A *Ilustração Pelotense* como fonte

O método emancipou a história da filosofia e das demais ciências humanas. A ascensão promovida à condição de ciência, no entanto, colocou a disciplina diante de alguns dilemas. Para afastar-se da ficção, o historiador deveria partir de documentos confiáveis da época abordada, para encontrar, após as suas análises, as verdades sobre o passado. Como aponta Grespan (2005), o cientista usaria o método como experiência para obter a verdade, mas o conteúdo do real não se materializa para o cientista de maneira ordenada e coerente, precisa ter sua estrutura desvendada, por isso o “método é muito mais a forma de proceder adequada a um conteúdo” (GRESPLAN, 2005, p.293).

Essa confiança na capacidade de se obter a verdade, em parte, deve-se ao positivismo e ditadura da ciência e do progresso. Mas, de acordo com Grespan (2005), no início do século XX essa visão começa a se modificar com a admissão, por parte dos historiadores, de que a neutralidade desejada diante do objeto pesquisado era impossível. O método não é neutro e a objetividade não existe. O pesquisador faz escolhas, interage com a fonte e sua interpretação é subjetiva e até imaginativa.

Nessa perspectiva, autores como White (1992) destacam a busca sem sentido dos historiadores pela cientificidade do fazer histórico através de uma rígida padronização institucional que lhes permita uma base segura para explicar a

realidade histórica. White critica esse desejo de tornar textual (de forma engessada) um contexto interpretado de uma realidade que é plural. Essas reivindicações científicas dos historiadores, delimitadas nesse processo disciplinador, colocam a história como uma disciplina que contribui cada vez menos com uma cultura criativa, crítica e intelectual. Para eles, a história e a literatura são narrativas explicativas do real que se valem da linguagem para explicar o mundo.

Sobre o trabalho do historiador, nos diz White (1992):

[...] considerarei o labor histórico como o que ele manifestamente é, a saber: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de *explicar o que eram representando-os* (WHITE, 1992, p.18).

Os críticos da cientificidade estéril propunham considerar “a narrativa como arte, o ponto de vista como estilo” (GRESPLAN, 2005, p.287). Ter certeza do que aconteceu no passado é um desejo utópico, visto que as fontes não permitem saber exatamente todas as nuances de um fato. Para tomar forma carecem da interpretação do pesquisador, bem como dos elementos imaginativos de sua narrativa.

Dissertando também sobre as fronteiras da disciplina, Luca (2005), ao abordar os periódicos, afirma que, ainda na década de 1970, a pesquisa em jornais e revista era relativamente pouca e explica que isso se deve justamente à busca infundável pela objetividade na pesquisa histórica. As publicações eram vistas como “registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões” (LUCA, 2005: p.112) e logo, não eram fidedignos, pois forneciam informações parciais levando a pesquisa para a subjetividade.

A partir da chamada Escola dos *Annales*¹⁰ essa visão começou a mudar, uma vez que estabelecia novos olhares sobre a disciplina, propondo novos temas,

¹⁰ Peter Burke (1997), em sua obra *A Escola dos Annales 1929 – 1989: A revolução francesa da historiografia*, aborda a trajetória da revista fundada por Lucien Febvre e Marc Bloch que inaugurou os debates sobre acerca de uma nova história: “Originalmente chamada de *Annales d'histoire économique et sociale*, tendo por modelo os *Annales de Géographie* de Vidal de La Blanche, a revista foi planejada, desde o seu início, para ser algo mais do que outra revista histórica. Pretendia exercer uma mudança intelectual nos campos da história social e econômica. Seria o porta-voz, melhor dizendo, o alto-falante de difusão dos apelos dos editores em favor de uma abordagem nova e interdisciplinar da história” (BURKE, 1997: p.33)

problemas e métodos. Nessa ótica, alterou-se a forma de indagar as fontes que passaram a ser menos importantes pelas informações cedidas e mais pela forma como eram cedidas. Com aporte nessas perspectivas, a imprensa já não é mais questionada quanto à sua objetividade (LUCA, 2005).

A pesquisa em impressos oferece subsídios para a compreensão das demandas cotidianas da vida urbana, das representações, das ideologias e dos valores sociais e morais em um dado espaço geográfico e em um determinado contexto histórico. O presente estudo, visando corroborar a importância da imprensa como fonte, destaca uma breve trajetória da história da imprensa.

Morel (2008) aponta a chegada da Corte portuguesa no Brasil em 1808 como o momento chave para o início da atividade sistemática de impressão no país, com a instalação da tipografia da Imprensa Régia. Para controlar essas impressões, os poderes civil e eclesial se encarregaram da censura. Além do atraso, da censura e do oficialismo presentes em muitas explicações acerca dos primórdios da imprensa, Morel (2008) acrescenta:

[...] o periodismo pretendia, também, marcar e ordenar uma cena pública que passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, em suas dimensões políticas e sociais [...] (MOREL, 2008, p.25).

O autor chama a atenção para o fato da imprensa periódica no Brasil não surgir num completo vazio cultural, mas numa trama de experiências e formas de transmissão anteriormente existentes. As primeiras publicações lidas sistematicamente no Brasil foram o *Correio Braziliense* (impresso na Europa) e *A Gazeta do Rio de Janeiro* (impressa no Rio de Janeiro, na Imprensa Régia), ambos com fortes conotações políticas. De acordo com Morel (2008), entre os anos de 1820 e 1821 houve um crescimento da imprensa e um desenvolvimento da opinião pública, mas a liberdade de imprensa não foi uma constante, pois era difícil unir os interesses de redatores, governos e leis. Segundo dados levantados por Gomes (2009):

[...] No Rio de Janeiro de 1820 a população que só tinha a seu dispor um periódico, passou a se deparar em 1821 com 11 periódicos. Daí em diante os jornais ganharam cada vez mais espaço: em 1822 tivemos 17 jornais editados; em 1823 foram publicados 14

periódicos; em 1830 foram 22; em 1845 foram 45 e, em 1833 foram 72 periódicos (GOMES, 2009, p. 18).

O aumento nos índices quantitativos referentes às publicações foi acompanhado, segundo Sodré (1999), por mudanças de objetivos sociais e na forma:

[...] A nossa imprensa, no que tinha de específico, não mudou muito com a passagem do Império à Regência, ou do Império à República. Mudou muito, entretanto, quanto ao conteúdo, quanto ao papel desempenhado [...] (SODRÉ, 1999, p.6).

A história da imprensa brasileira aponta para o grande número de periódicos que surgiam por não terem um custo de produção muito alto, em função do pouco número de páginas e do tamanho das publicações. Morel (2008) afirma que se verificou, no início do século XIX um aumento do público leitor, das tiragens de publicações e do número de títulos, “dando a escrita impressa uma crescente importância, apesar de ainda diminuta em relação ao total da população” (MOREL, 2008, p. 39).

No Rio Grande do Sul, a imprensa tem seu desenvolvimento com a formação do Estado Nacional. De acordo com Alves (1995):

O surgimento da imprensa no Rio Grande do Sul foi profundamente marcado pela convulsão política característica da formação do Estado Nacional Brasileiro e pelo clima pré-revolucionário que preparava a guerra civil. Apesar de incipientes os grupos políticos digladiavam-se na defesa de suas tendências, ocasionando acirrada oposição entre o que genericamente pode-se caracterizar como conservadores, moderados e radicais (ALVES, 1995, p. 20).

Segundo Rüdiger (1993), tivemos duas fases no jornalismo do Estado: a primeira, identificada como jornalismo político-partidário que vai até a década de trinta e, por isso, será muito contemplada nessa pesquisa; e a segunda, descrita como jornalismo informativo e indústria cultural na qual se encaixariam as revistas de variedades, mais raras no início do século XX e, portanto, também valiosas para esse estudo. Assim diz o autor:

Os periódicos formavam lideranças e criavam o consenso partidário; permitiam aos partidos intervirem homoganeamente na esfera

pública, sustentar campanhas eleitorais e criar um espaço comum de discussão dos problemas da sociedade civil (RÜDIGER, 1993, p. 33).

Discordando de Rüdiger quanto à possibilidade de uma periodização segura na história da imprensa do Rio Grande do Sul, Hohlfeldt (2007), ao analisar a imprensa gaúcha entre os anos de 1870 e 1930, destaca várias características que auxiliam o entendimento das publicações do período. Entre os aspectos apontados, o autor identifica a introdução de uma imprensa industrial, cuja preocupação é ser atrativa para os leitores, ter neles a sua prioridade, pensar no divertimento deste público e nas questões que envolvem seu dia a dia. A multiplicação das tendências e dos públicos visados pela imprensa também é observada pelo autor bem como a estabilidade e o aumento das tiragens das publicações, da quantidade de páginas e a modificação do formato das mesmas. Também a informação passa a ter maior destaque e os jornais passam a participar efetivamente dos grandes acontecimentos, mas as autoridades seguem interferindo diretamente no que é publicado. Conforme Hohlfeldt (2007, p.320)

[...] assim à imprensa industrial, em sentido estrito, soma-se a imprensa partidária, a libertária, a cultural em geral, a feminina, as publicações dirigidas às crianças e aos jovens, as revistas ilustradas para toda a família, as publicações de caricaturas e charges e, enfim, jornais e revistas operários e trabalhadores além daqueles dirigidos aos novos colonizadores e, por isso mesmo, escritos em seus idiomas de origem.

A inexistência de uma mão-de-obra qualificada no Brasil atrasou a produção impressa com ilustrações. Os estudos de Andrade (2005) indicam que foi somente na década de 1860 que a fotografia deslanchou¹¹ no Brasil, mesmo período da circulação de importantes publicações como a *Semana Illustrada*, surgida no ano de 1860 e a *Ilustração do Brasil* iniciada em 1876, que se constituía em um projeto audacioso, pois tinha um elevado custo de produção. Somente a partir de 1900, com

¹¹ De acordo com Dulcília Buitoni (1986): “Com o progresso da indústria gráfica, as revistas começaram a aprimorar o aspecto visual. Vieram as gravuras, as ilustrações, e finalmente a fotografia” (BUITONI, 1986, p.17).

a *Revista da Semana*¹², foi que a imprensa brasileira passou por uma transição na comunicação da mensagem do texto para a imagem. De acordo com Andrade:

Logo após a já mencionada *Revista da Semana*, foram surgindo pelo país a fora diversos outros periódicos inteiramente impressos em tipografia e em que a utilização da reprodução fotomecânica de fotografias e desenhos (impressos por meio dos clichês) se faz uma constante: *Ilustração Brasileira* (1901), impressa em Paris e repleta de fotografias que em muitas páginas estabelece um diálogo com o texto; *O Malho* (1902), ricamente ilustrado, primeira publicação de grande tiragem a utilizar a tricromia, embora a presença da fotografia seja apenas esporádica; *Kosmos* (1904), importante referência nos quesitos apuro gráfico e qualidade de impressão; seguidas por *Fon-Fon!* (1907), *Careta* (1908), enfim, uma série infindável de periódicos ilustrados com fotografias que se estende até os nossos dias (ANDRADE, 2005, p.92).

É nesse contexto de inovação da imagem nos periódicos¹³, que surge a revista *Ilustração Pelotense*. A revista¹⁴, fundada em 1919, circulou em Pelotas e outras cidades gaúchas até 1927¹⁵. Na edição de 1º de janeiro de 1919 era publicada uma nota de apresentação da revista caracterizando o seu conteúdo¹⁶:

¹² Tania de Luca, ao abordar a importância da revista enquanto gênero impresso certifica que: “O impresso revista merece ser analisado com vagar. O gênero aos poucos se individualizou em face de outras formas de impressos periódicos. A *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900), de Álvaro Teffé, é unanimemente apontada como marco do surto – que se prolongaria por décadas – das chamadas revistas ilustradas ou de variedades. Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades. Pode-se supor que tal uso cumpria função estratégica: diante do relativamente míngua público leitor/consumidor, o sucesso do negócio revista dependia de se conseguir ampliar ao máximo os possíveis interessados, daí o recurso a uma rubrica ampla, que permitia incluir de tudo um pouco (DE LUCA, 2005, p.121).

¹³ Joaquim Marçal de Andrade (2005) assegura que a partir das primeiras décadas do século XX, a fotografia se faz cada vez mais presente nos impressos editados no Brasil, mesmo que ainda fosse costumeiro contratar serviços de impressão em outros países para publicações brasileiras.

¹⁴ Tania de Luca (2005) afirma que a definição dos gêneros aconteceu de forma devagar. Hoje, o termo *jornal* está atribuído à uma publicação diária, com folhas separadas e *revista* às publicações com periodicidade não tão constante de conteúdo variado, enfeitadas por uma capa.

¹⁵ De acordo com o levantamento feito por Yimi Silveira Junior (2009), há exemplares da revista disponíveis também na Biblioteca Central da PUC e no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa de números posteriores a 1926, última data que a Biblioteca Pública de Pelotas possui em seu acervo.

¹⁶ A grafia dos textos retirados da fonte foi atualizada visando uma melhor leitura.

Balbuciando...

Com o novo ano, surge a *Ilustração Pelotense*. Nasce com todas as esperanças que desperta uma nova era de paz. Ergue-se confiante no apoio que não lhe negará o nosso brilhante meio literário e elegante. O seu programa é simples e claro. Pelotas já é um centro intelectual e um centro elegante. Notáveis homens de letras e artistas visitam Pelotas e dedicam trabalhos, ao seu publico.

O nosso meio social conta já com excelentes poetas e prosadores cujas produções honram Pelotas. É mister animar os nossos intelectuais, os nossos literatos, dando-lhes um órgão de publicidade. Por isso a “Ilustração” será literária. Com prazer e desvanecimento receberá ela a colaboração espontânea dos nossos escritores. Aqui eles estarão em seu lugar próprio. O noticiário, os telegramas, a nota política não virão tomar-lhes espaço.

Além de dedicar-se ao meio literário, a “Ilustração” pretende tornar-se a revista do nosso mundo elegante. Para isso procurará arquivar pela fotografia os mais importantes acontecimentos sociais: festas públicas, cívicas, religiosas, carnavalescas, literárias, quermesses, bailes, concertos, exposições, reuniões elegantes, enlaces nupciais, terão aqui o seu registro. E não se esquecerá a “Ilustração” de iluminar suas páginas com o retrato das nossas belas e elegantes conterrâneas, que para isso honrarem a nossa revista com o seu valioso consentimento.

Eis, em linhas gerais, o nosso objetivo, que será completado com uma propaganda em prol dos mais alevantados ideais pátrios, nesta hora feliz de resurgimento universal.

A “Ilustração”, ao nascer, cumprimenta os seus brilhantes colegas da imprensa local, agradece ao honrado comércio o franco apoio que lhe foi prestado, saúda afetosamente o publico pelotense, e deseja a todos *Feliz Ano Novo*.

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, janeiro de 1919)

Sua finalidade era dar visibilidade à produção cultural e à vida cotidiana dos estratos sociais mais elevados, através da ênfase na música, na poesia, na crônica e na exaltação da arte, brindadas em suas páginas. De acordo com os levantamentos realizados na fonte, a *Ilustração* possuía uma média de 24 páginas por quinzena, 24 fascículos ao ano e uma tiragem de 1000 exemplares¹⁷ por número impresso. Os primeiros números contaram com a direção do advogado Bruno de Mendonça Lima, a redação do advogado Pedro Vergara e direção de arte de Luiz Lanzetta e Brolara da Silva. No terceiro número da revista, o redator Pedro Vergara se afasta em função de sua nomeação para o cargo de promotor público na comarca de Camaquã. O redator da *Ilustração* passou a ser o Tenente Januário Coelho da Costa, o poeta que publicou *Do Som, Da Côr e Do Perfume* pela Livraria Universal em 1919.

¹⁷ Essa tiragem, segundo uma nota dos editores que será abordada mais adiante, passa para 4 mil em 1920.



Figura 1 – Tenente Coelho da Costa, diretor da revista *Ilustração Pelotense*, janeiro de 1922
 Fonte: Revista *Ilustração Pelotense* (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

Segundo Marroni (2008) esta é a primeira fase da revista; a segunda fase compreende os anos de 1924 e 1925 com direção de Coelho da Costa e Aristides Bitencourt. Os primeiros números da revista foram publicados mensalmente e, apesar dos propósitos citados na nota de apresentação, seu conteúdo era politizado e enfatizava um time de futebol e um clube da cidade em detrimento de outro. Exemplo de tal fato é o polêmico número 3 onde, já na primeira página, se discutia o momento político do Brasil com a questão da sucessão presidencial; na página seguinte era publicada a imagem do Coronel Pedro Osório e palavras de elogio quanto ao seu empreendedorismo e benefícios para a cidade, além de um texto longo exaltando o Grêmio Sportivo Brasil. No número seguinte, a revista ilustra as festividades de carnaval na cidade com imagens dos carros alegóricos, das rainhas dos clubes e informações sobre eles (clube Brilhante e clube Diamantinos), destaca as passeatas burlescas, os bailes e quermesses, dando mais espaço ao clube Brilhante em suas páginas. De abril a setembro de 1919 a revista não é publicada e em seu reaparecimento, três meses depois, não há explicações sobre a sua ausência durante esses meses. Nas entrelinhas do seu editorial, no entanto, a redação elabora um discurso sobre o compromisso da *Ilustração* com a variedade cultural e com os aspectos sociais e que não optaria por esse ou aquele clube carnavalesco ou partido político ou Sport Club:

Ressurgindo...

Reaparece hoje a Ilustração Pelotense, que espera de nosso meio social o mesmo benévolo acolhimento que lhe foi dispensado em sua primeira fase e do qual não pode absolutamente prescindir.

Motivos que não cabe assinalar aqui lhe determinaram um eclipse de três longos meses, com desprazer, queremo-nos acreditar, de quantos a vinham distinguindo com a sua carinhosa simpatia.

Desaparecidos esses motivos, surge de novo, na arena da publicidade, sem elmo e de viseira erguida, para a defesa apaixonada do Belo, em todas as suas manifestações sublimes.

Sem cor política ou religiosa, terá suas colunas abertas a todos que, sob sua exclusiva responsabilidade e dando aos seus trabalhos feição literária, quiseram externar, no terreno elevado dos princípios e, pois, impessoal, suas opiniões e suas crenças.

Sem preferência por esta ou aquela sociedade carnavalesca, este ou aquele clube sportivo, registrará imparcialmente, como acontecimentos sociais, todos os atos solenes das associações locais cultuadoras de Momo ou do generalizado e interessante jogo bretão.

Terminado esta secção redatorial, que já vai tresandando a plataforma política, saudamos como no primeiro número, a sociedade pelotense, hipotecando-lhes o nosso franco e decidido

apoio em todos os cometimentos que visem a manutenção dos seus foros de cultura.
(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, setembro de 1919)

O ressurgimento da revista em setembro de 1919 traz mudanças. Sua periodicidade torna-se quinzenal, a impressão passa para a Livraria Universal, mas quanto ao caráter intelectual, a redação da publicação empenha-se em reafirmá-lo. Tal fato pode ser uma indicação de sua preocupação mercadológica que se distanciava das discussões políticas acaloradas e evitava indicar preferências para agradar ao público de uma forma geral e vender mais, objetivo primeiro, embora ainda existisse um contexto em que a imprensa se desenvolvia de uma forma atrelada, principalmente às questões políticas, e se confundia muitas vezes com os partidos, uma vez que muitas publicações surgiram apenas para divulgar ideais políticos em períodos de campanha.¹⁸ A evidência da necessidade de consumidores para esse mercado de impressos estava na busca por novos assinantes:

Grátis
Uma assinatura de um ano da *Ilustração Pelotense* a quem enviar a importância de 72\$000 para pagamento de seis (6) novas assinaturas anuais, acompanhada dos respectivos endereços.
Livraria Universal de Echenique e Comp.
(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, junho de 1920).

A fidelização de um público através das assinaturas garantia a longevidade da publicação. A chamada da revista corrobora a caracterização proposta por Hohlfeldt (2007) do período de circulação da *Ilustração*:

Pela introdução da imprensa industrial, isto é, com proprietários e empresas jornalísticas que, independentemente de seu alinhamento ideológico e partidário, necessitarão da publicidade e da assinatura do periódico para sobreviverem; assim, comportam-se enquanto empresas, buscando lucros além da publicização das ideias e princípios de seus proprietários; até mesmo os jornais claramente partidários, como *A Federação*, constituem-se enquanto empresas e necessitam de capital a ser integrado por seus apoiadores, bem como de atrativos para seus leitores, os quais devem ir além daqueles vinculados mais diretamente ao partido (HOHLFELDT, 2007: p. 320).

¹⁸ Francisco Rüdiger (1993; p.27) é enfático em ressaltar que ter a posse de um jornal, era forma de ascensão política. As tipografias eram pontos de reunião e discussões de ideais políticos, não tinham de fato um conceito de jornalismo e não visavam o lucro mercantil, ou seja, não dependiam dos leitores para manterem-se.

Apesar do comprometimento com a imparcialidade e focando no interesse dos seus leitores, no número 5 na primeira página há uma nota sobre a eleição presidencial e na página 2 imagens dos “gentis filhos de eminente brasileiro Dr. Assis Brasil”. Com esse panorama posto, qual o conteúdo poderia servir para os fins de mercado? O que as páginas poderiam conter que cativassem um público tornando-o fiel comprador da revista? A análise feita por Michelon e Nogueira (2007) aponta que:

[...] o editorial da revista passou a anunciá-la como um veículo do mundo elegante, também destinado a dar visibilidade às mundanidades, que igualmente incluíam os fatos artísticos e culturais que continuaram ocupando suas páginas, visitadas pelo público de outras cidades. Tais observações redundam em considerar a *Revista Ilustração Pelotense* como um periódico motivado a registrar e dar a conhecer o modo de vida e a produção da intelectualidade pelotense para um mercado maior do que o da cidade; o que faz crível que seu perfil editorial valorizava a cultura através das imagens ao igual que outras publicações do estado e do país, ao mesmo tempo em que refletia valores culturais vigentes no Rio Grande do Sul naquele período (MICHELON; NOGUEIRA, 2007, p.1).

Logo, pode-se entender que um conteúdo que permitisse a visibilidade do cotidiano elegante das famílias ricas, bem como contasse com a colaboração direta dessas pessoas em suas páginas, atingiria este público comprador de imediato. Tornar a revista identidade desse grupo, ver uns aos outros e a si próprios viverem o “moderno” garantiria a sua venda, pois mexe com a vaidade e confere importância, *status* social, mais uma “capital” que a elite gostaria de possuir.

Sabe-se, porém, que a imprensa “vende” opiniões capazes de mobilizar o público leitor. Os proprietários, os editores e os diretores de um jornal promovem possibilidades de ações políticas e condutas sociais. Caracterizar o grupo dirigente de uma mídia impressa auxilia na identificação de seus objetivos bem como de suas ideologias. Além desse elemento, Luca (2005) aponta outras questões que devem ser analisadas ao utilizar a imprensa como fonte: a materialidade, as condições técnicas de produção vigente, quais os debates possíveis com outras publicações do período, quem anuncia, qual é a tiragem da publicação. Nesse sentido, o estudo de Marroni (2008) é valioso, pois de sua pesquisa, provém informações importantes

para a utilização da revista *Ilustração Pelotense* como fonte. Em seu estudo, ela apresenta a materialidade da revista:

A materialidade da revista, mais precisamente no que refere à qualidade do papel utilizado, é muito variável, não havendo uma padronização. Em alguns exemplares, a parte destinada aos anúncios, o bloco periférico, ou área englobante, e o bloco interno, ou área englobada, é impressa em papel jornal, se superfície rugosa, com gramatura em torno de 75g/m². Por vezes, a capa, o bloco central e o bloco periférico, são feitos em papel acartonado, com uma gramatura em torno de 120g/m². Em outras revistas, era utilizado um “papel jornal” no bloco periférico, com 75g/m², e um tipo de papel encerado, de cor branca, no bloco central, com gramatura de 75g/m². Em outras, ainda, o bloco interno era feito em papel *couché*, 75g/m² e o periférico em papel jornal, com gramatura de 90g/m². A variação dos tipos de papel era muito grande. Como se disse, não havia um “padrão”, salvo no bloco interno que, na maioria das vezes, apresentava um papel diferenciado, mais “nobre” do que os que se viam na parte dos anúncios.

Por três vezes, as dimensões da revista foram alteradas. No primeiro ano, seu tamanho era de 18 cm de largura e 26,5 cm de altura. Do ano II ao V, passou a ter 15,5 cm x 25 cm. Em sua fase final, considerada aqui como a sua segunda fase, entre os anos de 1924 e 1925, a revista “cresceu”, apresentando-se com um formato de 25 cm x 33 cm (MARRONI, 2008, p. 158-159).

Sobre as condições técnicas de produção, a própria revista apresenta na edição de 16 de dezembro de 1920, em suas páginas, uma ampla reportagem comemorativa aos 33 anos da Livraria Universal, responsável por editar a *Ilustração*. Fundada pelos senhores Carlos Echenique, Guilherme Echenique e Pedro Luis da Rocha Osório em 1º de agosto de 1887, foi inaugurada em dezembro do mesmo ano na Rua São Miguel, mais tarde XV de novembro. Depois de instalada uma filial na Rua dos Andradas em Porto Alegre, comprovando sua importância, a primeira sociedade se desfez com a saída de Pedro Osório e uma segunda sociedade, somente com os irmãos, se constituiu. Em 1893, a livraria foi transferida em Pelotas, para um prédio construído pela firma à Rua XV de Novembro esquina Sete de Setembro, em ponto privilegiado para o comércio. Em 1908 mais uma vez a sociedade termina, ficando Carlos Echenique com o acervo de Porto Alegre e Guilherme Echenique com a casa de Pelotas, passando a funcionar como Echenique e Comp. Em 1911 constituiu-se a última sociedade, que é a vigente durante o período em que a revista *Ilustração Pelotense* era publicada. Fazia parte dela o fundador Sr. Guilherme Echenique como comanditário e como solidários

Martin Echenique e Alberto Echenique Leite. Ainda na reportagem de aniversário, são abordadas as obras de destaque editadas pela Livraria, como o “Vocabulário Sul Rio-grandense”, o “Rio Grande do Sul” com a descrição física, política e econômica do estado e a “Constituição do Estado”, segundo o texto em edição popular e em “luxuosa”, “está em grande formato”. Também a publicação literária local é ressaltada com obras de João Simões Lopes Netto, ilustre escritor pelotense, de Araujo Filho e Dr. Pinto da Rocha, além do estudo da fauna e da flora rio-grandense através da obra “A vegetação no Rio Grande do Sul”. Quanto à revista *Ilustração Pelotense*, aparecem as seguintes linhas:

Atendendo ao apelo de diversos intelectuais desta cidade em agosto de 1919 tomou a firma a responsabilidade editorial da “Ilustração Pelotense” o apreciado quinzenario que galhardamente vai conquistando a simpatia do publico rio-grandense, graças a edição do literato Coelho da Costa. (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, dezembro de 1920).

Logo, se percebe que a revista não foi desde o primeiro número publicada pela Livraria Universal. É no reaparecimento que a Livraria assume a responsabilidade pela edição da revista.

Propondo-se a abastecer a população de revistas e jornais nacionais e estrangeiros, assim como de um ativo serviço de encomendas, a Livraria Universal exemplificava a prosperidade e a modernidade. Adquirindo máquinas impressoras e de dobragem, grampeação e costura a fio, totalizavam o número de doze máquinas acionadas por força motriz, além das menores de uso manual. As oficinas da Livraria Universal contavam com as seções de tipografia, impressão, douração, pautaçaõ e encadernação, bem ilustradas nas imagens que completavam o texto da edição de aniversário:

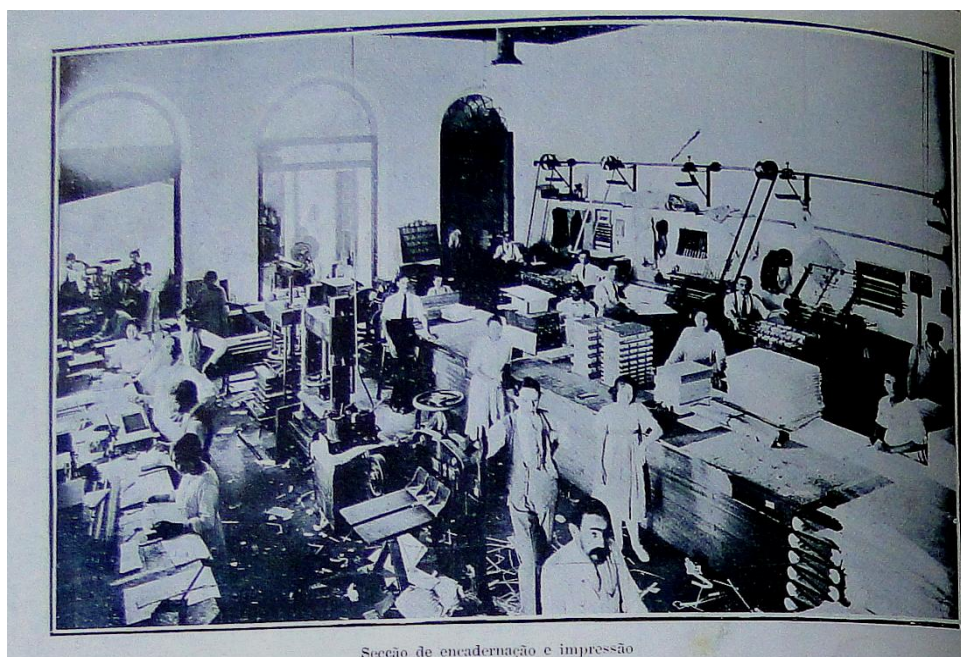


Figura 2 – Fotografia dos funcionários da secção de encadernação e impressão da Livraria Universal, responsável por editar a revista *Ilustração Pelotense*, dezembro de 1920. Fonte: Revista *Ilustração Pelotense* (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)



Figura 3 – Fotografia dos funcionários da secção de expedição da Livraria Universal, dezembro de 1920. Fonte: Revista *Ilustração Pelotense* (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

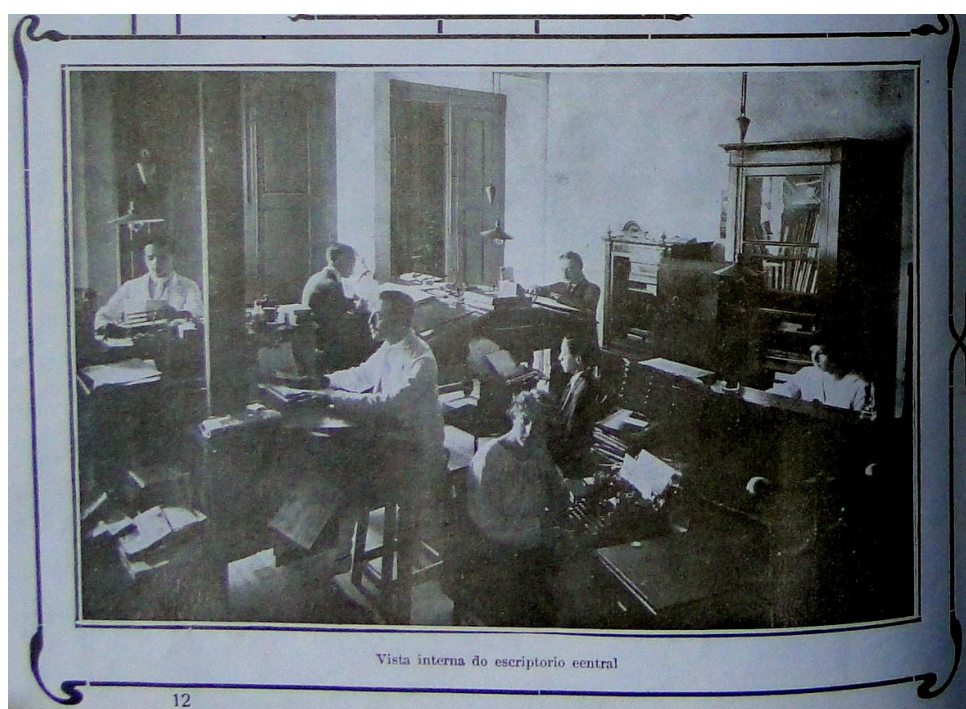


Figura 4 – Fotografia dos funcionários da Livraria Universal no escritório, dezembro de 1920.
Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)



Figura 5 – Fotografia dos funcionários no interior da loja da Livraria Universal, dezembro de 1920. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

As imagens apresentadas, bem como as informações que se configuram com o apanhado do texto da edição de aniversário da Livraria Universal dão conta do que Luca (2006) orienta como essencial na caracterização da fonte: “historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes” (LUCA, 2006: p. 132). Nesse caso, não só as condições técnicas são delineadas, como as condições de venda, corroborando a ideia de que o caráter comercial era um firme propósito da revista. E, utilizar a fotografia, em um momento em que este recurso ainda era raro, era convidar os observadores para verificarem o progresso e o moderno, pois,

A prática fotográfica desenvolve-se também em função das expectativas que lhe iam sendo criadas, usando-se como instrumento de controle direto [...] e como suporte de prova científica [...] Aceitava-se que, sendo de base instrumental, a fotografia era puramente analógica, uma reprodução da realidade ainda mais perfeita do que o olhar do homem. [...] (SEREM, 2002: p.26).

Como uma prova científica mais segura que o próprio olhar humano, era atestada a representação e o recorte do ideal a ser mostrado. As imagens selecionadas para ilustrar a Livraria Universal tratam de colocá-la no imaginário daqueles a quem se destina a imagem uma estrutura sólida, confiável, atualizada e era essa a estrutura que editava a revista que alcançava tantos lares de frequentadores da Livraria. Mas, como alerta Kossoy (1999, p. 38).

A realidade da fotografia não corresponde (necessariamente) a verdade histórica, apenas ao registro expressivo da aparência... A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes leituras que cada receptor dela faz num dado momento; São múltiplas, pois, as realidades da fotografia.

O fato de ser ilustrada e ter uma linha editorial voltada para o cotidiano do leitor atraía os anunciantes, importantes para a captação dos recursos que manteriam a revista. Ao observar a evolução da revista desde o seu surgimento, percebe-se que no segundo ano da publicação aumentam consideravelmente os anunciantes e o número de páginas. As primeiras edições contavam, em média, com nove páginas de publicidade no início e mais dez ao final do número, não

intercalando com o conteúdo da revista enquanto que no segundo ano de edição a revista passou a intercalar publicidade com conteúdo, por vezes causando confusão quanto ao que era propaganda e o que era texto publicado pela revista.

Entre os principais anunciantes, pode-se citar: Casa Americana, Casa Krentel, Carrapaticida Creol, água gaseificada Caxambu, Syphisol Arnús, Pharmacia Coelho, Tabacaria Brasileira, Casa Gomes com serviço de alfaiataria para homens, Fabrica Guarany, Hepatina, Casa Caringi de chapéus, Fabrica de biscoitos Santa Rosa, Companhia de seguros marítimos e terrestres “Pelotense”, Drogaria e Pharmácia Khautz, Petróleo Americano para o cabelo, Casa Hercílio, O viajante, Fábrica de café, Gramophones Victor, Livraria Universal, Banco da Província do RS, Banco Pelotense, depurativo Luesol, Pharmacia Cortelari, Xarope Santo Antônio, Casa carioca, casa de pompas fúnebres Moreira Lopes, Solução Saphrol, Bhering com chocolates e doces, A Dalila, Palácio de Crystal, Elixir de Nogueira, Buxton e Guilayn, Sabão Aristolino e os indicadores de serviços de Pelotas: médicos, advogados e dentistas.



PINTE o sr. mesmo o seu AUTOMÓVEL !

Hoje todos estão se convencendo e os próprios proprietários pintam seus carros com

AUTOSMALTE
(MARCA REGISTRADA)

porque a pintura seca tão rapidamente que pôde-se usar o auto algumas horas depois de pintado

Um pintor cobra-lhe 300\$000 e occupa o seu carro um mez para pintá-lo...

O sr. obtém o mesmo resultado em 2 dias gastando apenas 30\$, empregando o AUTOSMALTE.

BUXTON GUILAYN & C.
SAB. EM COM. - S. B. BUENOS AIRES
ELECTRICIDADE - FILAS - PELotas - MACHINARIA

A verdadeira maravilha do lar é o conforto, e este compõe-se de pequenas cousas, insignificantes no preço, si se leva em conta os benefícios que trazem.

Uma das maravilhas é o **FERRO ELECTRIC** que deve existir em todas as casas sem excepção, pobres e ricas. Nossa casa tem sempre um sortimento completo e nos é muito agradável dar informações sobre preço, consumo de corrente, etc.

BUXTON GUILAYN & C.
SAB. EM COM. - S. B. BUENOS AIRES
ELECTRICIDADE - FILAS - PELotas - MACHINARIA

Figura 6 – Fotografia das páginas iniciais com anúncios da casa de produtos elétricos e maquinaria de Buenos Aires Buxton Guilayn que possuía filial em Pelotas, janeiro de 1921
Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)



Figura 7 – Fotografia das páginas centrais misturando anúncios comerciais e conteúdo da revista, novembro de 1921. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

O aumento considerável de anunciantes nos anos pesquisados da revista, para este estudo, revelam a aceitação dela por parte do público leitor. Alguns anunciantes mostraram-se fiéis, acompanhando a evolução da publicação sempre apostando na visibilidade de suas páginas. Tal fato leva a considerar que o retorno com a venda dos produtos era alcançado, o que reforça a importância da publicação em seu meio de circulação.

O cuidado a se ter com os elementos até aqui analisados, que envolvem a fonte, permitem chegar a resultados mais amplos acerca do objeto. Para Luca (2008):

[...] Assim, o conteúdo de jornais e revistas não pode ser dissociado das condições materiais e/ou técnicas que presidiram seu lançamento, os objetivos propostos, o público a que se destinava e as relações estabelecidas com o mercado, uma vez que tais opções colaboram para compreender outras como formato, tipo de papel, qualidade de impressão, padrão da capa/página inicial, periodicidade, perenidade, lugar ocupado pela publicidade, presença ou ausência de material iconográfico, sua natureza, formas de utilização e padrões estéticos [...] (DE LUCA, 2008, p.118).

No marco das discussões até aqui apresentadas, percebe-se que a metodologia de análise de periódicos deve estar atenta às possibilidades técnicas, ao investimento financeiro, à distribuição, à estrutura interna: divisões, seções, tamanho, intervenções do editor, colaboradores. Todos os aspectos que envolvem a publicação são muito reveladores sobre ela e sobre o objeto nela pesquisado, afinal, “os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam” (LUCA, 2005: p. 140).

Identificar contra ou a favor de quem ou o que o impresso se posiciona e até mesmo os elementos que servem de síntese das ideias impressas como a capa, seja ela ilustrada ou não, e os títulos dos textos são procedimentos necessários para uma abordagem mais completa. Logo, o esforço imaginativo de se colocar no lugar do leitor naquele momento e de contextualizar historicamente suas possibilidades de interação com o periódico resulta em melhores descobertas acerca do objeto de pesquisa.

No caso da presente pesquisa, que tem por objetivo analisar os textos e imagens de, sobre e para as mulheres e assim elaborar um perfil social desejado no período, é necessário também analisar a imprensa feminina.

Buitoni (1986) chama a atenção para os meios de se caracterizar a imprensa feminina com aportes no conteúdo da publicação. Ela identifica como “imprensa feminina” se há a presença de uma miscelânea de elementos como dicas de moda ou sobre a beleza, receitas culinárias, contos, poesias, entrevistas, fofocas sociais, saúde, educação infantil e decoração, temáticas que remetem ao espaço privado, ao âmbito do lar. Para muitos, de acordo com a autora, essa variedade configuraria publicações apartadas do jornalismo verdadeiro, pois imporiam o fútil (lazer, distração, alienação). A imprensa feminina seria o lugar do anúncio, do consumo. Já o jornalismo se atém ao fato novo, ao debate sobre a notícia.

Situando a revista *Ilustração Pelotense* nesse embate, embora seu conteúdo contemplasse grande parte dos assuntos acima destacados, havia outra gama de assuntos que, partindo dessa classificação, interessariam mais aos homens como, por exemplo, os clubes de futebol. No entanto, os próprios editores da revista deixavam clara a preocupação em contemplar o público feminino, suas consumidoras mais ávidas:

Há um ano, depois de um colapso de quase quatro meses, reapareceu a *Ilustração Pelotense*, editada pela sua proprietária atual, a Livraria Universal, de Echenique & Comp. Desde o seu resurgimento até a hora presente, não sofreu a publicação de nossa revista a menor solução de continuidade. [...]

Timbrando em ser, invariavelmente, uma publicação digna de entrar nos lares mais honestos, tornou-se, com justiça, a revista predileta de nossas senhoras e senhorinhas, que em suas paginas podem demorar, descuidosamente, os olhos, sem o mínimo receio de uma frase, de uma palavra que lhes soe desagradavelmente aos ouvidos, pelo seu significado malsão.

É testemunho irrefragável do apreço sempre crescente em que é tida a *Ilustração* o aumento de sua tiragem, agora com quatro mil exemplares. [...] *ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, setembro de 1920.

A *Ilustração* era uma revista cujo conteúdo era digno de entrar nos lares e as senhorinhas poderiam sem receio devorar as suas páginas, mas não era uma revista feminina propriamente dita e sim de variedade mundana. Teriam sido as leitoras especificamente as responsáveis por quadruplicar a tiragem da revista já no seu segundo ano de reprodução? De acordo com a nota exposta pelos editores, o público feminino era bastante levado em consideração. A abordagem do conteúdo da *Ilustração* era adaptada para que elas pudessem colaborar, ilustrar e absorver o que era estampado em suas páginas. Para tanto tinha que apresentar temas variados e “comportados” para não desagradar às leitoras.

Essa variedade de temas exige um método organizativo adequado. As pesquisadoras Michelin e Nogueira (2007), que se debruçaram sobre a mesma revista, ao buscarem informações sobre mulheres musicistas assim procederam:

A metodologia de abordagem das notícias e das fotografias impressas na *Ilustração Pelotense* pressupôs sua organização em categorias. Esses conjuntos, assim determinados, favorecem a identificação dos temas com os quais a revista trabalhava e para os quais era dada ênfase através do registro escrito e do registro visual. A partir da identificação das categorias, é possível localizar as prioridades da revista e as tendências que viabilizam resultados para a interpretação (MICHELON; NOGUEIRA, 2007, p.2).

Com a metodologia posta em tela pelas autoras torna-se possível, através de uma catalogação das informações coletadas, analisar o objeto com maior clareza. Na organização dos dados a dificuldade foi criar as categorias, pois a linha editorial da revista, apesar de apresentar recorrência em temáticas e em assuntos, não seguia o modelo de seções e colunas fixas, exceto a da primeira página a partir

do ano de 1920, pois em 1919 a mesma não tinha nome e nem era assinada. O texto de abertura da revista nos anos de 1920 e 1921 teve o título de “Os quinze dias” e era assinada por Nemo, já em 1922 o editorial muda de nome para “Crônicas Insulsas” e fica a cargo da pena de João C. de Freitas, colaborador assíduo da revista.

Para compreender o não dito nas entrelinhas e imagens publicadas na *Ilustração* sobre mulheres dentro de uma perspectiva que entende que todos os atos da vida social se dão a partir do discurso e através dele, foi necessário primeiramente localizar na revista tudo o que era publicado em torno do tema. Com tal finalidade, se dividiu as publicações em três direcionamentos: palavras “de” mulheres, nesse caso diretamente assinado por nome feminino sendo ou não pseudônimo, palavras “para” mulheres, ou seja, quando o texto explicitava um direcionamento direto a um nome feminino ou mulheres em geral e palavras “sobre” mulheres, cujo critério foi selecionar textos que citavam mulheres específicas ou abordavam genericamente situações envolvendo mulheres.

A estrutura da revista organizava-se começando com algumas páginas de propaganda, a crônica da primeira página e em seguida já vinham, sem lugares fixos, os destaques sociais com notas sobre eventos, viagens, formaturas, as cartas de leitores, trechos de obras de autores locais ou de escritores conhecidos mundialmente, crônicas, contos, piadas curtas, frases de pensadores renomados, poesias, tudo entremeados por várias imagens e sem ordem certa, por vezes com alteração de cor na impressão da página, tudo que pudesse atrair o olhar atento do leitor.

Na análise de Buitoni (1986), a estética da publicação é ressaltada como ponto chave para despertar o interesse feminino. As revistas que abusavam das cores, do papel mais caro, de uma diagramação bonita e das imagens ganhavam com mais facilidade o público feminino pelo prazer da leitura. Nesse sentido, a fotografia incorporada ao texto completava a mensagem ou substituía por completo o texto. De acordo com Buitoni (1986):

A imprensa feminina desenvolveu uma conduta em relação à credibilidade da foto bastante diferente da imprensa em geral. Nos periódicos para a mulher, as fotos de pessoas que possam ser individualizadas, seja a artista famosa ou a mãe de família, buscam documentar a realidade. Porém, as fotos de moda, beleza e decoração são percebidas antes como fantasia, corporificação de um

ideal ser imitado. Poderíamos contrapor as fotos que se pretendem informativas às fotos que seriam persuasivas – ou sugestivas; recheadas de ilusão e imaginação, elas estimulam, induzem, conduzem (Buitoni, 1986: p.19).

Tendo o suporte fotográfico esse potencial de convencimento que indica uma representação, suas leituras destacam-se como importantes na configuração de respostas sobre o objeto de pesquisa.

A imagem fotográfica dá a ver um instante selecionado pelo fotógrafo e apresenta-se como instrumento importante para auxiliar a reconstituição de um objeto do passado. Pode oferecer informações valiosas referentes a paisagens, pessoas ou aspectos cotidianos como o vestir, por exemplo. No entanto, os debates sobre a fotografia e seu caráter de prova do real nos alertam para o cuidado que se deve ter ao analisar as imagens fotográficas como procedimento metodológico.

Para Didi-Huberman (2007), a realidade retida pela câmara fotográfica e pela habilidade do fotógrafo nada mais é do que um indício do real e, assim sendo, é uma representação. Serén considera o potencial das representações na análise de objetos do passado, o caráter indicial da fotografia pode ser muito revelador, pois a imagem se torna mais forte do que a memória e acaba por substituí-la, nas palavras de Serén (2002). A questão simbólica discutida por Serén aborda o surgimento da imagem como um conjunto de significados, pois na medida em que ela secciona o real e é observada pelo agente produtor, ela nos transmite símbolos: “A presença está fora de nós, não é uma das qualidades do indivíduo, mas torna-se sua quando surge como uma singularidade – quando permite que o olhar o habite, ‘fabricando’ a presencialidade” (SERÉN, 2002, p.49). A evocação de presença que uma imagem fotográfica nos traz é o produto da escolha de um fotógrafo por determinados símbolos representativos que a partir do nosso olhar se desdobra em novos significados. O nosso olhar a recebe pronta, portanto, não é o original e é inexata, vazia. A referencialidade está no olhar do observador, que pincela de significados o que viu.

A imagem que substitui a memória, no entanto, só se torna significativa a partir da interpretação de quem a vê, pois é o olhar que a torna singular. Para Serén, a imagem armazena um indício de uma memória, uma vez que é uma realidade ausente, mas que existiu de fato ainda que de forma artificial, pois parte da subjetividade do fotógrafo. Logo, pode-se perceber que a autora defende que a

fotografia possui um forte traço indicial, tal qual Didi-Huberman. Ambos os autores fazem referência ao apelo, por vezes mitológico, que a fotografia faz ao que realmente aconteceu, como se conseguisse restaurar fielmente o que passou. E indo mais além, tem o poder de atestar a existência do representado mais do que se ele tivesse sido visto de fato: “*La fotografía produjo una inflexión histórica do acto de ver hasta el punto de que no podemos pretender haber visto realmente una cosa antes de haberla fotografado*” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p.50). Esse mito de verdade que a imagem fotográfica carrega é facilmente desconstruído tanto por Didi-Huberman quanto por Serén em suas análises. Basta fazer o exercício de olhar a imagem fotográfica para perceber que ela é vazia de sentido se não sabemos nada sobre ela, já que conseguimos absorver os elementos visuais da narrativa capturada, mas não vamos além. É no seu caráter indicial que repousa sua importância, ela atesta a existência do ausente permitindo a significação por parte do observador. De acordo com Serén:

Sabemos que a imagem, enquanto tal, é cega e vazia, que, de modo algum, é a imagem do mundo. Nela não está o mundo, mas a suspensão de um acontecer. Por isso funciona como escrita, guarda consigo uma certa intencionalidade de dizer, que tentamos decodificar (SERÉN, 1999, p. 51).

O presente estudo, amparado nos referidos autores, apesar de não se valer de uma análise aprofundada de semiótica, dialogará também com o texto imagético, além do escrito, e sua riqueza de significados e representações. Localizar na publicação todos os elementos referentes à mulher, entre os anos de 1919 e 1922, requer um método bem consistente de recolhimento e organização sistemática dos dados para posterior análise, nesse caso, uma catalogação dos assuntos e imagens em grupos.

Ao localizar a revista no seu contexto histórico, identificar as ideologias vigentes no recorte temporal, bem como todo o aparato em que a publicação se molda, vai-se delineando aos poucos o lugar do objeto na mídia impressa. Desse modo, as respostas aos questionamentos sobre a representação de mulher ideal veiculada pela *Ilustração Pelotense* na terceira década do século XX emergirão.

CAPÍTULO 2 - TECENDO CONTEXTOS

2.1 O Brasil no alvorecer da República



Figura 8 – Instantâneo na rua XV de Novembro, em Pelotas, julho de 1920. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)



Figura 9 – Instantâneo na rua XV de Novembro, em Pelotas. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)



Figura 10 – Fotografia da vista do edifício do Clube Caixeiral e parte da Praça da República, em Pelotas. Fonte: Revista Ilustração Pelotense, acervo da Biblioteca Pública Pelotense.

Cidades modernizadas com espaços de lazer, ruas pavimentadas, largas avenidas, transportes urbanos, iluminação pública, este é o palco do presente estudo. Nos primeiros anos da década de 1920, percebem-se os desdobramentos de uma proposta de urbanizar o país, reflexo de um Estado nascente e de uma economia em ascensão. O avanço da modernização e a interferência dessas novidades na esfera da vida cotidiana serão aspectos analisados ao longo desta pesquisa. Nesse sentido, as imagens destacadas acima atestam as mudanças físicas da cidade de Pelotas e a consequente interação mais efetiva das mulheres com o espaço público. Tanto na primeira imagem quanto na segunda verificam-se as representantes do sexo “frágil” andando em ruas pavimentadas, desacompanhadas de homens. Além da pavimentação, as fotografias indicam outro avanço significativo, como a iluminação pública. Na figura 3, percebe-se a importância dada aos espaços de lazer e a amplitude da via fotografada. Imagens como estas, repetem-se nas páginas da *Ilustração Pelotense* em seus “instantâneos” que, de forma muda, revelam muito sobre a vida cotidiana de pessoas comuns. A importância do poder de revelação de uma fonte visual é atestada pelo estudo de Kossoy (1999) ao afirmar que “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo. [...]” (KOSSOY, 1999: p. 33).¹⁹

Cenas como as apresentadas acima, revelam muito sobre o cotidiano brasileiro do início do século XX. Para melhor captar as nuances apresentadas no decorrer deste estudo sobre as mulheres, de um segmento social privilegiado nos primeiros anos de 1920, faz-se necessário considerar que no Brasil a revista tomada para esse propósito é gerida e veiculada.

Com o episódio do dia 15 de novembro de 1889 estabelecia-se no País a Primeira República, período marcado politicamente pelo clientelismo político denominado de coronelismo, caracterizado pelo voto de cabresto e configurado na hegemonia da elite paulista, mineira, e gaúcha, representada a nível nacional no que

¹⁹ A fotografia transmite uma representação, mas deve ser analisada em seu contexto, pois apesar de atestar as mulheres no espaço público, isso não quer dizer que elas atuassem com liberdade nesse espaço, pois como chama a atenção Margareth Rago: “A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais [...]. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado por longas horas de trabalho (RAGO, 1987: p.63).

se convencionou chamar de “Política do Café-com-Leite”. Esta situação predominou até 1930, quando Getúlio Vargas assumiu o poder.

O regime implantado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, em 1889 foi o resultado de um processo isolado balizado pela elite cafeicultora, que representava, segundo Pesavento (1992), a consolidação ideológica, política e administrativa do poder burguês. No entanto, a autora adverte que o que passou a vigorar no Brasil foi um sistema liberal na sua forma, uma vez que ampliava os poderes estaduais, mas mantinha-se oligárquico no conteúdo, já que o controle político seguia nas mãos da elite latifundiária. Indo ao encontro das ideias da historiadora, Vizontini (1992) afirma:

A República implantada pelo golpe militar de 15 de novembro de 1889, inaugurou um sistema federativo de ampla autonomia estadual e de inspiração e formas liberais. Entretanto, as máquinas políticas estruturadas em cada estado foram dominadas por partidos únicos estaduais (os PR's), exceto no Rio Grande do Sul. As estruturas de dominação montadas nos estados eram constituídas pelos mesmos grupos dirigentes do Império, com nova denominação, detentores também de privilégios de propriedade (VIZENTINI, 1992: p.14).

A oligarquia proprietária de terras manteve-se no controle administrativo do país graças à política dos governadores que garantia, através da aliança do poder central com os grupos privilegiados de cada estado, uma eleição de cartas marcadas. Os mandatários estaduais reconheciam e apoiavam politicamente o presidente da República e em troca recebiam benefícios financeiros como verbas para obras públicas, cargos e também favores pessoais, reforçando o prestígio e a influência dos chamados “coronéis”. “Assim, iniciava-se uma complexa teia de relações políticas que partia do presidente da República e se estendia, através dos níveis intermediários, até os eleitores nos municípios [...]” (VIZENTINI, 1992: p.16).

No aspecto econômico, o modelo agrário-exportador de café relegava o Brasil a uma condição dependente no mercado externo. É comum atribuir que essa situação foi se alterando com o advento da Primeira Grande Guerra (1914-1918), quando o país passou a implantar novas indústrias, uma vez que estava impossibilitado de importar dos países beligerantes. No entanto, o processo de industrialização já vinha num crescente, pois foi primeiramente a riqueza gerada pelo café que promoveu o fenômeno da urbanização acelerada. De acordo com Pesavento (1992):

A acumulação de capital proporcionada pelo café fazia com que as ideias de progresso e civilização que vinham da Europa adquirissem um sentido preciso no Brasil. Em função do complexo cafeeiro, aparelhavam-se portos, construíam-se vias férreas, adquiriam-se máquinas e produtos europeus para uma sociedade que se modernizava e acertava o passo com a História. [...] As chaminés das fábricas nascentes passavam a alterar, pouco a pouco, a fisionomia de uma nação predominantemente agrária. Café, trabalho livre, indústria e urbanização tornaram-se fenômenos do progresso, riqueza, civilização e regime republicano. [...] (PESAVENTO, 1992: p.14)

Nas suas linhas modernizadoras e nos novos paradigmas comportamentais, o Brasil tomava a Europa como modelo. Tal fato é constatado por meio das incessantes publicações em revistas, jornais e periódicos locais de artigos, crônicas, reportagens oriundas de países europeus, sendo a França o principal deles.

No início do século XX, a capital da República buscava romper com seu passado colonial investindo na urbanização e eliminando do centro da cidade os antigos casarões tomados por famílias de trabalhadores pobres para que “as ruelas acanhadas se transformassem em amplas avenidas, praças e jardins, decorados com palácios de mármore e cristal e pontilhados de estátuas importadas da Europa” (SEVCENKO, 2003: p.43).

A necessidade de higienização, traduzida pela lei da vacinação obrigatória de 1904, expõe a ansiedade do grupo dominante em esconder a pobreza e exaltar o progresso e a modernidade, fruto da influência do pensamento positivista em voga. A República, para os defensores dessa vertente, representava a possibilidade do novo, de autonomia social, de ruptura com as estruturas retrógradas. Na análise de Larizza (2007):

Projeto político da modernidade e para a modernidade, a República era, contudo e, sobretudo, para Comte, o modelo institucional capaz de traduzir esse mesmo projeto em um sistema de valores e transmiti-lo através dos canais privilegiados da comunicação simbólica (LARIZZA, 2007: p.71).

Com aporte nas ideias positivistas, o Brasil “civilizava-se”: Recebia a mão de obra imigrante, industrializava-se, embelezava as principais cidades, tornando-as vitrines para que o mundo exterior enxergasse no país um lugar para investimento de capital. É nesse sentido que se inserem os esforços das autoridades conforme aponta o estudo de Marins (1998) sobre o surgimento das metrópoles brasileiras:

As vastas reformas urbanas empreendidas a partir de 1903 no Rio de Janeiro pelas ações combinadas dos governos federal e municipal miravam em cheio a liberdade de ocupação dos espaços públicos e privados das áreas centrais da capital. Tinham esperança de garantir a transformação social e cultural da cidade, e obter um cenário decente e atraente aos fluxos do capitalismo internacional, tão refreados pelas precárias condições da capital quanto ambicionados pelas elites atreladas aos grandes interesses exportadores instalados no governo da União (MARINS, 1998: p.142).

Marins afirma que as reformas urbanísticas na capital se estenderam ao longo da primeira metade do século XX e foram acompanhadas por movimentos semelhantes nas principais capitais do Brasil, a citar: Recife, Salvador, Porto Alegre e São Paulo. A obtenção de vultosos financiamentos, necessários para reformar a malha urbana foram ainda mais difíceis de serem arrecadados nestas cidades do que no Rio de Janeiro. Porto Alegre, a essa época, revestia-se de grandes edifícios públicos, mas a abertura das avenidas, o ajardinamento e a retificação das vias públicas seria um processo lento que se implementaria ao longo da década de 1920. Segundo o estudo sobre a urbanização e a modernidade de Porto Alegre, Monteiro (2007: p.245) afirma que

A nova cultura urbana está ligada às inovações técnicas na área dos transportes através de bondes elétricos (1906), da iluminação do centro, bem como aos novos espaços de sociabilidade burguesa no centro da cidade. A energia elétrica começou a ser fornecida em 1891 pela usina da Fiat Lux. [...] O primeiro serviço de esgotos foi inaugurado em 1912 e gradualmente foi se estendendo na área central, pois nos bairros ainda predominava o serviço de cubos.

O esforço em parecer um país industrializado, moderno e identificado com nações igualmente desenvolvidas era tanto que o sentido da urbanização se dava nos moldes de cidades como Paris.

A aura de modernização imposta pelas necessidades e pelo desejo das elites da nascente República foi identificada também por Sevcenko (1998) em seu estudo sobre o período. O autor situa nas correntes científicas, como o positivismo, a inspiração para o processo civilizatório da nação, destacando a expansão da cultura cafeeira como a financiadora direta das mudanças da chamada *Belle Époque* brasileira, e na vinda de imigrantes estrangeiros um elemento significativo na

reconfiguração populacional e cultural do país. Na caracterização desse momento de euforia, Sevcenko destaca:

Esse período abrangeria grosso modo de 1900 a 1920 e assinala a introdução no país de novos padrões de consumo, instigados por uma nascente mas agressiva onda publicitária, além desse extraordinário dinamismo cultural representado pela interação entre as modernas revistas ilustradas, a difusão das práticas esportivas, a criação do mercado fonográfico voltado para as músicas ritmadas e danças sensuais e, por último mas não menos importante, a popularização do cinema. (SEVCENKO, 1998: p.37)

Através das palavras de Sevcenko é possível ter uma ideia do clima do início do século XX. O panorama socioeconômico e político-ideológico apresentado até o momento começava a entrar em crise a partir de 1920. As sucessivas políticas de valorização do café incentivavam a sua produção fora do país; aos poucos o produto perdia importância econômica. Os estudiosos do período, como Vizentini (1992), apontam para uma diversificação da economia no país, principalmente durante a guerra na Europa, que alavancou a indústria brasileira. Essa diversificação teve reflexo na política, que passava a ser contestada pelo autoritarismo e centralização do poder nas mãos de uma elite que se enfraquecia e também na questão social, pois agitações de importância considerável derivam do movimento operário descontente.

Outro fato que aponta a década de 1920 como um período de mudanças, não só nas concepções culturais como também nas políticas, é o tenentismo. O movimento, nascido entre os militares, denotava a crise da chamada “República Velha” e representava a insatisfação de vários setores da sociedade civil com o poder da oligarquia latifundiária.

Na senda dos novos rumos, a presente investigação abrange seu recorte entre os anos de 1919 e 1922, dada a relevância das modificações estruturais que o país começa a sofrer. O autor assim se posiciona na definição do período:

Neste processo de transformações que conduziram à crise e ao declínio da Primeira República, o ano básico do período foi 1922. Nele ocorreram quatro acontecimentos que contêm a gênese da transformação da sociedade brasileira entre as duas guerras mundiais. A Semana de Arte Moderna, em fevereiro, desencadeou um movimento artístico-cultural, cujo significado superava o sentido propriamente estético, na medida em que refletia o descontentamento, no pós-guerra, em relação aos padrões culturais e ideológicos dominantes; uma nova etapa da organização da classe

operária se configurou em marco, com a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB); a criação do Centro Dom Vital, ligado à revista *A Ordem*, prenunciava a rearticulação política da Igreja Católica; e, finalmente, a primeira etapa da rebelião política tenentista irrompeu em julho, com a revolta da Fortaleza de Copacabana (VIZENTINI, 1992: p.21) .

Este momento, muito citado por autores que trabalham com a Primeira República²⁰, é um marco temporal na inquietação social do país. As ansiedades advindas da “civilização” traduziam-se em movimentos artísticos que repensavam a brasilidade, como a Semana de Arte Moderna. Realizado em fevereiro de 1922, este movimento artístico-cultural propiciado pelos chamados modernistas, buscava manifestar um antropofagismo cultural, teorizado pelo poeta Oswald de Andrade, e queriam situar as renovações artísticas, influenciados pelos países da Europa, num contexto nacional. A preocupação desses vanguardistas era encontrar um meio de exprimir a cultura nacional da forma mais autêntica possível, ou seja, representar a brasilidade e um novo estado de espírito. Conforme aponta Sevcenko (1998):

[...] Esse é o momento especialmente em que, na senda da mudança do panorama cultural internacional no pós-guerra, se instaura uma crítica nacionalista dos modelos cosmopolitas vigentes, dando origem a novos discursos nativistas, que se tornariam o cimento ideológico do populismo em gestação. A euforia dos “belos tempos” se consoma num espasmo de energia reacionária (SEVCENKO, 1998: p.37).

Martins (2008), em sua análise sobre a imprensa de São Paulo no período de 1890 a 1922, também corrobora ao elencar as características do momento:

Insista-se que o ano de 1922 foi um ano de balanços e tomadas de posição. A fundação do Partido Comunista do Brasil e o levante dos 18 do Forte, marco inicial do movimento tenentista, se constituem em ocorrências políticas de significado. No âmbito da imprensa, a comemoração do “Centenário da Independência”, de enorme repercussão, suscitou múltiplas reflexões, trazendo à baila os tempos diversos que coexistiam na Capital paulista e no País (MARTINS, 2008: p.18).

²⁰ A citar: Sandra Jatahy Pesavento (1992), em seu estudo sobre o cotidiano da República, aponta o início da década de 1920 como sendo marcado por “crises, tensões e conflitos” (PESAVENTO, 1992: p.8). Também Nicolau Sevcenko (1998) descreve o período de 1920 a 1930 como um “espasmo de energia reacionária” uma vez que o regime político começa a decair, reflexo da crise do café (SEVCENKO, 1998: p. 37).

Apesar de marcada por profundas transformações nas esferas política, econômica, social e cultural, a nascente República não representou para as mulheres, tema do qual se ocupa esta investigação, uma efetiva posição atuante. Seu espaço de domínio continuava praticamente restrito ao privado.²¹ As mulheres da Primeira República ainda não tinham garantido o direito ao voto²², e embora os índices de analfabetismo diminuíssem entre o sexo feminino, poucas alcançavam o ensino superior.²³ Essencialmente para as representantes do sexo feminino das classes mais elevadas, era facilitado o acesso a uma intelectualização endossada pelo positivismo cientificista, mas esse estudo não tinha o objetivo de formá-la para o mercado de trabalho e sim promover suas famílias em áreas de lazer da alta sociedade como em saraus e bailes, “sua elegância, seu luxo e mesmo sua beleza exprimem a riqueza ou o prestígio de seus maridos ou de seus companheiros” (PERROT, 1998: p.15). Tal fato também é evidenciado por D’Incao (2007) em seu estudo sobre mulher e família burguesa:

Num certo sentido, os homens eram bastante dependentes da imagem que suas mulheres pudessem traduzir para o restante das pessoas de seu grupo de convívio. Em outras palavras, significavam um capital simbólico importante, embora a autoridade familiar se mantivesse em mãos masculinas, do pai ou do marido. Esposas, tias, filhas, irmãs, sobrinhas (e serviçais) cuidavam da imagem do homem público; esse homem aparentemente autônomo, envolto em questões de política e economia, estava na verdade rodeado por um conjunto de mulheres das quais esperava que o ajudassem a manter sua posição social (D’INCAO, 2007: p.229).

A autora destaca que a emergência da família burguesa nesse contexto nacional de modernidade requer uma definição segura para as mulheres como

²¹ No que se refere aos termos “público” e “privado”, que serão bastante utilizados nessa pesquisa, a historiadora Michelle Perrot, assim os define: “[...] A distinção do público e do privado apareceu como o que ela realmente é: uma categoria política, expressão e meio de uma vontade de divisão sexual dos papéis, das tarefas, dos espaços, produtora de um real remodelado sem cessar.” (PERROT, 2005: p.206)

²² Sobre o voto, Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991) afirmam que no Brasil o movimento sufragista não teve características de massas como no EUA e na Inglaterra. Iniciado em 1910 no Rio de Janeiro com a fundação do Partido Republicano Feminino por Deolinda Daltro tinha o objetivo de suscitar as discussões sobre o voto feminino no Congresso Nacional. De acordo com as autoras: “O direito ao voto foi sendo alcançado paulatinamente nos Estados. Desta forma quando, em 1932, Getúlio Vargas promulga por decreto-lei o direito de sufrágio às mulheres, este já era exercido em 10 Estados do País.” (ALVES; PITANGUY, 1991: p.48)

²³ Essa afirmação é corroborada pela ampliação das publicações na imprensa de espaços destinados às mulheres, bem como publicações feitas por mãos femininas como é o caso do jornal “O Corymbo”, periódico que circulou entre os anos de 1883 e 1944 na cidade de Rio Grande, de acordo com a dissertação de mestrado de Caroline Bonilha (2010), fundado e editado pelas irmãs Revocata de Mello e Julieta Monteiro.

cimento das relações sociais no núcleo familiar. Nesse papel, a mulher deveria ser a responsável por manter os valores morais da família através da educação dos filhos, caberia a ela estabelecer a ordem no lar e assim orientar os papéis sociais de seus filhos e filhas. Sobre essa mulher idealizada, Rago (1987) afirma:

[...] Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafés, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho (RAGO, 1987: p.62).

A urbanização incipiente, a crescente economia industrial, a modernização brasileira, embora apontasse para mudanças lentas como maior ocupação feminina do espaço público não repercutia em um modelo comportamental também renovado de liberdade para as mulheres, o discurso era categórico no sentido de enraizar a mulher na grande tarefa de educar. Pedro (1994), em sua análise sobre as mulheres da elite de Florianópolis na Primeira República, aponta que “é possível que essa ênfase na tarefa materna de educadora dos filhos estivesse vinculada ao projeto republicano de ‘atualizar o Brasil’ e fazê-lo ingressar no ‘século civilizado’” (PEDRO, 1994: p.73), ou seja, consolidar o estilo de vida burguês de acordo com o emblema da “ordem” para o “progresso”. Ratificando essa ideia de formação de uma sociedade ideal, Maluf e Mott (1998) afirmam que a insistência na importância da educação se dava com o propósito do controle: “Acolhiam-se, assim, os propósitos positivistas e impunha-se uma missão, a de moldar o pensamento, o comportamento e, em última análise, o caráter das gentes. [...]” (MALUF, MOTT, 1998: p.390).

Nesse sentido, para melhor discutir o perfil delineado como ideal para as mulheres, faz-se necessário analisar as características do positivismo vigente nos primeiros idos de 1920 no Rio Grande do Sul.

2.2 "Comteando" o Rio Grande

Também no Rio Grande do Sul as contestações à política centralizadora do governo vigente levaram as discussões para além do embate político, materializadas

na Revolução de 1923. A ideologia positivista que, nas palavras de Pesavento (1992), oferecia um padrão de moralidade política e austeridade dos governos, foi questionada durante a década de 1920. Ideologia esta, faz-se necessário acrescentar, que delineava também os padrões de comportamento moral da sociedade civil. Aproximando-se do discurso católico, os positivistas entendiam que a mulher tinha um papel social delimitado por sua capacidade reprodutora, deveria ser mãe-esposa e estar restringida ao lar. As ideias científicas vinculavam a imagem das mulheres como seres inferiores e dependentes que, somente sob a tutela dos homens, agiriam com a coerência esperada. Reproduzindo Comte na tessitura desses padrões, o fato de enaltecerem a mulher como guardiã do lar, dos filhos e do marido, limitava a atuação delas em relação a outros papéis. Ismério (1995), em seu estudo sobre mulher e moral no período abordado, revela o perfil feminino esperado pelo positivismo castilhistas:

Frágil, sentimental, obediente e pura, estes eram os atributos da *rainha do lar* e do *anjo tutelar*. Representavam a imagem da perfeição feminina e foram amplamente reverenciados e difundidos pelos positivistas. Esses modelos exemplares tinham que ser seguidos por todas as mulheres, independente de sua condição social, pois para Comte “*o anjo deve ser invocado como protetor e modelo*” (ISMÉRIO, 1995: p.31).

Os princípios de Auguste Comte, pensador francês (1798-1857), influenciavam o Rio Grande do Sul no início do século XX. Nesse sentido, é preciso compreender esses preceitos ao analisar seus desdobramentos na sociedade estudada. De acordo com Pezat (2007) o positivismo de Comte “procura dar conta dos mais variados aspectos da realidade, abarcando uma classificação das ciências, uma filosofia da história, um projeto político e uma doutrina religiosa, além de outros aspectos correlatos.” (PEZAT, 2007: p.30), mas suas interpretações variam de acordo com as diferentes realidades sociais, portanto não há apenas um positivismo vigorando no sul do país durante a República Velha e, sim, vários. Também Boeira (2007) compartilha essa ideia, chamando a atenção para a existência de um “positivismo rio-grandense”, adaptado aos interesses locais. Alonso (2007) acrescenta:

No Rio Grande do Sul, com Castilhos, sobressaiu a face política em sentido pleno, que objetivava o poder de estado, a ditadura positiva e políticas públicas como meio mais eficaz de civilizar o país. Embora partidário da religião da humanidade, Castilhos afastou-se cedo da órbita da Igreja, de fendendo a necessidade da intervenção política para que o progresso se instaurasse no país, buscando meios que permitissem apressar a “marcha da civilização”. Com o advento da República, ele conseguirá implementar muitas de suas ideias assumindo o governo do Rio Grande do Sul, para o qual criou uma constituição estritamente positivista (ALONSO, 2007: p.173).

A implantação da República no Rio Grande do Sul trouxe à cena política a efetivação do poder de Júlio de Castilhos e do Partido Republicano Rio-Grandense²⁴. Com base jurídica garantida por uma Constituição estadual “sectária, agnóstica, presidencialista” (SOARES, 2007: p.387), inaugurava-se um positivismo político coercitivo que se impunha às demais elites políticas além do PRR. A versão castilhista, o positivismo difuso, aparece com a morte de Júlio de Castilhos, para Boeira (2007):

A substituição de Comte por Castilhos – que não incluiu, como já dissemos, um abandono das ideias de Comte – adequou-se muito bem ao declínio político do positivismo em nível nacional. De outra parte, a versão castilhista das ideias positivistas era menos sistemática, mais concisa, formulável sem recurso a conhecimentos científicos e passível de compromissos com novos modismos – em suma, mais flexível e de entendimento mais fácil ao público rio-grandense politicamente relevante (BOEIRA, 2007: p.398).

O substituto de Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, seguidor da mesma égide, cumpriria vinte e cinco anos à frente do governo do Rio Grande do Sul. Sua atuação centrou cada vez mais no Estado o comando da economia. Constituído nos moldes de uma economia agropecuária que abastecia o mercado interno, o estado gaúcho era conhecido como “celeiro do país”. Pesavento (1992) aponta para o crescimento da economia do estado nos anos de guerra na Europa, quando o Rio Grande do Sul precisou dar conta das necessidades das nações aliadas além da demanda nacional. Segundo a autora, até aproximadamente o ano de 1920, recorte

²⁴ De acordo com o estudo de Pezat (2007: p. 43), em novembro de 1890 Castilhos foi eleito como representante da bancada gaúcha que discutiria o projeto de constituição estadual e defendia posições distintas do postulado comtiano. Os constituintes promulgaram a Constituição e elegeram Castilhos para o primeiro mandato em 14 de julho de 1891, inaugurando um período político conturbado para os gaúchos que iriam desencadear em seguida a Revolução de 1893.

inicial desta pesquisa, o estado ampliou sua produção agrícola e expandiu o cultivo de arroz, mas o início da década de 1920 foi marcado pela recessão econômica. A pecuária foi diretamente atingida quando o mercado europeu deixou de consumir em larga escala a carne gaúcha repercutindo nos frigoríficos que tiveram um retraimento de suas atividades. Foi o caso do Frigorífico Rio-Grandense que, sem condições financeiras de se manter, foi vendido para uma empresa inglesa e tornou-se “Frigorífico Anglo”.

O governo de Borges de Medeiros enfrentou forte oposição quando os pecuaristas passaram a exigir medidas que beneficiassem o setor econômico mais importante do estado. Arelado a uma política de favores em nível nacional, Borges de Medeiros continuou concentrando esforços na tarefa de desenvolver os transportes, cujos exemplos eram a encampação do porto de Rio Grande e da Viação Férrea. Os anos contemplados nesta pesquisa foram conturbados, pois antecederam a chamada “Revolução de 1923” e estavam ligados à insatisfação da elite criadora de gado e a possibilidade de reeleição de Borges. Segundo Pesavento (1992):

Os episódios relacionados com a eleição estadual de 1922 precipitaram a eclosão dos incidentes revolucionários. Borges candidatou-se ao seu 5º mandato para a presidência do Rio Grande, ao que a oposição revidou com a indicação do nome de Assis Brasil. Entretanto, como já se podia prever, as urnas deram a vitória à situação. Inconformados, os oposicionistas alegaram fraude e tomaram em armas contra o governo estadual, através de uma série de levantes regionais [...] (PESAVENTO, 1992: p.86)

No entanto, Borges de Medeiros se reelegeu e a paz foi selada no Pacto de Pedras Altas. O pacto estabelecia a revisão da Constituição positivista e impossibilidade de nova eleição para Borges. À conjuntura política e econômica apresentada, somava-se a agitação social. Também o operariado reivindicava direitos nessa sociedade “positiva”.

Mas, na prática, as famílias gaúchas nos anos abordados viviam sob forte autoritarismo e rígido controle moral.

Acerca desta sociedade, o estudo de Trindade (2007) sobre o Rio Grande do Sul no período, possibilita compreender a nova ordem política que se impusera com o castilhismo e que tinha por objetivo configurar uma sociedade moralizada através de um Estado coercitivo, caracterizado pela ausência de interesse individual em

nome da segurança coletiva. Se o modelo filosófico de governo impunha um esvaziamento da individualidade de uma forma geral, as mulheres eram ainda as mais afetadas. Na rotina cotidiana dos lares, era exigido delas a doação total para a família e o esquecimento de tudo que fosse alheio ao recôndito do lar, incluindo as futilidades, como o cuidado com a beleza e a moda. Esse altruísmo é observado por Caleiro (2002, p. 3):

Os positivistas republicanos também disseminaram a ideia do altruísmo feminino que se dividia em três modalidades. A primeira seria o amor para com os seus iguais, o amor para com os que lhe fossem superiores e a veneração e o amor para com todos que dependessem de sua bondade. Quanto ao instinto sexual feminino, consideravam-no quase inexistente.

Percebe-se, através da análise da autora, a limitação imposta às mulheres no contexto da república positivista. A filosofia adotada justificava e convencia as mulheres de seu papel “grandioso”: a formação dos filhos e o cuidado do lar, ou seja, suas funções importantes não extrapolavam o espaço privado. Pensar o público e o privado é referir-se de forma racional aos papéis desejados socialmente do homem e da mulher. O projeto socioeconômico burguês relacionou os homens com a política e as mulheres com o doméstico, juntamente com a ideia de poder estatal vinculado à proteção dos indivíduos. Para Perrot (2005), a família, pertencente ao público e ao privado, é essencial na comunicação entre ambas as esferas:

[...] Átomo da sociedade civil, ela é administradora dos “interesses privados”, cuja boa manutenção é essencial para a marcha dos Estados. Pedra angular da produção, ela garante o funcionamento econômico e a transmissão dos patrimônios. Célula da reprodução, ela engendra os filhos, aos quais dá uma primeira socialização. Fiadora da consciência nacional, ela vela sobre a sua pureza e sua saúde. Cadinho de consciência nacional, ela transmite os valores simbólicos e a memória fundadora. [...] (PERROT: 2005, p. 458).

E a família, elemento fundamental nesta discussão, tinha grande poder de influência sobre a mulher, condenada pela biologia à maternidade e, conseqüentemente, à esfera privada. A mãe como educadora natural, tinha sua

utilidade girando em torno da formação dos filhos e, por isso, suas ações deviam seguir um padrão comportamental que fosse compatível com os desejos da sociedade em que estivesse inserida²⁵. seguir um padrão comportamental que fosse compatível com os desejos da sociedade em que estivesse inserida²⁶.

As representantes do sexo feminino abordadas nessa pesquisa pertenciam a um núcleo social restrito, privilegiado. Eram as filhas, netas, sobrinhas, irmãs, esposas de homens que atuavam no cenário político discorrido acima, os quais eram os proprietários de terras do interior do Rio Grande, plantadores de arroz, pecuaristas, os chamados “coronéis”, mas também os profissionais liberais que gozavam de grande visibilidade entre seus pares: médicos, advogados, engenheiros e, ainda, alguns funcionários públicos. A elite intelectualizada era a que estampava as páginas da revista que é a fonte desse trabalho. Para entrever essas mulheres no espaço do Rio Grande do Sul positivista entre os anos de 1920 e 1922 e captar o mundo que as rodeava em seus aspectos socioculturais, econômicos e políticos, faz-se necessário um breve levantamento bibliográfico acerca da cidade específica onde era elaborada e impressa a publicação aqui analisada, a “Princesa do Sul”²⁷, Pelotas.

²⁵ Ao longo dessa dissertação, os exemplos desse modelo ideal de mulher serão melhor explorados com a análise direta das publicações feitas pela Revista *Ilustração Pelotense* para o público feminino.

²⁶ Ao longo dessa dissertação, os exemplos desse modelo ideal de mulher serão melhor explorados com a análise direta das publicações feitas pela Revista *Ilustração Pelotense* para o público feminino.

²⁷ Segundo o historiador Mário Osório Magalhães (1993), a origem da expressão seria de uns versos de Antônio Soares da Silva, publicados em uma revista de São Paulo, em 1863.

2.3 - A Pelotas da Ilustração

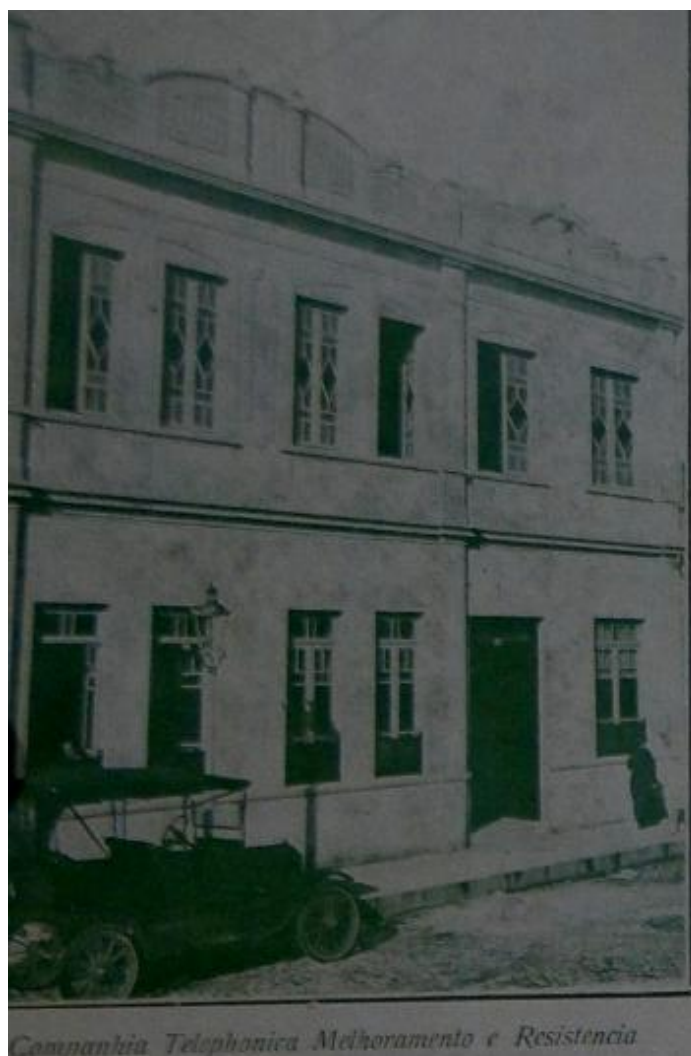


Figura 11 – Prédio da Companhia Melhoramento e Resistência. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

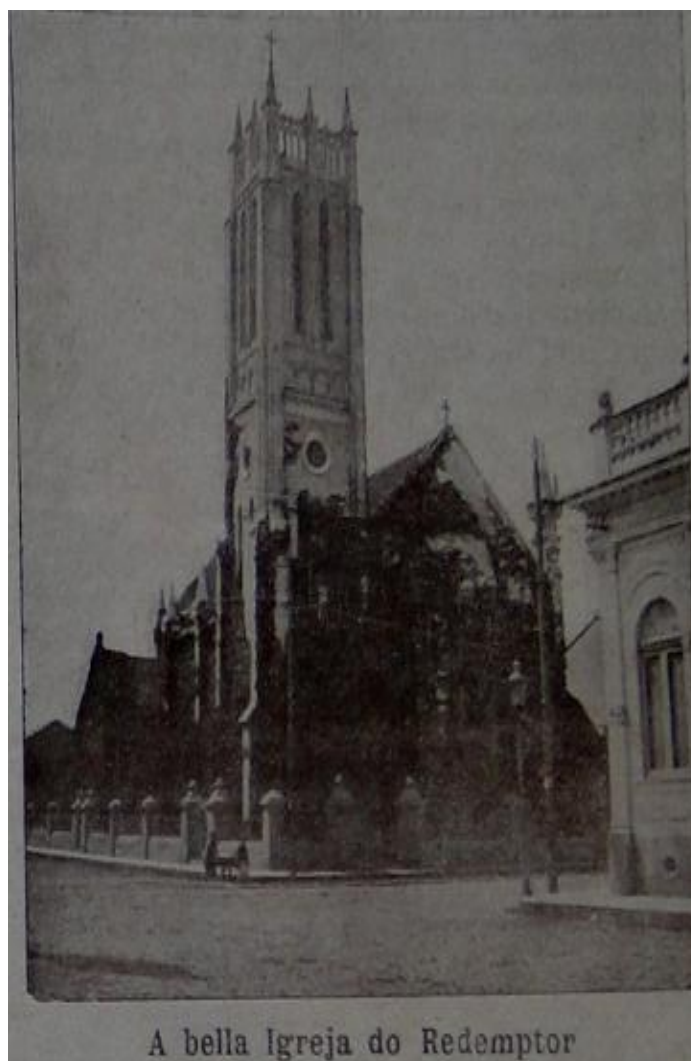


Figura 12 – Fotografia da Igreja do Redentor, popularmente conhecida como “cabeluda”.
Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

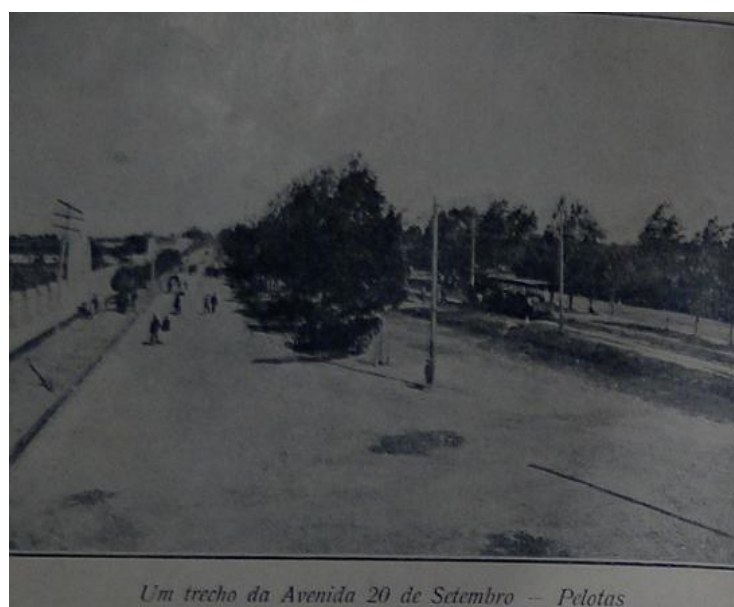


Figura 13 – Fotografia panorâmica da Avenida 20 de Setembro em Pelotas. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

Uma cidade com esgoto, água encanada, bondes, luz elétrica e telefone. Uma cidade com espaços de lazer: Clube Caixeral, Clube Comercial²⁸, Teatro Guarani, Praça da República, Esporte Clube Pelotas, Grêmio Esportivo Brasil, Cinema Ponto Chic, Politheama e Coliseu, confeitarias com deliciosas maravilhas. Uma cidade que valorizava o desenvolvimento intelectual: Biblioteca Pública, Livraria Universal, Livraria Americana, faculdades de Direito, Farmácia e Odontologia.²⁹ Uma cidade com infraestrutura para receber visitantes: Hotel Aliança. Uma cidade de economia considerável, cujo maior exemplo era o Banco Pelotense³⁰. Indispensável citar também acerca desse aspecto o Frigorífico Rio-Grandense que, vendido para ingleses em 1921, tornou-se Frigorífico Anglo e a Fábrica de Fiação e Tecidos³¹.

As figuras apresentadas no início do tópico, extraídas da revista *Ilustração Pelotense* de 1922, atestam a modernização de Pelotas no início do século XX. A “Princesa do Sul” contava com os serviços de empresas que se destacavam como a “Força e Luz” e a “Companhia Melhoramento e Resistência”, esta considerada um dos melhores serviços de telefonia do país. Atrativa e economicamente desenvolvida, pelo menos até a substituição das charqueadas pelos frigoríficos instaurando uma crise da pecuária, Pelotas mantinha sua “opulência”. Na figura 13, a panorâmica da Avenida Vinte de Setembro capta os postes de luz elétrica e o bonde circulando, evidenciando o desenvolvimento e a modernização da cidade no período que interessa para este estudo.

No livro “Pelotas: Toda a Prosa”, Magalhães (2002) afirma que foi na década de 1910 que Pelotas começou efetivamente a se modernizar sob a administração do intendente Cipriano Corrêa Barcellos. Essa modernização era o reflexo de uma economia que possibilitava investimentos. As famílias privilegiadas que aqui viviam

²⁸ Fundado em 17 de agosto de 1881, foi o mais privilegiado espaço de lazer citado nas páginas da *Ilustração* nos anos de 1920, 1921 e 1922. As senhorinhas abordadas no presente estudo eram frequentadoras assíduas dos eventos do clube.

²⁹ Acrescente-se aqui no aspecto cultural a fundação do Conservatório de Música em 1918, segundo estudo da professora Isabel Porto Nogueira sobre mulheres musicistas (2008).

³⁰ No Dicionário de História de Pelotas, Mário Osório Magalhães (2010) aborda a importância dessa instituição financeira. Segundo o verbete, o Banco, fundado em 1906 e liquidado em 1931, teve 70 agências e atuava em cinco estados do país. “Em 1920 era considerado o maior banco do Rio Grande do Sul e o terceiro do Brasil” (MAGALHÃES, 2010: p. 26).

³¹ Dados extraídos de duas obras de destaque do historiador Mário Osório Magalhães sobre a história de Pelotas: *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 – 1890)* de 1993 e *Pelotas: Toda a Prosa, segundo volume (1874 – 1925)* de 2002.

podiam desfrutar de espaços de lazer variados, ou seja, era uma cidade também para se divertir. Segundo o autor:

É que uma nova burguesia se agitará pelas ruas; construirá, quase sempre ao ar livre, novos espaços de sociabilidades: ringues de patinação modernizados, cafés, salões de bilhar e, como o mais sofisticado de todos, as confeitarias. Nas suas vitrines estarão expostos tanto os doces tradicionais do Nordeste quanto os tradicionais doces de Pelotas. Com todas as suas diferenças e coincidências, de aspecto e de paladar (MAGALHÃES, 2002: p.281).

Situada no litoral do extremo sul brasileiro entre três importantes cursos d'água: o arroio Pelotas, o canal São Gonçalo e o arroio Santa Bárbara e tendo sua origem na atividade pastoril e no fabrico do charque, o povoado que ali se formou foi elevado à condição de freguesia em 1812³². Cerca de seis anos depois já contava com uma população superior a 3.000 pessoas e em 1900 a população urbana era de 26.000 habitantes. Segundo dados presentes na dissertação de Mestrado de Anjos (2000) sobre os estrangeiros e a modernização de Pelotas no final do século XIX,

Em 1897, a cidade ocupava uma área de 30.000 metros quadrados, contendo 5.103 prédios, dos quais 170 eram sobrados, 339 eram assobradados e demais térreos. Das 53 ruas existentes, 28 eram calçadas de pedra com leito de areia, possuindo em média 15 metros de largura e 85 de face (ANJOS, 2000: p.47).

Assim, o século XX irrompe em uma cidade de importância considerável no cenário nacional. Estudo aprofundado de Loner (2001) sobre a construção da classe operária em Pelotas e Rio Grande entre os anos de 1888 e 1930 permite melhor caracterizar o modelo econômico da cidade e, conseqüentemente, a sustentação da classe privilegiada. Loner aponta o complexo gado-arroz como base econômica da região destacando, também, como alternativa para o aproveitamento da terra, a produção de frutas e legumes para a produção de conservas artesanais, como pessegadas e passas, bem disseminadas no mercado nacional. De acordo com a autora, Pelotas manteve sua taxa de crescimento em 1920 superando municípios

³² Magalhães (1993) aponta para a necessidade da existência de um núcleo populacional bem desenvolvido para a fundação de uma freguesia o que não significava a independência administrativa que somente acontecia quando da elevação à categoria de vila, fato ocorrido em Pelotas em 1832 apenas. "Freguesia era um título de autonomia religiosa, pelo qual o povoado passava a dispor de uma igreja paroquial própria. Quando atinge essa condição, em 1812, Pelotas desliga-se da Freguesia e Matriz de São Pedro, no Rio Grande, mas continua dependente, como povoado, da sua Vila e Câmara" (MAGALHÃES, 1993: p.24).

como Juiz de Fora, Campinas e Santos em renda, e ocupando 8º lugar em rendas municipais. Nos anos que se seguiram, no entanto, o declínio foi rápido em função da política borgista de desenvolvimento dos transportes que descapitalizou a região e do retraimento do consumo europeu da carne. Na caracterização do grupo social privilegiado, a autora afirma:

Com uma elite formada a partir da posse da terra, que consolidou suas posições com o recurso ao poder político, tanto no sentido de fornecer quadros para partidos do Império e da República, quanto no de conseguir regalias e benefícios através do Estado, Pelotas se destacava também pela sua sofisticada cultura e estilo de vida, que a diferenciava de outras cidades gaúchas do interior. Era uma sociedade na qual havia a valorização de qualidades relacionadas com a nobreza e a ociosidade, como o cavalheirismo, a cultura e o desprendimento do dinheiro. E obviamente, uma sociedade em que havia a valorização de um ócio que permitisse aos cidadãos usufruírem os entretenimentos e bens culturais disponíveis. Por outro lado, a elite fazia jus à fama, pois se comportava de modo a legitimar esses atributos, constantemente envolvida em campanhas assistencialistas ou progressistas na cidade. (LONER, 2001: p.55).

Nesse sentido, percebe-se a “Princesa do Sul” da *Ilustração Pelotense* como uma cidade de sociedade requintada³³, requinte esse que de forma evidente era propagandeado nas páginas da revista e foi se introjetando de tal forma no imaginário social que, por vezes, limitava a atuação social das classes menos favorecidas que se deixavam influenciar. Era frequente a preocupação em ilustrar o “bem viver moderno” dos privilegiados não só de Pelotas como também das cidades vizinhas, pois o alcance da publicação atingia várias cidades gaúchas. Abordando a questão em um capítulo intitulado “A fotografia: um click nos tempos modernos” do livro República Velha (1889-1930), Michelin (2007) afirma:

[...] A importância dessa revista para a história da cidade encontra-se, em parte, na documentação visual ditada pelas fotos na mesma impressas. Nesses registros observou-se moda, comportamento, valores, tipos de beleza, saúde e gosto adequados ao momento político dominante que se firmou na cidade através das sucessivas intendências do PRR. Sendo uma revista da intelectualidade e da

³³ Sobre essa questão Anjos (2000) descreve: “Ruas largas e retas eram as da cidade. Na São Miguel (Quinze de Novembro), na Rua do Imperador (Félix da Cunha), na Andrade Neves e na General Osório situavam-se os principais. Nas ruas, as senhoras ‘chiques’ desfilavam os últimos lançamentos da moda chegados a Pelotas. Homens de negócio discutiam. Jovens ‘flertavam’. O caminho ao teatro se fazia a pé ou em carruagens. Nas tardes de lazer, a observar lojas, experimentar doces e sorver gasosas, os pelotenses elegantes olhavam e eram vistos, e essa era a regra do jogo (ANJOS, 2000: p. 41).

classe política dominante, a cidade, nessa documentação, aparecia como pano de fundo para o cidadão, mas como ficou demonstrado no estudo, sem esse pano de fundo não se evidenciaria o sujeito moderno, clara finalidade proposta na revista. [...] (MICHELON, 2007: p. 435).

Nesse sentido, buscou-se aqui, ao reproduzir fotografias de prédios e ruas da cidade impressas na publicação, captar a visibilidade do “viver moderno” propagado. A Pelotas ilustrada era uma cidade em desenvolvimento urbano, personificando o projeto positivista de modernização. Apesar da crise econômica que se estabelece na década de 1920, Pelotas ainda vivenciava uma *Belle Époque* tardia nesse período, evidenciada pelo bem viver da classe abastada. Com intuito de entrever o espaço que era destinado às mulheres desse grupo social especificamente, nas páginas do próximo capítulo, será analisado o que era publicado na revista *Ilustração Pelotense* por mulheres, sobre as mulheres e para as mulheres.

CAPÍTULO 3 - SENHORINHAS PERFEITAS: PALAVRAS DE, SOBRE E PARA AS MULHERES



Figura 14 – Fotografia de uma leitora da revista, filha de um comerciante local, senhorinha Alda Barboza. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

Até o presente momento buscou-se apresentar a revista *Ilustração Pelotense* identificando suas características principais para situar os discursos que nela circulavam sobre as mulheres, bem como o contexto histórico em que essa circulação ocorreu, procurando amalgamar o que era escrito por mulheres, para mulheres e sobre mulheres com as peculiaridades do período castilhistas em vigor e delinear a mulher idealizada nas páginas da revista. Neste capítulo será apresentada a estrutura da linha editorial no que se refere ao universo feminino, através de um levantamento das temáticas recorrentes e em seguida a análise de alguns textos que apontam para a possível representação desejada, “considerando que não há prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo” (CHARTIER, 2002: p.66).

Ao todo foram catalogados 74 exemplares da revista correspondentes aos anos de 1919 até 1922, sendo que destes anos não foram localizados apenas 10 exemplares no acervo da Biblioteca Pública Pelotense. O levantamento de dados foi sistematizado da seguinte forma:

Tabela 1 – Levantamento quantitativo de textos escritos por mulheres, dedicados a mulheres e que citavam mulheres entre os anos de 1919 – 1922

Ano	Textos de mulheres	Textos para mulheres	Textos sobre mulheres	Total
1919	0	6	17	23
1920	20	12	25	57
1921	27	5	18	50
1922	31	13	20	64

Ao analisar-se os dados contidos na tabela acima se percebe que a ênfase nas mulheres foi aumentando consideravelmente, o que pode indicar o nicho de mercado encontrado pelos editores que passaram a dar mais espaço para o que poderia interessar às consumidoras da revista. Também chama a atenção o número de escritas assinadas por nomes femininos, ainda que pudesse ser o pseudônimo de homens; o aumento da quantidade de autoras, além de atrair mais leitoras por uma questão de aproximação de interesses, indica o destaque que a publicação dava para a intelectualidade do sexo feminino, um reflexo do modelo político vigente, que pregava a educação da mulher. De acordo com os números, a revista tornava-se cada vez mais identificada com esse público, fato igualmente evidenciado pelas ilustrações que, na maioria das vezes, estampavam mulheres, inclusive sendo raras as capas que não mostraram as “senhorinhas” da sociedade.

O fazer-se autora pressupunha uma autonomia comedida e permitida, pois a libertação pelas letras era possível sem sair do recanto doméstico. A dificuldade de tornarem-se, de fato, criadoras estava na trajetória feminina definida pela sociedade burguesa que sempre as colocava como coadjuvantes, frágeis, auxiliares do homem, esse sim, forte. Conforme aponta Telles (2007) em seu estudo sobre escritoras, escritas e escrituras:

[...] Tiveram que primeiro aceder à palavra escrita, difícil numa época em que se valorizava a erudição, mas lhes era negada a educação superior, ou mesmo qualquer educação a não ser a das prendas domésticas; tiveram de ler o que sobre elas se escreveu, tanto nos romances quanto nos livros de moral, etiqueta ou catecismo. A seguir, de um modo ou de outro, tiveram de rever o que se dizia e rever a própria socialização. Tudo isso tornava difícil a formulação do eu, necessária e anterior à expressão ficcional (TELLES, 2007: p.403).

Dos 194 textos catalogados que faziam referência à mulher, 45 foram assinados por nomes masculinos, enquanto que 78 tinham nomes femininos na autoria e o restante não foi possível identificar por não estarem assinados, por constarem apenas as iniciais ou se encaixarem tanto na figura masculina como feminina, como os pseudônimos “Clíres”, “Jocus”, “Mysotis”. Os autores e autoras eram bastante aleatórios, não havia uma regularidade de colaboradores, sendo comum os autores não se repetirem. Dentre os homens, João Cabral de Freitas, responsável pela crônica inicial da revista no ano de 1922 e tendo sido colaborador também nos anos anteriores, é o que mais se repete e, mesmo assim, em apenas 4

textos. Das palavras assinadas por mulheres a que mais aparece é a “Exótica”, pseudônimo da senhorinha Laura Reis, com 11 recorrências. Geralmente, a revista publicava em alguns números seguidos as colaborações de mesma autoria feminina, mas não teve uma autora presente ao longo dos quatro anos analisados de forma sistemática.

Uma vez tendo sido feita a sistematização dos dados pesquisados, a visualização dos mesmos permite melhor orientar a análise a partir do seguinte procedimento

[...] Começamos por observar o modo de construção, a estruturação, o modo de circulação e os diferentes gestos de leitura que constituem os sentidos do texto submetido à análise, a partir dos vestígios que aí vamos encontrando, podemos ir mais longe, na procura do que chamamos de processo discursivo. [...] Nessa nova passagem, agora do objeto para o processo discursivo, passamos ao mesmo tempo do delineamento das formações discursivas para a sua relação com a ideologia, o que nos permite compreender como se constituem os sentidos desse dizer. [...] Entre as inúmeras possibilidades de formulação, os sujeitos dizem x e não y, significando, produzindo-se em processos de identificação que aparecem como se estivessem referidos a sentidos que ali estão, enquanto produtos da relação evidente de palavras e coisas. Mas, como dissemos, as palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua (ORLANDI, 2005: p.67).

Os sentidos produzidos de forma simbólica, através das palavras, se produzem no ato da posse do receptor dessas mensagens. As interpretações, no entanto, são conduzidas na apresentação de uma série de elementos tidos como perfeitos e que se transformam em metas a serem atingidas através da via discursiva. Portanto, as leitoras acabam se apossando de um discurso que espera delas uma atitude condizente com o prescrito.

Para melhor proceder a análise dos discursos presentes no que foi escrito por mulheres, para mulheres e sobre mulheres, fez-se um levantamento das temáticas mais recorrentes nos textos.³⁴ Segue abaixo a classificação destes temas em ordem alfabética:

- Assuntos do coração: A temática engloba os textos referentes aos relacionamentos e aos sentimentos em geral: amor, amizade, saudade, decepção, entre outros.

³⁴ As tabelas que permitiram a classificação das temáticas encontram-se nos anexos.

- Beleza: As escritas que tratam da questão estética. Aparecem aqui dicas, opiniões, notas sobre concursos.
- Comportamento: A temática é composta por textos de aconselhamentos e exemplos do que deve ou não ser feito, dito ou lido. Aparecem questões ligadas à saúde, aos esportes, à literatura e à música.
- Educação: Textos relativos à importância da instrução feminina, sobre escolas ideais para mulheres, bem como notas citando o andamento estudantil das senhorinhas.
- Família e casamento: Ressaltam a importância dos laços familiares e também os problemas conjugais possíveis.
- Moda: Fazem parte dessa temática os textos que se referem às tendências do vestir, englobando tecidos, acessórios e cores que deveriam ser usadas pelas senhorinhas.
- Mulher: Textos que discorrem sobre o papel feminino na sociedade, destacando situações de sucesso ou fracasso dependendo dos atos. Também cabem aqui os textos que enaltecem a figura feminina colocando-as na condição de perfeitas, intocáveis, bem como os elogios para o sexo feminino.
- Notas sociais: Aqui aparecem as coberturas de eventos, viagens, participação de casamentos e noivados, aniversários, convites, entre outros.

As análises a seguir buscam identificar nas abordagens que discorrem sobre o universo da escrita que cerca o feminino, o discurso que constrói uma modelagem de mulher ideal.

3.1 Clotides *Exóticas*? Palavras de mulheres

SUPPLICA AO MAR

Oh! mar que brilhas ao sol como si estivesse atulhado de pedrarias ofuscantes...

Oh! ondas arqueadas que borbulhais a gemer em altos brados...

Serenai!... para que o barco cruel, que há de levar o meu amor, deslize mansamente, em proteção a essa preciosa vida...

Vais conduzir em teu dorso imponente, o navio pirata que roubará a minha própria alma...

Más eu, te não vou querer mal por isso, - oh! mar da minha terra, - pois tu não tens a culpa de que o meu bem, fuja para longe... muito longe de mim...

És um involuntário carrasco; más serás tu mesmo, nas horas de Saudade – da qual, eu sinto já o prelúdio, - a minha única consolação:

[...]

(EXÓTICA, dezembro de 1922, p.26)



Figura 15 – Fotografia da capa de dezembro de 1919 da revista Ilustração Pelotense mostrando a senhorinha Laura Reis, colaboradora da publicação sob o pseudônimo “Exótica” Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

O levantamento de dados realizado apontou para a inconstância na assinatura dos textos que eram publicados na *Ilustração Pelotense*. Sendo assim, a recorrência de 11 colaborações, por vezes duas em um mesmo número, chama a atenção. Esse foi o caso da senhorinha Laura Reis que, sob o pseudônimo “Exótica” passou a contribuir escrevendo para a revista a partir da edição de julho de 1922. A apresentação dela pelos editores foi feita no mês anterior:

Exótica

Com esse pseudônimo exótica inicia a sua colaboração em nossa revista uma gentil e talentosa senhorinha, que teve a delicadeza penhorante de dedicar o seu 1º trabalho, aqui publicado, ao diretor da Ilustração e ao festejado novelista de “Historias mal contadas” (ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, junho de 1922)

Na edição de 7 de setembro de 1922, ela revela sua identidade assinando como “Laura Reis” (exótica) a autoria de um texto que aborda, por meio de metáforas, aspectos da natureza, intitulado “A noite vai chegando”.

A noite vai chegando...

O sol, em agonia, desenha no horizonte os mais tresloucados painéis...

A passarada, em revoos, aproxima-se dos matos procurando abrigo aprazível para passar a noite.

Uma aragem agradavelmente fresca agita, de manso, o arvorei.

Hora da saudade...

Escurece.

E a noite de luar vem aclamando as sombras formadas pelo arvoredo gigantesco e copado de folhagens.

[...]

(EXÓTICA, setembro de 1922, p.15)

Nota-se em ambos os trechos apresentados a preocupação de Laura Reis em utilizar palavras rebuscadas, mostrando seu vocabulário raro para descrever o mar, primeiramente, que como um carrasco involuntário leva o seu amor para longe e depois as imagens que o luar traz aos elementos da natureza. Essas metáforas, talvez traduzissem a influência da literatura brasileira romântica e realista do início do século XX que, de modo geral, ignoravam os problemas mais sérios da sociedade brasileira sendo vista pelos pré-modernos (Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Graça Aranha, Lima Barreto, entre outros) apenas como uma forma

inconsequente de entretenimento das elites. A linguagem literária utilizada pela autora corrobora a ideia de Buitoni (1986) ao afirmar que a imprensa feminina nasceu sob o signo da literatura, além de configurar também o caráter da *Ilustração Pelotense* que, apesar de não ser uma revista feminina, carregava nas mulheres as suas edições.

Outras contribuições foram dadas pela senhorinha Laura Reis: em suas escritas apareceram as decepções amorosas, elogios à obra “Ascensões e Declínios” de Coelho da Costa, a admiração pela profissão de enfermeira e as cartas trocadas com Raul de Sevrès e Romeu de Alencar, cujos temas envolvem os assuntos do coração, os mais constantes nas páginas da revista. O número de textos que envolvem os problemas sentimentais indica o universo de domínio das leitoras: o amor e suas decepções e os demais sentimentos com os quais conviviam cotidianamente, conversas corriqueiras entre amigas na hora do chá. Geralmente, os textos que contemplavam decepções ou, ao contrário, romances bem sucedidos apresentavam personagens que passavam por determinadas situações aproximando-se das leitoras por identificação. Ao fazer seu estudo sobre os assuntos de mulheres, Buitoni (1986) aponta:

Assim, quase não há revista que não trate, de alguma maneira, do tema *coração*. O enfoque pode ser o romance, o melodrama, a análise, o sexo. O coração já estava nos inícios – no consultório sentimental que expunha as barreiras dos costumes, na literatura que falava de amor (BUIIONI, 1986: p. 22).

Afastadas das questões políticas que compunham apenas o universo masculino, pois “as mulheres ‘adequadas’ não falam de política; é inconveniente e mal-educado” (PERROT, 2005: p.464) e uma vez que os homens votam e as mulheres não, e também são apartadas dos assuntos econômicos, pois são os homens que trabalham fora e sustentam o lar, ainda que se quisesse estimular a economia doméstica, elas se voltavam para a literatura romântica e suas escritas refletem esse interesse. O foco das mulheres de elite no amor também é justificado pelo seu destino matrimonial e maternal, afinal o casamento seria a sua carreira. A *Ilustração*, não raro, privilegiava o tema em suas páginas, através das palavras das próprias senhorinhas:

O que pensa a noiva e a noiva que pensa

Dois pensamentos diametralmente opostos invade-lhe a alma: alegria e pesar! ... Sente-se alegre por que vai realizar o sonho querido de sua mocidade, vivendo ao lado daquele que o coração aponta-lhe como o melhor dos homens, esperando amor, carinho, dedicação, enfim, o termo de suas aspirações! Triste porque em breve deixará os pais, a família, a casa paterna, abrigo e guarda de uma feliz infância, onde viveu cercada de todos os confortos num ninho de afetos.

[...]. (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, dezembro de 1920, p. 23)

Ao ler o texto escrito por Alzira de Oliveira, colaboradora em outros textos sobre a amizade e a caridade, é possível acercar-se dos elementos que povoavam o imaginário feminino. A angústia de deixar a segurança da casa paterna, apontada no texto, remete ao medo da rua, do desconhecido. Como eram resguardadas no espaço privado, não estavam preparadas para enfrentar adversidades. A “guarda” da mulher passava do pai ao marido, cuja convivência efetiva só se dava depois do casamento. Nesse tom, o texto segue:

Já perturbada com esta lembrança, estende a vista mais além, recorda o ter visto muitas uniões formadas sob auspícios de amor, acabarem na indiferença e mesmo no enojo, e teme, passada a ilusão primeira, ver arrefecerem os sentimentos ternos do marido, que a envolverá no mais glacial indiferentismo ou tratá-la talvez com aspereza, e horrorizada chora diante da perspectiva de uma vida assim, [...] mas é crente, eleva o coração a Deus, desperta deste sonho que a aflige, vê que é mulher, que si foram para si inventadas as maiores dores, a si foram também confiadas as mais delicadas missões e que, como disse alguém: “A felicidade humana deriva do que vive sob a sua responsabilidade.” [...] Pensa que si harmonizar seu gênio e gosto o dele, si uma vez que ele vai ver toda a sua família, o rodear de afeto, de respeito sem humilhação, de dignidade, si puser acima de tudo a pureza do nome de seu marido que será também o seu, [...] si procurar mostra-se contente com sua sorte, sempre feliz a seus olhos, se enfim for forte, boa, condescendente, ajuizada e carinhosa, bem compenetrada de seus deveres e a risca os cumprir, ele si não for um monstro, mas um homem como ela imaginou, procederá do mesmo modo e assim unidos [...].

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, dezembro de 1920, p 23)

O temor da indiferença que o esposo possa demonstrar com o passar do tempo deve ser resolvido pela mulher aceitando a sua condição de sofredora e se concentrando em suas importantes missões, sendo a felicidade do marido uma delas. Para tanto, a mulher deve controlar seu gênio, rodear seu marido de afeto e

confiança, ser forte, boa, condescendente, ajuizada e carinhosa, e claro não se esquecer de suas tarefas, ou seja, o perfeito “anjo do lar”, não só conformada com sua condição coadjuvante, mas feliz com ela, afinal, é o seu destino. Assim, a escrita de Alzira de Oliveira corrobora a visão de que a “*rainha do lar*” tinha como funções principais procriar e criar seus filhos, cuidar do marido respeitando sempre suas exigências e administrar a casa (ISMÉRIO, 1995: p.34).

Outros textos de teor modelador das mulheres no que se refere à conduta e à relação cotidiana com o marido foram contemplados pela revista, mas este capítulo busca as escritas que partem de penas femininas. Uma em especial chama a atenção, classificada na temática de comportamento, mas dentro da questão do casamento:

Decálogo da boa esposa

1º - Não originarás a primeira disputa, mas se for inevitável, luta com valor. Saíres vitoriosa da desavença domestica pode equivaler a elevares-te na opinião do teu marido no futuro.

2º - Não olvidarás que te casaste com um homem e não com um Deus. Portanto, que não te surpreendam as suas fragilidades.

3º - Não fales sempre de dinheiro a teu marido. Procura arranjar-te o melhor possível com o que ele te der.

4º - Se crês que teu marido carece de coração, lembra-te de que tem um estomago. Apelando persistentemente para o seu estomago, com manjares bem condimentados, será, por fim, mais fácil tocar-lhe o coração.

5º - Uma vez, de quando em quando mas não muito amiúde, deixe-lhes a última palavra. Isto o lisonjeará e não te fará mal nenhum.

6º - Lerás os jornais por inteiro, sem te limitares às historias da sociedade e aos escândalos, Teu marido se surpreenderá agradavelmente ao ver que pode falar contigo de assumptos gerais, e até de política.

7º- Não serás descortês ainda que questiones com teu esposo. Não te esqueças de que em algumas ocasiões o julgaste pouco menos que um semideus.

8º - De quando em quando permitirás que teu marido veja que sabe mais alguma coisa do que tu, reconhecendo que não és completamente infalível.

9º - Se teu esposo é inteligente, serás sua amiga; se o não é, serás ao mesmo tempo amiga e conselheira.

10º - Estimarás os parentes de teu marido, e especialmente sua mãe. Tem presente que eles o amavam há muito tempo antes de te amar a ti.

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, fevereiro de 1922, p.23)

Os 10 mandamentos, referência bastante simbólica, revelam o papel esperado da esposa burguesa, elitizada. Para ser “boa” cabia a ela adaptar-se às situações de modo a conceder ao marido o palco principal do lar. Se ele não era inteligente, ela deveria ser conselheira, se ele era, a mulher deveria ser apenas amiga. Deixar que o marido tivesse a última palavra, ou seja, ele deveria ter o poder de comando. A mulher para ser boa esposa deveria economizar, ser habilidosa para organizar o lar com o recurso financeiro cedido pelo marido, aceitar sua família de bom grado, ser gentil, informar-se de assuntos gerais para poder surpreendê-lo com uma conversa agradável e, na barganha do dia a dia, as mulheres ainda poderiam ter bons resultados a seu favor utilizando a cozinha. Estas regras de conduta eram lidas por olhos femininos e suas mensagens captadas. Maluf e Mott (1998) ao analisarem também um decálogo da esposa publicado na Revista Feminina avaliam que:

Encarnação de virtudes contraditórias, a mulher deveria fazer inúmeros ajustes e concessões para, ao mesmo tempo, preservar o tradicional ideal de pureza e de submissão, combinar com as novas expectativas burguesas de gerência eficiente do lar e ainda representar em sociedade o papel de companheira adequada. A nova sociedade urbano-industrial tramava continuamente difíceis papéis a ser representados pela mulher-esposa (MALUF, MOTT, 1998: p.396) .

Assim, as senhorinhas que constituíam um público potencial da revista e que constavam nos “enlaces” noticiados em suas páginas, formavam o imaginário sobre os seus destinos. Eram pertencentes ao sexo sofredor, frágil, dependente, logo deveria aprender a se movimentar nesse jogo. Suas armas para a luta consistiam na perspicácia de manipulação: desde maravilhas culinárias até a própria instrução serviam para alcançar alguns objetivos indiretamente.

Indício da reprodução desses valores está na seção intitulada “Inquérito Feminino” da revista, analisado a seguir.

3.1.1 Inquérito Feminino – As Clotildes se revelam

O título do segmento, já bastante revelador, encerrava um questionário respondido pelas mulheres da sociedade pelotense ou arredores que compreendia perguntas acerca do caráter e comportamento das senhorinhas. No total, a seção foi respondida por oito mulheres, cada uma contemplada em uma quinzena diferente da revista. Nas páginas iniciais, o próprio editorial apresentava brevemente a ilustre “senhorinha” que responderia ao inquérito: uma pianista, três estudantes, uma filha de fazendeiro, duas não foram apresentadas e uma delas mereceu as seguintes linhas: “Responde, neste número, ao inquérito feminino da Ilustração, a inteligente e graciosa senhorinha Eloah Nogueira.” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, novembro de 1921, p. 2)

Interessa aqui, analisar as imagens e algumas respostas de quatro dessas colaboradoras para contornar as nuances de mulher ideal que a revista veiculava. A escolha de apenas quatro senhorinhas se justifica pelo fato da revista ter publicado também suas imagens em outras edições, permitindo uma análise mais ampla dessa representação do feminino.

As senhorinhas, ilustradoras da revista, eram fotografadas em um contexto fictício, preparadas em um cenário para produzir um efeito esperado nos leitores e leitoras: mostrar a doçura, a feminilidade, a inocência. A imagem delas, por ser visível, parece com o real, porém é um simulacro, a evidência de um teatro. A importância delas, entretanto, está justamente na representação de mulher que se pretende transmitir com esse teatro.

Tendo em vista que a fotografia mantém inalteradas as impressões que recebeu e serve como um testemunho, o presente estudo se vale do poder de indício da imagem retida pela câmara fotográfica. Relacionando algumas das respostas dessas senhorinhas com suas imagens, é possível identificar o perfil de mulher que a elite via como “ideal” para ser veiculado em uma publicação de vasta circulação como a Revista *Ilustração Pelotense*.

A seleção de perguntas feitas por Jandyra Pereira, a primeira a responder ao inquérito e apresentada pelo editor como exímia pianista, pressupõe, para respondê-las, uma mulher que possuísse uma educação básica, amplo conhecimento em música e em literatura, portanto, que tivesse tempo livre para essas atividades, bem como para a prática de esportes. Uma mulher que não precisasse trabalhar o dia

todo para garantir o sustento de sua família ou que precisasse se ocupar diretamente com o cuidado dos filhos, logo, uma mulher da elite. Para a análise foram selecionadas apenas algumas perguntas e respostas da seção Inquérito Feminino:

- 1º) O traço predominante do meu caráter: Ser expansiva
 - 2º) Que mais gosto de fazer? Quando estou alegre – passear. Quando estou triste elevar minha alma ao país dos sonhos, executando ao piano uma melodia de Debussy ou César Franck.
 - 5º) Que penso dos homens? Penso que o sexo forte resume as nossas mais belas ilusões e esperanças - tudo por eles e para eles.
 - 6º) Que penso das mulheres? Que, como amigas são anjos, mas quando inimigas, livrem-se delas porque são megeras.
- (REVISTA *ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, julho de 1921, p.15)

As respostas de Jandyrá expressam sua intelectualidade, o fato de tocar ao piano Debussy ou Cezar Franck quando estava triste indica um conhecimento amplo de música. Quando inquirida sobre o que pensava dos homens e das mulheres, enalteceu a figura masculina como o sexo forte, “tudo por eles e para eles” e classificou as mulheres como “verdadeiras megeras”, quando inimigas. Apesar de se descrever como expansiva, Jandyrá Pereira deixa ver, ao longo de sua entrevista, que estava muito ligada aos ensinamentos religiosos e aos valores tradicionais acerca do espaço da mulher na sociedade e no casamento.

Contudo, acompanhando as respostas de Jandyrá, sua educação refinada permite identificar outros espaços de atuação social. Como uma senhorinha da alta sociedade pelotense, desfrutava de uma visibilidade que lhe permitia formar opiniões, ou seja, criar paradigmas. Ao contribuir com a revista selecionando as perguntas do inquérito, ela se torna um agente influenciador, pois suas respostas direcionam atitudes de outras mulheres, as leitoras. A mensagem fornecida pelo discurso, dentro do previsível para uma mulher da elite na década de 1920, é corroborada pela imagem fotográfica.



Figura 16 – Fotografia de Jandyra Pereira, pianista constantemente citada nas notas sociais da revista por suas brilhantes apresentações. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

Ao analisar a iconografia e a iconologia presentes na fotografia veiculada da pianista, de autor não identificado, entende-se que o assunto selecionado trata-se de aspectos da vida cotidiana da elite pelotense no ano de 1922. A intencionalidade do fotógrafo era retratar um casal para iconizar a *Revista Ilustração Pelotense*. O assunto registrado foi a senhorinha Jandyra Pereira e seu noivo, senhor Mário Barboza, representantes da elite local. Faz-se necessário, aqui, para aprofundar a leitura da fotografia destacada, analisar os conceitos de primeira e segunda realidade desenvolvidos por Kossoy:

Toda e qualquer imagem fotográfica contém em si, oculta e internamente, uma história: é a sua *realidade interior*, abrangente e complexa, invisível fotograficamente e inacessível fisicamente e que se confunde com a *primeira realidade* em que se originou. A imagem fotográfica é, por um único momento, parte da *primeira realidade*: o instante de curtíssima duração em que se dá o ato do registro; o instante, pois, em que é gerada [...]. Findo o ato a imagem obtida já se integra numa outra realidade, a *segunda realidade*. (KOSSOY, 1999, p. 36 e 37)

De acordo com o autor, a segunda realidade é o assunto representado, nesse caso, a senhorinha acompanhada de seu noivo, que se originou de diversas escolhas do fotógrafo em seu processo criativo e remete a um fragmento de tempo, de um passado inacessível. Já a interpretação é como essa imagem vai se configurar na mente do receptor a partir de sua leitura do mundo:

A imagem fotográfica é o relê que aciona nossa imaginação para dentro de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo na sua condição documental, porém moldável de acordo com nossas imagens mentais, nossas fantasias e ambições, nossos conhecimentos e ansiedades, nossas realidades e nossas ficções. A imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa. (KOSSOY, 1999, p. 46)

Na fotografia da senhorinha Jandyra, analisando o processo de construção da representação do fotógrafo, é possível interpretar sua intenção de exaltar os signos que distinguem a elite: as vestimentas elegantes, o livro na mão do noivo, um jardim como cenário. A fotografia do casal, apesar de nos fornecer indícios sobre o mundo feminino da década de 1920, ainda é muda. Nas palavras de Kossoy “Seja enquanto documento para a investigação histórica, objeto de recordação ou elemento de ficção a fotografia esconde dentro de si uma trama, um mistério.” (KOSSOY, 1999,

p.57). O mistério referido pelo autor se abranda na medida em que nos apropriamos da simbologia presente na imagem, o fato de estar retratada ao lado do noivo, por exemplo, confirma a idealização de sexo forte presente na resposta de Jandyra sobre os homens. A posição dos olhos do homem voltada para o livro que ele segura simulando a leitura deixa clara a relação entre os gêneros verificada no período: por mais cultas que fossem, as mulheres deveriam permanecer em segundo plano, ou seja, ao lado do homem.

O estudo das respostas da senhorinha Noêmia Macedo e de sua imagem, revelam aspectos parecidos com a problematização elaborada sobre o perfil de Jandyra Pereira. Mimi Macedo, como era conhecida, revelou a alegria como traço predominante de seu caráter e quanto ao que mais gostava de fazer, respondeu: “ler bons livros que são os nossos melhores amigos” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921). Novamente a intelectualidade é exaltada, a dedicação à leitura as tornava mulheres singulares, as diferenciavam das mulheres de outras classes sociais que além de não terem tempo para esse lazer, uma vez que trabalhavam para o sustento da família, tinham acesso limitado aos estudos e aos livros. Sobre o que pensava dos homens, Mimi respondeu “que Deus pôs o homem no mundo para ser o protetor do sexo frágil” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921), e das mulheres que “em geral são boas e amantes” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921). O sexo frágil, delicado, sem a força física do homem devia ser protegido pelo masculino, pelo viril. Às mulheres cabia, portanto, o papel da bondade, da gentileza, elas deviam amar ao seu homem e submeter-se ao seu comando. Essa fragilidade e doçura ficam também evidenciadas na imagem de Mimi:



Figura 17 – Fotografia da senhorinha Noemia Macedo. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

De autor não identificado, percebe-se na imagem a intenção do fotógrafo de evidenciar a pessoa ao delinear seu perfil e tornar imperceptível o cenário. A senhorinha retratada apresenta-se com o cabelo preso e com uma roupa discreta e clara. Não há exageros, Mimi é a imagem da suavidade comedida, exatamente como devem ser as esposas, filhas, mães e irmãs de homens com visibilidade social privilegiada.

Andradina Andrade, outra senhorinha também retratada na revista, define como traço predominante do seu caráter a sinceridade e para a pergunta acerca do que mais gostava de fazer ela responde evocando o estudo como meio de distinção: “estudar para afastar-me da ignorância” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921). Seu pensamento sobre os homens fixava-os como “o ponto de apoio do sexo frágil” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921) e sobre as mulheres, poetizou: “são como os oásis que suavizam as asperezas da travessia deste deserto: a vida” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, 1921). Através dessas respostas Andradina dá a ver aos leitores da revista, como as demais senhorinhas analisadas, uma personalidade feminina voltada para a formação intelectual, para o estudo que afasta a ignorância, para a submissão ao sexo forte, os homens. Em seu discurso também fica clara a visão de docilidade da mulher, cabe ao feminino suavizar a aspereza da vida.



Figura 18 – Fotografia da senhorinha Andradina Andrade. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

A imagem fotográfica de Andradina reflete o cuidado do fotógrafo em organizar o espaço, em centralizar seu foco na jovem sentada segurando flores. Com o cabelo bem penteado, vestido de decote comportado, apesar dos braços estarem à mostra, essa senhorinha personaliza a mulher da elite. No processo de construção da interpretação, os receptores captam a delicadeza e a fragilidade a partir da construção da imagem pelo produtor. O retrato de Andradina personifica suas palavras acerca das mulheres, cujo destaque é a suavidade, tal qual a iconologia presente na imagem de Mimi Macedo.

Diva Barbosa foi retratada em sua “prece a árvore” conforme informação da legenda na publicação da revista. Provavelmente a fotografia era bem anterior à data em que foi publicada. Sabe-se que era também assídua colaboradora da revista sob o pseudônimo “Mary” tendo se dedicado a escrever histórias de amor com finais trágicos que ressaltavam a morte ou a desilusão.



Figura 19 – Fotografia da senhorinha Diva Barbosa em sua prece a árvore. Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

- 1º) O traço predominante do meu caráter: A obediência.
 2º) Que mais gosto de fazer? Ouvir aqueles que podem elucidar-me o espírito.
 5º) Que penso dos homens? Tendo um pai que idolatro, só posso ter a mais lisonjeira opinião sobre os homens.
 6º) Que penso das mulheres? Que foram criadas para acompanhar os homens nas alegrias e nas tristezas.
 (ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, 1921, p.4.)

As respostas de Diva ao *Inquérito Feminino* evidenciam os valores difundidos pela sociedade positivista vigente no período abordado. A “obediência” como traço predominante do caráter da mulher mostra sua posição de submissão ao homem. Para ela estava reservado o papel de *rainha do lar* e anjo protetor da família. O positivismo castilhistas incentivava também o crescimento intelectual da mulher, característica ressaltada quando Diva responde “ouvir aqueles que podem elucidar-me o espírito” para o que mais gostava de fazer.

A imagem imediatamente representa as definições de Diva sobre si mesma, pois revela a disciplina da oração e a obediência à expressão da fé. Na compreensão da imagem fotográfica percebida como documento/representação, Kossoy (1999), reflete:

Pode-se perceber o papel ideológico da fotografia enquanto instrumento de comprovação documental empregado pela elite econômica e política da sociedade brasileira com o intuito de apresentar o país através de seleções de imagens cujos códigos culturais e estéticos nelas explícitos transmitem a si mesmos e aos receptores estrangeiros a ideia de modernidade, esplendor e progresso [...] (KOSSOY, 1999, p.14)

A *Revista Ilustração Pelotense*, ao selecionar as referências imagéticas, revestia-se de ideologia. A fotografia de Diva Barbosa evoca mais alguns elementos que auxiliam na composição do perfil de mulher ideal para essa sociedade: castidade, religiosidade, pureza.

Diva Barbosa completa a mensagem representante da ideologia almejada pelo grupo de editores da revista, expressando um pensamento lisonjeiro sobre os homens, comparando-os com o pai, a quem diz idolatrar. Sobre as mulheres, coloca-as em segundo plano “acompanhando o homem”, indo ao encontro do discurso das demais jovens analisadas.

O perfil de mulher ideal elaborado pela Revista *Ilustração Pelotense* refletia o interesse do seu público leitor em manter as mulheres no lar, voltadas para o cuidado da família. Senhorinhas educadas, dóceis, religiosas e satisfeitas com suas vidas eram ilustradas nas páginas da revista. A necessidade de insistir nessa imagem pode ter sido um reflexo da resposta favorável das mulheres à vida moderna e às novas possibilidades trazidas por ela. Ao analisar a imagem e o discurso dessas senhorinhas da elite, a narrativa é a mesma: a mulher tem um papel definido que gira em torno do mundo masculino, sob o controle do pai e depois do cônjuge. As quatro jovens inseridas nessas páginas construíram e reafirmaram os modelos comportamentais desejados pela sociedade pelotense da década de 1920.

O poder de evocação da imagem, carregada de símbolos, circulava nas mãos de um público alvo. Ilustrar o modo de vida da elite é despertar um desejo, pois a elite representa o bem viver. As fotografias e os discursos aqui enfocados configuram o bem viver através do casamento, da erudição, da segurança da presença masculina, sempre mais sábia.

A significação da cena por parte de quem a observa passa pelos elementos que a constitui. A interpretação desses elementos, apesar de se dar de forma subjetiva, é induzida pelo fotógrafo ao fazer o recorte que é fixado na película. A forma como os retratados se dão a ver, os objetos que aparecem ou o espaço em que estão representam algo, constroem uma ideia que é parte de um projeto maior, pois está vinculada aos objetivos e anseios do seu meio de publicação, nesse caso, a *Revista Ilustração Pelotense*.

As fotografias de Jandyra Pereira, Mimi Macedo, Andradina Andrade e Diva Barbosa reforçam seus discursos e ampliam as possibilidades deles através de sua força simbólica, de seu caráter indicial. A significação da imagem vai ao encontro do discurso servindo de paradigma para pensar a mulher da elite.

3.2 Entre Clotildes e Carolines³⁵, possibilidades de fuga: palavras para mulheres



Figura 20 – Fotografia da poetisa D. Christina Amaro de Medeiros Fonte: Revista Ilustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

³⁵ Caroline Massin era prostituta nas *galeries de Bois*, no Palais Royal quando Comte a conheceu aos 19 anos e passou a viver com ela. Casou-se com Caroline em 1825, numa tentativa de evitar escândalos, quando ela foi presa por não ter feito a inspeção sanitária rotineira para as prostitutas. A separação ocorreu em 1844, mas Comte manteve financeiramente Caroline (ISMÉRIO, 1995). A referência a ela neste capítulo se dá no sentido da possibilidade de transgressão, uma vez que ela representa a mulher leviana e sem moral.

A análise que se pretende aqui se baseia no que foi publicado para as mulheres, incluindo-se textos com dedicação expressa e também textos que não falavam diretamente em mulheres nem eram assinados por elas, embora as temáticas fossem de seu interesse, como, por exemplo, a moda. Portanto, a maioria dos textos assim classificados era pertencente às seções de cartas da revista, com dedicatórias. A contribuição das palavras direcionadas às mulheres permite auxiliar no desenho de um perfil idealizado, inventado através do discurso. Os papéis propagandeados como ideais para as mulheres representarem na cena social aos poucos se configura, os códigos sociais determinam as possibilidades femininas através de uma construção cultural baseada na diferença entre os sexos.

Nesse apossar-se culturalmente do que seu sexo lhe reserva, a questão do que uma mulher deve aprender e, principalmente, para que deve aprender passa pela educação e é o mote de uma carta dedicada a uma “amiguinha” chamada Neusa:

Observe a minha interessante amiguinha que o caráter da educação atual é isto simplesmente: cada qual deseja impor aos outros a sua personalidade mas sem se preocupar com o valor intrínseco dos conhecimentos e sim com os seus efeitos extrínsecos sobre os outros, sem ter em consideração o que realmente vale, mas o que mostra ser. [...]

O mais legítimo título para assinar essa verdade, o melhor testemunho de que se soe envernizar de um colorido berrante a vacuidade do espírito, é o tempo que se perde nas conquistas de prendas que nos habilitem para o cerimonial da sociedade, para a dança e para o estudo das línguas estrangeiras, que se não deseja aprender como um meio, ilustrando o espírito no manuseio das grandes obras que nelas são escritas, mas como um fim sem proveito inquinado por falsas razões quais a de que é feio ignorá-las numa pessoa de escol [...]

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, novembro de 1921, p. 11)

A crítica clara do autor não identificado é a banalização dos conhecimentos que deveriam ser adquiridos para o próprio crescimento intelectual e não para ostentação social. Sua preocupação é com o esvaziamento de interesse real pelo saber apontando para uma instrução mercenária, instrumento de visibilidade social. O autor concentra a carga no sexo feminino, cujos papéis a desempenhar na cena pública permeavam o saber dançar, conhecer os autores considerados importantes, saber vestir-se, falar outras línguas, entre outros:

[...] O labor intenso empregado na confecção de vestes ricas, atraentes, a tortura a que se sujeitam muitas pessoas para se fazerem elegantes, é ainda uma prova em favor da minha asserção. E nas mulheres sobretudo o alvo principal não é geralmente a instrução solida e profícua, o conhecimento de seus direitos para melhor desempenhar, em ultima análise, no seio da família e da sociedade, a sua soberba missão. Ao em vez disso elas se preocupam com a melhor maneira de fazer a suntuosidade da “tolete” esplender sob os jorros de luz dos salões. (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, novembro de 1921, p. 11)

Ao tratar do interesse feminino em “parecer ser”, em estarem concentradas, essas mulheres, na elaboração de uma aparência e em uma aquisição de saberes, não para aplicar na sua sublime missão no seio familiar, mas para ostentarem nos salões, o autor aponta para as possibilidades de fuga das senhorinhas do modelo ideal. Ao manipularem seus conhecimentos para alavancar a própria visibilidade social, as mulheres fogem de seu papel tradicional de obediência, de serem as “coadjuvantes” e assumem um poder circulante. Essa premissa vai ao encontro das ideias de Perrot (2005) no seu livro “As mulheres ou os silêncios da história” ao defender que:

[...] No entanto, as mulheres souberam tirar partido dos espaços que lhes eram confiados ou deixados, para dar, a si mesmas, prazeres próprios e contrapoderes eficazes, usando suas armas para fazer o seu lugar [...]. (PERROT, 2005: p. 487)

Mesmo no recôndito castilhistas que limitava as mulheres exaltando a “grande missão” de educadora, de base da família, que por sua vez é base da sociedade, havia a possibilidade de fuga. O que não representou a emancipação de fato ou uma representatividade maior imediata, mas indica o caminho para outras formas de autonomia que davam fôlego ao sexo feminino condenado pela biologia à reprodução e ao cuidado da prole.

O autor não identificado na carta ora analisada também fala das possibilidades reais de autonomia, tomando o partido das mulheres em relação à sua suposta inferioridade:

[...] Mil vezes suscitada pelas colisões de conceitos, a causa feminina a cada passo se há renovado e pode já ser bem aferida pelo valor de apologistas numerosos, que nos provam que ela, sem embargo da

pressão dos costumes e das leis, há ocupado lugar de destaque nas ciências, nas letras e nas artes, que ela, podendo exercer o voto político racional, não deve ser excluída das ocupações oficiais. De feito, é o que se verifica, aplicando o espírito a solidez das provas históricas, que por sua natureza suportam todo o exame imparcial. Mais de uma nação nos oferece ilustres nomes femininos que nenhum incrédulo ousa desprezar. [...] (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, novembro de 1921, p. 11)

Mostrando-se contrário à ideia de inferioridade feminina, o autor defende uma atuação mais efetiva das mulheres na sociedade, tocando, inclusive, na questão do voto. Seus argumentos convergem para a produção intelectual feminina nas ciências, nas artes e na literatura e também na história citando as mulheres que se destacaram por serem grandes lideranças. A preciosidade das palavras do autor está justamente nos pontos abordados relativos à mulher que a revista *Ilustração Pelotense* ignorava em suas edições. Tanto nos textos escritos para elas, sobre elas e, acima de tudo, por elas não vislumbrarem as reivindicações de direitos. Não se fala em política, em voto, em educação superior para as mulheres ou em mercado de trabalho. O que a revista cria é o mundo cor de rosa das senhorinhas belas, cultas, caridosas, frequentadoras de eventos do Clube Comercial e cujo imaginário é povoado pelo amor, pelo casamento e pelos filhos. Não há nem menção em outra possibilidade de vida, o recôndito feminino deve ser o protegido lar, primeiramente o dos pais e depois o do esposo. Obviamente que se trata aqui também de uma questão econômica e cultural, pois as analisadas são mulheres de bom nível social, cuja identidade é produzida no discurso político castilhistas que prega a ordem, ou seja, “se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida.” (BUTLER, 2009: p.20)

A *Ilustração Pelotense*, revista literária que estava inserida em uma noção mercadológica de venda de assinaturas, chamava as leitoras. Porém, as aprisionava em temas alienantes que não instrumentalizavam essas mulheres para a percepção da própria condição de submissão. Criadas nas tramas destes discursos, elas eram o resultado de uma normatização baseada nas características sexuais.

Logo, as relações de poder que se estabelecem na sociedade analisada são tecidas cotidianamente através de palavras, como as do texto reproduzido a seguir, sem autoria especificada, apenas assinado por “EXT” :

Conselhos às moças

Não ergas nunca os teus olhos, senão para o olhar do céu. Sê dócil para com teus pais a tal extremo, que eles não tenham o incômodo de dizer-te com os lábios que bastaria dizerem-te com os olhos.

Não dês entrada ao orgulho na tua alma, porque o orgulho perde com mais segurança a mulher do que o homem, e a este perde-o sempre.

Coloca-te todos os dias na presença de Deus, sob pena de te esqueceres de que vives nela,

Sê caridosa com todos os pobres, com todas as misérias.

Não feches nunca o teu coração á tua mãe; deixa-a ler nele como em livro aberto.

Usa vestidos brancos para harmonizarem com a tua consciência e o teu coração.

No mundo não há mulheres feias; o que há é mulheres más e sem educação.

Se tens talento, esconde-o e se o não tens, esconde-te.

A mulher é formosa aos quinze anos; a bondade o é aos quarenta.

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, julho de 1922)

Essas prescrições, publicadas frequentemente, visavam atingir as atitudes das leitoras, formando-as dentro do modelo de perfeição assexuada da Clotilde de Comte. Quando o autor decide por algumas regras essenciais para as moças como: usar vestidos brancos, esconder o próprio talento, ser caridosa e não orgulhosa, ele produz o discurso normativo que as aprisiona em um papel social. As palavras criam a verdade sobre as moças “boas e bem educadas”, atributos os quais são mais valiosos do que a beleza. Não seguir esses “conselhos”, as atitudes esperadas, levaria as senhorinhas ao olhar crítico da sociedade, julgando-as, condenando-as. Para se chegar até a condição de submissão das senhorinhas ao poder masculino “protetor” é necessário perceber “como funcionam as coisas ao nível do processo de sujeição ou dos processos contínuos e ininterruptos que sujeitam corpos, dirigem os gestos, regem os comportamentos, etc.” (FOUCAULT, 1993: p.182)

Particularmente interessante é pensar que a mulher não deveria “erguer os olhos” se não fosse para Deus. A máxima condicionante de obediência e temor aos superiores coloca a mulher na posição de “virtude” quando tem sua visão limitada. Para Ismério (1995):

A mulher tinha que ser submissa, pois existia todo um condicionamento moral e simbólico que determinava suas ações. Ela não possuía alternativas, se não fosse mãe dedicada e esposa obediente, cairia em profunda desgraça e o seu erro não seria perdoado. Carregaria a eterna mácula de ter saído dos padrões

considerados normais pelos positivistas. Sua consciência e a sociedade sempre a condenariam por ter perdido seu estado de pureza (ISMÉRIO, 1995: p. 30).

Pairava sobre as senhorinhas o medo da rua, do espaço público, do desconhecido. “Cair em desgraça”, não seguir os paradigmas em cena as jogaria para a rua em total abandono, “visão amplamente moral, da cidade perigosa para todos, e ainda mais para as mulheres cuja virtude ela ameaça” (PERROT, 2005: p. 343).

Os editores da Ilustração Pelotense deixaram que se perpetuasse a imagem da mulher “perdida” em histórias trágicas de filhas transviadas, que deixaram o lar e acabavam por ter finais tristes. Esses cenários catastróficos percorridos tinham por objetivo condicionar as senhorinhas da elite a trilharem o caminho seguro e protegido do lar e da família, evitando os riscos e o sofrimento do espaço público³⁶.

³⁶ Aqui, faz-se necessário trazer para a discussão os contrapontos que envolviam as esferas femininas no período. O medo de cair em desgraça justifica-se pela forma como as mulheres que fossem vinculadas a fatos assim eram tratadas pela sociedade. Se, por um lado, as mulheres ricas pareciam viver em contos de fada bem protegidos, as mulheres pobres estavam expostas à um tipo de estigma, uma morte social até por ocuparem mais o espaço público, uma vez que precisam trabalhar. A título de ilustração, foi noticiado um caso no jornal O Rebate de 11 de fevereiro de 1926 na segunda página o caso de uma jovem de 18 anos, operária de uma fábrica de escovas, que tentou o suicídio por ter sido abandonada pelo noivo que a desonrou. A moça jogou-se em um poço, mas foi salva pela mãe. No dia seguinte no entanto, sai a seguinte notícia em relação ao caso: Confessou o mesmo jovem que, de fato, tivera relações amorosas com a vítima, mas fora o segundo... Disse mais, que a desonra da referida jovem, conforme ela mesma o confessara, fora praticada pelo próprio tio. Essa história está um tanto quanto nebulosa, mesmo porque o protesto do acusado vem muito tardio e contraditório. Em todo o caso, para satisfazer-lhe o desejo, ai deixamos a observação que veio trazer-nos. (O REBATE, 12 de fevereiro de 1916, p. 2).

3.3 Rainhas do lar e anjos tutelares: palavras sobre mulheres



Figura 21 – Fotografia do anúncio de cosmético para o rosto de novembro de 1921. Fonte: Revista *Ilustração Pelotense* (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

Identificar as palavras sobre mulheres é importante para elaborar a representação de mulher ideal. Aqui se pretende analisar o que era dito sobre elas e que sentidos poderiam ser configurados no recebimento dessas mensagens codificadas. O critério de seleção destes textos baseou-se em autorias que não fossem identificadas como femininas e que abordassem de alguma forma o universo feminino.

A revista *Ilustração Pelotense*, apesar de ter nas leitoras um público importante do seu mercado editorial, não era uma revista feminina. Não eram publicadas receitas ou dicas de costura e bordado e mesmo a moda, tema relevante quando se tratava das mulheres, apareceu em apenas seis textos ao longo dos anos aqui pesquisados, de 1919 até 1922. No entanto, havia outros aspectos nos quais as senhorinhas eram recompensadas. Por se propor literária, compromissada com o mundo elegante, podia-se acompanhar em suas páginas a cobertura dos eventos, geralmente com o título “Notas sociais”, embora também aparecessem como “Notas Elegantes”, “Indiscrições” e “Porque será”. Essas notas falavam sobre as mulheres em saraus, bailes, eventos de caridade como as “quermesses”, viagens, aniversários, casamentos, apresentações musicais e teatrais, por vezes citando

situações específicas sem nomear ninguém: “Jovem banqueiro deliciava-se com os ternos olhares de ‘Mlle’, que naquela noite brilhavam como nunca, pois fora ali que haviam novamente reatado o seu delicioso ‘flirt’” (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, janeiro de 1920).

Esses textos recheados de fuxicos sobre os acontecimentos que envolviam as jovens de forma direta, fomentava a venda de revistas: quem dançou com quem, quem conversou com quem, o vestido da senhorinha tal, o flerte entre tais e tais jovens eram assuntos permitidos às senhorinhas. Para o mundo elegante não bastava viver bem, era preciso verem que viviam bem.

Por serem “vistas”, precisavam estar “belas”, logo, a beleza permeou várias escritas sobre mulheres e os anúncios que se espalhavam pelas páginas da *Ilustração*. O ser vista implicava na projeção de uma imagem de si e também dos homens que sustentavam a imagem projetada, logo, a beleza convertia-se em mais um capital para a afirmação social no jogo das representações. Perrot (1998) aborda a questão do poder estético que a mulher possui, pois é ela quem define os critérios da beleza que configuram a representação de si:

No espaço público, as mulheres têm quase um dever de beleza [...]. É preciso ter um salão, ter seu próprio dia, frequentar o dos outros, numa circulante rodopiante, obedecer aos códigos indumentários de uma moda exigente, sobre a qual já reinam os grandes costureiros, organizadores do espetáculo, usar jóias que, como um estandarte, proclamam a riqueza de um marido. [...] (PERROT, 1998: p. 22)

A intensificação da vida urbana também ocasiona o ver e o ser vista, porquanto implica na vaidade feminina e na cultura da beleza, bem como na distinção social, do modo descrito por Schpun, (1999: p. 24) que historiciza a cidade de São Paulo na década de 1920: “[...] a juventude, a esbeltez e a brancura de uma mulher são critérios fundamentais que se opõem de forma violenta, nas representações da época, à velhice, à obesidade e aos traços físicos que evocam a negritude”.

Por essas razões, as leitoras mantinham os olhos atentos nos anúncios que garantiam, por exemplo, uma pele de beleza eterna sem espinhas ou manchas com o uso de cremes que os “artistas” utilizavam, seios mais firmes, cabelos sem caspa tal qual atestam as imagens:

A's Exmas. Senhoras e Senhoritas

Leiam e Lembrem-se do que diz esta Senhorita!

Uma só Caixa da **PASTA RUSSA** do Doutor G. Ricabal, foi o sufficiente para endurecer e desenvolver os meus Seios, que estavam antes cahidos e murchos!

Agora possuo um Busto que me alegra e com esperança de vel-o como dantes.

Estou entusiasmada com a **A Pasta Russa** do Doutor G. Ricabal, que constitue em verdadeiro Thesouro para todas as Mulheres.

Rio de Janeiro, 8 de Setembro 1917. **Zélia Guimarães.**

AVISO — A Pasta Russa do Doutor G. Ricabal vende-se nas principaes Pharmacias, Drogarias e Casas de Perfumarias do Brasil.

DEPOSITARIO — DROGARIA SIQUEIRA — PELOTAS.

Figura 22 – Fotografia do anúncio de cosmético para os seios de agosto de 1921. Fonte: Revista Illustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

PETROLEO AMERICANO

FAZ CRESCER O CABELLO
EXTIRPA A CASPA E DA
BRILHO E MACIEZ.....

SOC. DE PROD. CHIMICOS:
L. QUEIROZ

ROALIBERO BADARÓ, 142-144 - DROGARIA AMERICANA

Figura 23 – Fotografia do anúncio de cosmético para os cabelos de abril de 1921. Fonte: Revista Illustração Pelotense (acervo da Biblioteca Pública Pelotense)

As figuras 21, 22 e 23 apresentam respectivamente as propagandas do Anti-echymosis “Faral”, da Pasta Russa e do Petróleo Americano. Os apelos publicitários instigavam as leitoras com promessas de juventude e esbeltez buscando a certificação, para assim convencer as leitoras, nas preferências das artistas que encantam o público com uma beleza perpétua, nos relatos de supostas mulheres que tivessem usado o produto e no poder da imagem.

A *Ilustração Pelotense* também abordava a questão em suas páginas com dicas e opiniões:

Flor de chá

Se não quiseses ondear o cabelos com ferro quente, faça-o de noite, ao deitar-vos, 6 ou 8 crespos e umedecei o cabelos com água de Colônia; assinalem-se, depois as ondas onde se quiserem. Uma vez adotado um penteado não se deve substituir, pois não há coisa que tire mais a ondulação natural do que a mudança contínua dos penteados.

Para os cravos é recomendável tira-los com uma pequena chave de relógio e em seguida passar um algodãozinho molhado em água de Colônia ou água ardente fina. (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, março de 1919: p.10)

No caso da publicação acima, de autor não identificado, o caráter é bem informativo, dicas de como deixar os cabelos arrumados e de como acabar com os cravos indesejados. Embora não fosse o foco da revista, o texto vai ao encontro do interesse das senhorinhas: fazer-se belas para o mercado matrimonial. Mas a beleza carregava também o lado da sedução que se constituía em um poder de bastidor. Buscando definir a beleza, Schpun (1999, p. 99):

Na verdade, a beleza de uma mulher parece colocar-se como o objeto de percepção unânime que negligencia, porém, qualquer definição. O mesmo é válido para a feiúra, identificada por todos, raramente precisada.

Porém, o modelo de beleza obedece a certo número de determinações sociais e históricas, que nos permitem ao menos desenhar seus contornos e apreender suas implicações.

Dentre os parâmetros que estabelecem a beleza, a juventude é o que mais se destaca ligado diretamente à saúde, às boas condições das “carnes”, pele lisa e seios firmes. Em seguida, vem a esbeltez contra a obesidade que impede os movimentos graciosos e, por último, a pele clara em oposição à pele mais

bronzeada, relacionada diretamente ao trabalho. O medo de se encaixar nos critérios que determinam a feiúra impelia as senhorinhas a dar cada vez mais atenção aos anúncios de beleza, uma vez que as feias tinham mais dificuldade em arranjar casamento.

Sendo o casamento a sua carreira mais provável, além de cultas, obedientes e prendadas, as mulheres pertencentes aos grupos mais abastados se distinguiam pela beleza, fato atestado pelos vários concursos que as revistas de variedades do período promoviam. Maluf e Mott (1998) identificam a concorrência para se destacarem como as belas, as mais cultas, as que melhor falam em público e as que mais cultivam a difícil arte de conversar. “Tais disputas não apenas punham na ordem do dia o papel do consumo e a questão dos novos sinais urbanos de distinção e prestígio sociais, como evidenciam o quanto tinha sido aberto o leque de exigências feitas às mulheres” (MALUF; MOTT, 1998: p.396).

Foi esse o tema posto em discussão por João C. de Freitas nas suas “Crônicas Insulsas” na primeira página da revista na edição de 1º de março de 1922. O cronista principal da revista propõe-se a analisar o concurso de beleza promovido por uma revista carioca e repetido pelas folhas locais dos Estados para apurar qual a brasileira mais bela. Colocando-se contrário aos concursos dessa natureza, ele argumenta:

Nada mais falho do que concursos dessa natureza.
Eles se efetuam por meio de votos, que são dados em “cupons” recortados aos jornais que os instituem.
As falhas começam no caso incontroverso dos jornais não identificarem os votantes. E não identificam por isto que seria atentar contra os fins meramente mercantis que inspiram tais processos. Assim é que um mesmo cidadão poderá mandar centenas, milhares de votos à mesma candidata – votos estes comprados no “guichê” do jornal a tanto o cento...
Basta que em cada localidade haja um “namorado” disposto a gastar para haver uma eleita da beleza.
[...]. (*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, março de 1922)

O cronista denuncia o objetivo dos concursos de beleza efetuados pelos jornais como mera comercialização dos mesmos, uma vez que a mais bela seria a que mais votos contasse e, para isso, bastava a aquisição do jornal ilimitadamente, pois não havia identificação dos votantes. Entretanto, as críticas vão além:

Pelo lado moral os concursos de beleza têm os seus perigos. Eles geralmente não dizem qual a mais bela. Falam da mais vaidosa...

Estamos de acordo que se faça o concurso, mas o concurso elevado, eloquente, da mulher mais bela pelo coração, pelas qualidades morais, pela prática de atos nobilitantes; da que por títulos altíssimos do mundo moral, nimbou a fronte com o clarão mágico de virtudes excelsas: as grandes mães, por exemplo; as heroínas do lar, da família, da sociedade, da pátria.

Porque, de resto, a beleza da mulher, a verdadeira beleza – a que tem feito heroínas e santas – não está na plástica. Está no coração. A plástica pode ser destruída, ao passo que os sentimentos bons não. [...]

Oxalá haja ainda quem, às vésperas do primeiro centenário da nação brasileira, desvie os nossos patrícios de cogitações sobre coisas que não levem no bojo um intuito da elevação moral indiscutível, por isto mesmo sobremaneira ridículas.

Ridículas e fúteis...

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, março de 1922)

Fica claro, nas palavras de João Cabral de Freitas, uma reprodução do discurso positivista da “valorização da tradição, da família, do dever e da hierarquia social” (BOEIRA, 2007: p. 404), e assim sendo, a preocupação em se manterem belas “torna-se tema privilegiado dos discursos normativos dirigidos às mulheres, discursos que não se limitam a incitar o trabalho sobre a beleza, mas que procuram aos mesmo tempo limitar-lhe os excessos [...]” (SCHPUN, 1999: p.23). O compromisso positivista com o progresso exigia a concentração dos esforços no núcleo familiar, grande missão da mulher e portanto,

Era necessário para os positivistas, tornar a mulher um ser assexuado, porque a imagem de mulher-objeto a afastava do papel de mãe tornando-a egoísta e fútil. Esforçavam-se em divulgar os modelos de *rainha do lar e anjo tutelar*, afirmando que ser mãe era o maior compromisso que a mulher tinha para com a sociedade, só assim cumpriria seu verdadeiro papel (ISMÉRIO, 1995; p. 29)

Ao enaltecer a verdadeira beleza, a do coração, os atos nobilitantes e as qualidades morais, Freitas aponta para perfil desejado para as leitoras da revista: heroínas do lar. Destino selado, as que fugissem desse padrão eram marcadas pela futilidade e pelo ridículo. O “verdadeiro papel” citado por Ismério (1995) não era estar na vitrine chamando a atenção para si, era estar nos bastidores cuidando do lar, do marido e da educação dos filhos. É possível que tenha sido a publicação sistemática de opiniões como esta que induziu as respostas das senhorinhas para o

Inquérito Feminino. Elas sabiam quais as palavras deveriam ser pronunciadas em seu meio social.

Pedro (2007) ressalta, porém, que a imprensa do início do século XX não construiu os modelos ideais de mulheres obedientes, boas esposas e mães, estes já estavam estabelecidos antes, através da literatura, por exemplo. Mas, sem dúvida, a manutenção de um modelo que atrela a mulher à sua condição biológica da reprodução e a um espaço privado, até por interesse ideológico do Estado, foi propagandeado por publicações como a *Ilustração Pelotense*.

Se a beleza, por um lado era criticada na medida em que dava poder às mulheres, por lhes dar a arma da sedução que por sua vez colocava em perigo a moral e os bons costumes, por outro, era necessária para estabelecer as vantagens na corrida para conseguir um bom matrimônio. Algumas escritas da revista procuraram conciliar os dois lados da beleza, estendendo a esse adjetivo a necessidade da “reunião de graças”, somente atingida pela educação:

A educação da mulher

A mulher deve ser bela, deve ter graças e encantos. Nem todas podem ser lindas, que a formosura não ficou em dote a todas as filhas de Eva; mas todas podem ser belas. Beleza não é formosura nem lindeza; beleza é o resultado das graças; [...]

Se a natureza foi liberal com tua filha, não desprezes essa vantagem, cuida de sua formosura, preserva essa tez delicada, conserva essas mãos finas, cultiva essas rosas de saúde, nutre esse cabelo ondedo, molda esse talhe airoso, concerta esse porte elegante. Tua filha será formosa; tanto melhor para ela: com virtude, instrução e formosura, há de ser feliz em todo o estado. [...]

A educação embrandece peles duras, amacia mãos ásperas, dá graça e doçura a olhos de pouca luz, faz interessante a face pálida e afáveis os lábios descorados, põe a bondade de coração na fronte que não é alva, torna elegante o corpo que não é airoso, amável o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. [...] (ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE, julho de 1920: p. 5).

O autor simplesmente citado como Almeida Garret reconhece a importância da beleza, no entanto, a coloca como algo possível de se alcançar através da educação. Novamente a ideia de que o mais importante para qualquer mulher é manter o espírito culto, impregnado na “virtude” e na “instrução”. Porém, a instrução pregada não se refletia em carreiras efetivas, em profissões. Era uma instrução voltada para sua carreira também matrimonial: a mulher deveria ter conhecimento sobre música, sobre literatura e arte, até porque isso refletiria na formação dos próprios filhos e no capital cultural do marido.

Entre os anos de 1919 e 1922, poucas foram as notas que se referiam às estudantes. A edição de abril de 1919 fez uma referência às irmãs Jenny e Ondina Cunha que embarcavam para Porto Alegre para cursar o Colégio Complementar. Em novembro de 1920 saiu uma pequena nota sobre uma mulher casada que recebeu o título de doutora em filosofia em Berlim, entre outras pequenas referências. A nota mais significativa, publicada em dezembro de 1922, estava intitulada como “Reportagens de festas” e comentava sobre a graduação em farmácia que contou com cinco graduadas, entre elas Diva Barboza e Andradina Andrade, colaboradoras do Inquérito Feminino.

Em parte, explica-se essa ausência de uma educação feminina mais efetiva por causa dos discursos enraizados que cercavam a inteligência da mulher, inferiorizando-a, instrumentalizando a dominação com a credibilidade da ciência, que garantia que o cérebro das mulheres tinham tamanho menor do que o dos homens e, portanto, não tinham as mesmas capacidades mentais. Tal assunto fomentava, inclusive, a ironia acerca das capacidades de homens e mulheres como no trecho reproduzido a seguir:

A superioridade feminina

Fala-se e diz-se muito da inferioridade do sexo feminino sobre o masculino, e os que tal escrevem e apregoam, esqueceram alguns detalhes que provam de um modo certo e evidente, o pouco que nós, os homens, valemos, comparados às mulheres.

Por exemplo, seis mulheres, podem falar ao mesmo tempo entre si e se entenderem perfeitamente, ao passo que dois homens em iguais condições não são capazes de saber o que dizem.

Uma mulher pode ir à igreja, voltar para a casa e dizer ao marido como estavam vestidas todas as senhoras que havia no templo, e além disso, contar-lhe o sermão sem perder palavra, do que disse o sacerdote.

E podem com uma carícia acalmar um homem furioso, enquanto dez homens juntos não encontram argumentos para apaziguar a fúria de uma mulher.

(*ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE*, julho de 1920, p.5)

A ironia consiste em dizer que as mulheres são sim superiores aos homens, mas não se referindo aos papéis sociais que ambos poderiam desempenhar e sim ressaltando a futilidade da mulher. Suas “amplas” capacidades se restringem ao falatório e a capacidade de observar os detalhes do mundo cor de rosa a que pertencem, como os detalhes de vestidos das mulheres frequentadoras da missa. É também evidente no trecho destacado uma referência ao poder que circula em mãos

femininas. Se fosse carinhosa, saberia acalmar o seu homem e tirar proveito de uma determinada situação.

Logo, a instrução geral tão pregada pela revista, tinha o objetivo de uma atuação no âmbito doméstico, de encantamento no seio familiar justificando o título “Rainha do lar”.

As palavras que a revista *Ilustração Pelotense* estampou em suas páginas sobre as mulheres estabeleceram um discurso que buscava reforçar a distinção de papéis baseada no sexo. De um lado, as mulheres frágeis, virtuosas, voltadas para o privado e de outro, os homens fortes, viris, prontos para assumirem as tarefas externas. Contudo, se percebe as zonas de autonomia dentro desses paradigmas, por exemplo, através da sedução e até mesmo da “instrução” que lhes permite mais recursos na barganha diária da vida familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aporte dos conceitos sobretudo de “representação” e “gênero”, aqui apresentados e inseridos na análise da fonte, buscou-se identificar a mulher idealizada pelas classes abastadas que a revista *Ilustração Pelotense*, importante publicação da cidade Pelotas, veiculava em suas páginas por meio de textos e imagens.

O período de análise, entre 1919 e 1922, as vincula a anos conturbados, mas também a um projeto positivista que atuava na política e na vida cotidiana com seu modelo moralizador. No que se refere à mulher, objeto dessa dissertação, o positivismo construiu cuidadosamente uma aura de santidade alienante ao seu redor. Os positivistas, sempre em busca da ordem para o desenvolvimento, aprisionaram as mulheres em tarefas engrandecedoras como a de rainha do lar e educadora dos filhos, que mais tarde atuariam na sociedade, logo, como anjos tutelares. Não competia às mulheres, nesse caso, que tivessem uma posição privilegiada, de sustento da família, por exemplo. Esta era a tarefa masculina e, por isso, ficavam excluídas de questões que envolvessem a política ou a economia.

Esta divisão de papéis sociais que ligava a mulher, frágil, ao espaço doméstico, e o homem, forte, ao espaço público, era construída cotidianamente através dos discursos, sendo a imprensa um grande meio divulgador deles. Os ideais que eram propagados se constituíam por meio da palavra, importante agente das relações de poder.

Levando-se em consideração que as características da imprensa do início do século XX giravam em torno da divulgação de ideais políticos, ou seja, era panfletária e geralmente vinculada a um partido político, pode-se perceber a vinculação das mesmas com a divulgação também de valores morais e de conduta que interessavam aos grupos dominantes. Logo, a imprensa cumpre o papel de formadora de opiniões e construtora de paradigmas.

Inserida nesse panorama, a revista *Ilustração Pelotense*, publicada a partir de 1919, declarava a sua intenção literária. Com uma visão mercadológica, a revista tinha como objetivo o entretenimento das elites e, para tanto, desvinculou-se de preferências que suscitavam paixões, fossem a política, o futebol ou os clubes carnavalescos. Portanto, a elite via-se em suas páginas através das notas sociais, das fotografias em cenas do dia a dia, das coberturas de eventos e deleitava-se com as poesias, crônicas, contos e trechos de livros que eram privilegiados na publicação e requeriam um público ocioso para desfrutar.

A importância da revista como fonte para constituir o ideal de mulher para a elite no início dos anos de 1920 é evidenciada pelos longos anos em que a publicação se manteve, de 1919 até 1927, num período em que era comum o desaparecimento precoce das publicações, e também o alcance que possuía, pois extrapolava Pelotas e era distribuída por muitas outras cidades do Rio Grande do Sul, contando, inclusive, com muitos colaboradores desses locais. Em parte, se pode pensar que a longevidade da *Ilustração* se deu pelo potencial econômico da Livraria Universal da família Echenique e pelo carisma pessoal de seu diretor, o tenente e poeta Januário Coelho da Costa, aclamado constantemente nas colaborações que a revista recebia. Importante também levar em conta a identidade literária que a revista assumiu e o aumento, ao longo dos anos, do espaço destinado às mulheres, consumidoras em potencial. A elas, cujo destino se encerrava nos lares, abria-se possibilidades de lazer e informação: lia-se curiosidades, piadas, poesia, sabia-se detalhes dos eventos mais importantes, emocionava-se com histórias que continuavam em números seguintes, prendendo-as à publicação.

Sobretudo, era possível ver o mundo elegante emergir em imagens, os instantâneos capturados nas ruas da cidade, as fotografias elaboradas de estúdio, as cenas dos eventos importantes. Mas, o principal era “ver-se”, estar na revista, materializava uma popularidade que não se efetivava concretamente no mundo físico, pois era a possibilidade de circular sem sair de casa.

Também mantinham cativos os olhos das senhorinhas os anúncios de cosméticos, roupas, chapéus, sapatos e acessórios. O aumento dos anunciantes leva a crer que efetivamente os apelos publicitários obtinham sucesso e estes tinham no sexo feminino seu interesse maior, pois grande número de propagandas eram destinadas a elas.

Conforme o verificado ao longo da pesquisa, a revista não falava às suas leitoras sobre o voto feminino, o trabalho fora, ou o divórcio, assuntos polêmicos para o período; não foram publicados textos de teor sequer parecido. Apesar da urbanização insipiente, de um maior alcance do espaço externo ao lar pelas mulheres de classes mais altas e também do aumento do número de mulheres que eram alfabetizadas, não havia efetiva mudança nas relações de gênero. A carreira definitiva da mulher nascida em meio social privilegiado ainda era o casamento.

Entre as temáticas recorrentes que a *Ilustração* publicava, muitas vezes contando com a colaboração das próprias leitoras, estava, em primeiro lugar, os assuntos referentes ao coração. Pode-se supor que era o universo que povoava o imaginário das jovens que se preparavam para o casamento. O discurso presente nesse grupo de textos, recheados de metáforas e vocabulário poético, vincula a paixão ao sofrimento, à decepção.

A questão comportamental, por sua vez, é explorada de forma bastante doutrinária. Os textos que foram veiculados entre os anos de 1919 e 1922 na revista *Ilustração Pelotense* focavam o ideal do casamento. O mote da abordagem era o ideal de esposa que deveria reunir uma série de características altruístas para alcançar a harmonia doméstica. A grande responsabilidade da esposa era fazer o marido sentir-se bem no lar: dando-lhe carinho, sendo compreensiva, sabendo organizar a casa com o recurso financeiro que fosse cedido pelo esposo, sempre primando pela economia. Deveria essa mulher saber usar recursos como as habilidades culinárias para obter algumas vantagens e manter um comportamento de recato, mas apresentar-se socialmente como alguém que sabia literatura, música clássica, que conversasse sobre vários assuntos, embora não precisasse de fato se posicionar em relação a eles.

Pode-se apontar, através das temáticas e dos discursos que as configuram, um perfil que vai se desenhando como o ideal para a mulher bem nascida.

O estudo lhe era permitido, era até mesmo incentivado pela sociedade positivista para que essa mulher pudesse se apropriar de um capital simbólico que representaria sua família diante do grupo legitimador. Em algumas notas sociais da revista observa-se a referência ao ensino de uma ou outra ilustre senhorinha, filha de tal senhor importante da sociedade local. O curso superior chega a ser citado, mas deixa ver que poucas foram as que alcançaram de fato esse grau.

Então a pergunta que fica é: educação para quê? De acordo com os textos publicados na revista, o estudo era limitado e realmente servia como mais um fator de ornamentação social dessas senhorinhas, mas que ganhava força na medida em que podia ser usado como instrumento de visibilidade social. Seria uma espécie de instrumentalização não para aplicação no espaço privado, como a educação dos filhos, mas para a autopromoção, o que colocava a mulher em destaque na cena pública. A mulher que sabia dançar, conversar sobre vários assuntos, vestir-se e comportar-se adequadamente tinha a admiração masculina e isso lhes dava micro poderes.

Nesse sentido, também a beleza cumpria um papel importante. O belo, que passa por valores estéticos como a juventude, a saúde, a esbeltez, inevitavelmente liga-se à sedução, que ameaça, de certo modo, o exercício de poder tradicional constituindo-se também em possibilidades de fuga. Prova do quanto a questão mexia com a sociedade eram os concursos de beleza que se multiplicavam, fomentando diferentes opiniões a respeito.

Contra essa desorganização dos papéis entre os gêneros, eram publicados textos que procuravam ressaltar as qualidades morais das senhorinhas, buscando diminuir o impacto do poder da beleza. Os discursos apelavam para a beleza “interior” como a mais importante: a mulher bela devia ser caridosa, amiga, boa ouvinte, novamente remetendo às qualidades ideais para uma mãe e uma esposa, princípio primeiro para o feminino.

A preocupação com a beleza constituía um identidade social para as mulheres, ou seja, como elas queriam ser percebidas pelo grupo e podia essa preocupação desviá-las de sua grande missão elaborada pelos positivistas em seu projeto social; logo elas eram desestimuladas através de discursos que privilegiavam a boa educação e o comportamento recatado.

Talvez por esse motivo, também, observa-se nas páginas da revista *Ilustração Pelotense* um enfoque em textos literários e pouco espaço para as futilidades da estética como a beleza e a moda, sendo esta ainda menos visualizada nos anos pesquisados.

Aos poucos, o contato com os discursos presentes na publicação foram permitindo responder aos problemas iniciais desta pesquisa. Havia uma urbanização acelerada, chegava até as senhorinhas pesquisadas muita influência estrangeira, mas o viver moderno se incorporava apenas em alguns aspectos da vida cotidiana

sem grandes marcas no destino dessas mulheres. Percebe-se, nas imagens estudadas, uma adoção do paradigma francês dos cabelos curtos, dos vestidos retos, mas isso não se efetivava em condutas mais autônomas. Apesar de estarem mais presentes no espaço externo e de adquirirem maior visibilidade social, o que prevalecia eram as representações de mãe, dona-de-casa e esposa também pregadas pelo catolicismo.

Quanto aos possíveis confrontos nas relações de gênero, o que se verifica é a conformação por parte das mulheres. Mesmo as armas de sedução das possíveis “Carolines” eram mais usadas para evitar o estigma de “solteironas”, logo o desejo maior das senhorinhas era o de se casarem. As mulheres, através dos discursos, revelam exatamente o que se espera delas: a docilidade, a fragilidade, a intelectualidade e as habilidades certas para encantar um lar.

A revista, no entanto, possibilitou a visibilidade feminina. Deu espaço às angústias, alegrias, paixões e medos das mulheres, foi a porta entreaberta que permitiu entrever o recôndito feminino, contribuindo com a configuração de umas histórias das mulheres. As possibilidades de intervenção e abordagem da *Ilustração Pelotense* como fonte ainda são inúmeras e tantas também são as inquietações que permanecem sobre esse recôndito. Fica, sobretudo, a vontade de abrir completamente a porta e esperar o convite para o chá e ouvir das senhorinhas as suas histórias mais íntimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco. **Uma introdução a história da imprensa rio-grandina**. Rio Grande: Universidade de Rio Grande, 1995.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O Que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

ANDRADE, Joaquim Marçal. **Do gráfico ao foto-gráfico: a presença da fotografia nos impressos**. In: CARDOSO, Rafael (org.). O design brasileiro antes do design. SP: Cosac e Naif, 2005.

ANJOS, Marcos Hallal. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do Século XIX**. Pelotas: Ed Universitária UFPel, 2000.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BADINTER, Elisabeth. **Émilie, Émilie: a ambição feminina no século XVIII**. São Paulo: Discurso Editorial/Duna Dueto, 2003.

BECKER, Howard S. **Método de pesquisa em ciências sociais**. 4. Ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1999.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande de Augusto Comte. In: TRINDADE, Hélió. (Org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 391- 418.

BONILHA, Caroline. **Corymbo: memória e representação feminina através das páginas de um periódico literário entre 1930 e 1944 no Rio Grande do Sul**. Dissertação de mestrado, UFPel, Pelotas, 2010.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. São Paulo: Ática, 1986. p. 5-23.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989): A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BURKE, Peter. **Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão de identidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CALEIRO, Regina Célia Lima. **O positivismo e o papel das mulheres na ordem republicana**. UNIMONTES CIENTÍFICA. Montes Claros, v.4, n.2, jul./dez. 2002.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Editora Universidade UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DIDI-HUBERMAN, George. **Imágenes pese a todo: Memória Visual do Holocausto**. Barcelona: Paidós Ibérica, 2004.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **La invención de la histeria: Charcot y la iconografía fotográfica de la Salpêtrière**. Madrid: 2007.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p.223-240.

DOMENECH, Ernesto E. **Crimen y fotografía**. Argentina: La Azotea, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e Literatura no Brasil. IN__**Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v. 49, p. 81-90, 2003.

FALCON, Francisco José Calazans. **História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FATORELLI, Antonio. **Fotografia e viagem: entre a natureza e o artifício**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal LTDA, 1993.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 15, n. 2, ago. 2007 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2007000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 ago. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2007000200002>.

GOMES, Gisele Ambrósio. **Entre o público e o privado: a construção do feminino no Brasil do oitocentos, 1827-1846**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

GONTIJO, Silvana. **80 anos de moda no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GRESPLAN, Jorge. Considerações sobre o método. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. p. 291-300.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a História**. 6ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra S/A, 2000.

HOHFELDT, Antonio. A Imprensa. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930)**. V.3, Tomo II. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 313-322.

ISAIA, Arthur Cesar. Catolicismo e Castilhismo. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930)**. V.3, Tomo II. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 23-28.

ISMÉRIO, Clarisse. **MULHER: a Moral e o Imaginário 1889-1930**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficção na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LAHUERTA, Milton. Os intelectuais e os anos 20: moderno, modernista, modernização. In: DE LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres da (Org.). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997. – (Prismas) p. 93-114.

LARIZZA, Mirella. A república, a ciência e as paixões. In: TRINDADE, Héliogio. (Org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 67- 74.

LONER, Ana Beatriz. O movimento operário. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930)**. V.3, Tomo I. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 499-527.

LONER, Ana Beatriz. **Construção de classe: Operários de Pelotas e Rio Grande (1888 – 1930)**. Pelotas: Ed. Universitária : Unitrabalho, 2001.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: **Fontes históricas**. Carla Bassanezi Pinsky (org.). São Paulo: Contexto, 2006. p. 111-142.

LUCA, Tania Regina de. Revista do Brasil: trajetória de pesquisa. FERREIRA, A. C; BEZERRA, H. G; DE LUCA, T. R. O historiador e seu tempo. SP: Unesp, 2008, p. 117-127.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**, 2. ed. Pelotas: Editora da UFPEL, 1993.

MAGALHÃES, Mário Osório. **Pelotas: Toda a prosa: Segundo Volume (1874 – 1925)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2002.

MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3. p. 367-421.

MARINS, Paulo César Garcez. Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3. p. 131-214.

MARRONI, Fabiane Villela. **Pelotas (re)vista: A Belle Époque da cidade através da mídia impressa**. Tese de doutorado, PUC, São Paulo: 2008.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922). 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2008.

MARTINS, Antonio Carlos. Linguagem, subjetividade e história: a contribuição de Michel Pêcheux para a constituição da análise do discurso. **Unimontes Científica** da Universidade Estadual de Montes Claros, v.6, n.1. p.1-10, Jan/Jun de 2004.

MICHELON, Francisca Ferreira. A fotografia: um click nos tempos modernos. In: In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930). V.3, Tomo II**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 409-444.

MICHELON, Francisca Ferreira e SANTOS, Denise O. **A roupa do moderno: representações da moda da década de 1920**. Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 5, n. 10, jul./dez. 2006.

MONTEIRO, Charles. Urbanização e modernidade em Porto Alegre. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930). V.3, Tomo II**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 229-260.

MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: _ DE LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p.23-43.

NOGUEIRA, Isabel Porto e MICHELON, Francisca Ferreira. **Mulheres da música na Revista Ilustração Pelotense: a imagem como construção da identidade**. Disponível em:

<<http://www.musimid.mus.br/3encontro/files/pdf/Isabel%20Porto%20Nogueira.pdf>>

Acesso em 06 de março de 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2005, 6ª Ed.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, Franca, v. 24, n. 1, 2005 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01010742005000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 out. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-90742005000100004>.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 278-321

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: UNESP, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 6. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

PEZAT, Paulo Ricardo. O positivismo religioso no Brasil: apóstolos, confrades e simpatizantes. In: TRINDADE, Hégio. (Org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 271-312.

PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tânia Regina de (orgs.) **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polit.**, Curitiba, v. 18, n. 36, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01044782010000200003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 out. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003>.

POMATA, Gianna. **História das Mulheres, História do Gênero**. Observações sobre a Idade Média e a Época Moderna na História das Mulheres no Ocidente. In: DUBY, Georges & PERROT, Michelle. **As mulheres e a História**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

RAGO, Margareth. Título, **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil (1890-1930)**. Cidade, Rio de Janeiro. Editora, Paz e Terra. Ano, 1985

ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, dez. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151706X2005000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 out. 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-106X2005000200010>.

RODRÍGUEZ, Ricardo Vélez. O castilhismo e as outras ideologias. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. (Org.). **República Velha (1889-1930)**. V.3, Tomo I. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 57-88.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 1993.

SCHPUN, Mônica Raisa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Bomtempo Editoria, 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v.20, n. 2, p.71-99, jul/dez, 1995.

SERÉM Maria do Carmo, **Metáforas do Sentir Contemporâneo**. Porto, nº 1, Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura, col. Teorias e Práticas, 2002, 1 ed.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República.** 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da Vida Privada no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol. 3. p. 7-48.

SILVEIRA JR, Yimi; NOGUEIRA, Isabel Porto; MICHELON, Francisca F. **A Revista *Ilustração Pelotense*: Novos exemplares para o catálogo de notícias e imagens sobre música na *Ilustração*.** Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/2009/cd/pdf/LA/LA_01969.pdf. Acesso em 27 de maio de 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ªed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TRINDADE, Hégio. O jacobinismo castilhistas e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul. In: TRINDADE, Hégio. (Org.). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte.** 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 485-500.

VAINFAS, Ronaldo. **Os Protagonistas Anônimos da História: micro-história.** Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VIZENTINI, Paulo F. **A crise dos anos 20.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/ UFRGS, 1992.

WHITE, Hayden. **Meta-História: a imaginação histórica do século XIX.** São Paulo: EDUSP, 1992.

ZICMAN, Renée Barata. **História através da imprensa, algumas considerações metodológicas.** *Projeto História*, São Paulo, Revista do programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de História – PUCSP- n.4, junho, 1985.

FONTES CONSULTADAS - ILLUSTRAÇÃO PELOTENSE 1919 – 1922

Nº 1 - 1º/Janeiro/1919
Nº 2 - 1º/fevereiro/1919
Nº 3 - 1º/março/1919
Nº 4 - 1º/abril/1919
Nº 5 - 1º/setembro/1919
Nº 6 - 16/setembro/1919
Nº 7 - 1º/outubro/1919
Nº 8 - 15/outubro/1919
Nº 9 - 1º/novembro/1919
Nº 12 - 15/dezembro/1919
Nº 1 - 1º./janeiro/1920
Nº 2 - 15/janeiro/1920
Nº 3 - 1º/fevereiro/1920
Nº 5 - 1º/março/1920
Nº 8 - 16/abril/1920
Nº 9 - 1º/maio/1920
Nº 10 - 16/maio/1920
Nº 11 - 1º/junho/1920
Nº 13 - 1º/julho/1920
Nº 14 - 16/julho/1920
Nº 15 - 1º/agosto/1920
Nº 16 - 16/agosto/1920
Nº 17 - 1º/setembro/1920
Nº 18 - 16/setembro/1920
Nº 19 - 1º/outubro/1920
Nº 20 - 16/outubro/1920
Nº 21 - 1º/novembro/1920
Nº 23 - 1º/dezembro/1920
Nº 24 - 16/dezembro/1920
Nº 1 – 1º/janeiro/1921
Nº 2 - 16/janeiro/1921
Nº 3 - 1º/fevereiro/1921
Nº 4 - 16/fevereiro/1921
Nº 5 - 1º/março/1921
Nº 6 - 16/março/1921
Nº 7 - 1º/abril/1921
Nº 8 - 16/abril/1921
Nº 9 - 1º/maio/1921
Nº 10 - 15/maio/1921
Nº 11 - 1º/junho/1921
Nº 12 - 16/junho/1921
Nº 13 - 1º/julho/1921

Nº 14 - 15/julho/1921
Nº 15 - 1º/agosto/1921
Nº 16 - 15/agosto/1921
Nº 17 - 1º/setembro/1921
Nº 18 - 16/setembro/1921
Nº 19 - 1º/outubro/1921
Nº 20 - 16/outubro/1921
Nº 21 - 1º/novembro/1921
Nº 22 - 16/novembro/1921
Nº 23 - 1º/dezembro/1921
Nº 1 e 2 - 16/janeiro/1922
Nº 3 - 1º/fevereiro/1922
Nº 4 - 16/fevereiro/1922
Nº 5 - 1º/março/1922
Nº 6 - 16/março/1922
Nº 7 - 1º/abril/1922
Nº 8 - 16/abril/1922
Nº 9 - 1º/maio/1922
Nº 11 - 1º/junho/1922
Nº 12 - 16/junho/1922
Nº 13 - 1º/julho/1922
Nº 14 - 16/julho/1922
Nº 15 - 1º/agosto/1922
Nº 16 - 16/agosto/1922
Nº 17 e 18 - 7/setembro/1922
Nº 19 - 1º/outubro/1922
Nº 20 - 16/outubro/1922
Nº 21 - 1º/novembro/1922
Nº 22 - 15/novembro/1922
Nº 23 - 1º/dezembro/1922
Nº 24 - 15/dezembro/1922

O Rebate

APÊNDICES

1. Números localizados, não localizados e não editados

No quadro abaixo consta o número de exemplares da revista *Ilustração Pelotense* que foram encontrados e catalogados, o número de exemplares que não foram encontrados no acervo da Biblioteca Pública Pelotense e o número de exemplares não editados pela revista. Nota-se ao observar o quadro que poucas vezes a revista deixou de ser publicada, ocorrendo somente no primeiro ano de edição por motivos não explicado pelos editores.

2. Tabelas

Tabela 1 – Total de números da revista *Ilustração Pelotense* localizados e catalogados, não editados e não localizados no acervo da Biblioteca Pública de Pelotas

Ano	Nº de exemplares catalogados	Nº de exemplares não publicados	Nº de exemplares não encontrados
1919	9	4	3
1920	19	0	5
1921	23	0	1
1922	23	0	1
Total	74	4	10

Tabela 2 – Identificação de autoras e temáticas presentes na *Ilustração Pelotense* nas publicações de mulheres

Publicações de mulheres	
1919	
Autora	Temática
-	-
1920	
D. Alda de Souza	Família - Casamento
D. Cordelia da Silva	Mitologia
Alzira de Oliveira	Assuntos do coração - Amizade
Alzira de Oliveira	Caridade
Léa	Educação
Universina de Araújo Bastos	Mitologia
Valkyria Neves	Assuntos do coração - Amor
Léa	Vida
Léa	Guerra e tirania
Walkyria Neves	Assuntos do coração
Léa	Educação
Carmen	Notas sociais
Mademoiselle Frivolité	Comportamento
Nelly	Assuntos do coração - Amor

Léa	Juventude
Alzira de Oliveira	Assuntos do coração
Léa	Natureza
Carolina Antonowich	Assuntos do coração
Alzira de Oliveira	Família - Casamento
Nelly	Notas sociais
1921	
Doly	Assuntos do coração Despedida
Doly	Assuntos do coração Saudade
Serraninha	Caridade
Léa	Comportamento
Júlia Lopes Monteiro	Morte
Neuza Jacy F. Lima	Assuntos do coração
Moema de Barros Lima	Assuntos do coração
Léa	Vida
Carmen	Vida
Camille Mauclair	Assuntos do coração - Amor
Walkyria Neves	Assuntos do coração
Jandyra Nunes Pereira	Comportamento
Joaquina Nova Monteiro	Comportamento
Camille Mauclair	Arte
Jobar Pedroso	Comportamento
Bisbilhoteira	Notas sociais
Dolly	Notas sociais
Jobar Pedroso	Comportamento
Bisbilhoteira	Notas sociais
Ignacia Nova Monteiro	Comportamento
Melindrosa	Notas sociais
Andradina Andrade	Comportamento
Diva Barbosa	Comportamento
Lola Campos	Assuntos do coração Amizade
Mary	Assuntos do coração - Amor
Walkyria Neves	Música
Eloah Nogueira	Comportamento
1922	
Sarita Bosque	Assuntos do coração - Amor
Serraninha	Assuntos do coração - Amor
Cecy Castro	Assuntos do coração – Amor materno
Carmen Sylva	Comportamento
Opála	Morte
Mary	Família
Alcidina Lima	Assuntos do coração - Amor

Mary	Caridade
Helena	Beleza
Sarita Bosque	Morte
Cecy Dacy Cony	Comportamento
Exótica	Assuntos do coração - Amor
Exótica	Assuntos do coração Arrependimento
Cecy Castro	Datas importantes de maio
Exótica	Crítica literária
Mary	Viuvez
Opála	Morte
Exótica	Assuntos do coração
Cecy Dacy Cony	Importância dos soldados
Laura Reis (Exótica)	Assuntos do coração
Diva Barboza (Mary)	Assuntos do coração - Amor
Paula Alves	Crítica literária
Exótica	Assuntos do coração
Ignacinha Nova Monteiro	Assuntos do coração - Amor
Exótica	Assuntos do coração
Mary	Morte
Exótica	Profissão de enfermeira
Turmalina	Assuntos do coração - Amor
Opála	Assuntos do coração - Amor
Exótica	Assuntos do coração
Exótica	Morte
Exótica	Natureza

Tabela 3 – Identificação de autores e temáticas presentes na Ilustração Pelotense nas publicações para mulheres

Publicações para mulheres	
1919	
Autor	Temática
João Cabral de Freitas	Esperança
Desconhecido	Assuntos do coração - Amor
Malmequér	Assuntos do coração - Amor
Malmequer	Assuntos do coração - Amor
Clires	Vaidade
Coelho da Costa	Música
1920	
Jocus	Notas sociais
M.S. Gomes de Freitas	Assuntos do coração -

	Amor
A. Boufratelo	Moda
A. Boufratelo	Moda
Narciso Berlese	Educação
Almeida Garret	Beleza
Chevallier d'Or	Comportamento
X.	Assuntos do coração
Editores da revista	Agradecimento
Desconhecido	Moral
Jader Carvalho	Família - Casamento
Ildefonso Simões Lopes Filho	Mulheres
1921	
Desconhecido	Moda
Mysotis	Assuntos do coração
Desconhecido	Assuntos do coração
Desconhecido	Família - Casamento
Desconhecido	Mulher
1922	
EXT.	Família - Casamento
Dimanu	Assuntos do coração - Amor
Dr. Alfeu Braga	Educação
Jorge Salis Goulart	Mulher
Mário Martins	Assuntos do coração - Amor
Ext.	Comportamento
Aza	Assuntos do coração - Amor
Raúl Sévres	Assuntos do coração
Lelio	Comportamento
Romeu de Alencar	Mulher
Coelho da Costa	Assuntos do coração - Amor
Romeu de Alencar	Mulher

Tabela 4 – Identificação de autores e temáticas presentes na Ilustração Pelotense nas publicações sobre mulheres

Publicações sobre mulheres	
1919	
Autor	Temática
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Mulher
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Comportamento
Desconhecido	Moda
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Comportamento
João Cabral de Freitas	Pesadelo

Desconhecido	Luto
Desconhecido	Cabelos
Desconhecido	Comportamento
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Notas sociais
Ext.	Família - Casamento
Desconhecido	Beleza
1920	
Antos	Comportamento
Júlio Dantas	Comportamento
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Família - Casamento
Clires	Notas sociais
Desconhecido	Educação
Desconhecido	Notas sociais
Escritor americano	Mulher
Fernando Callage	Comportamento
Desconhecido	Inteligência da mulher
Desconhecido	Beleza
J. Belém	mulher
Desconhecido	mulher
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Mulher
Fernando Callage	Comportamento
a. Carneiro Leão	Educação
Desconhecido	Música
Fernando Callage	Beleza
Alexandre Herculano	Mulher
Desconhecido	Piada sobre feminismo
Desconhecido	Educação
G.	Notas sociais
Desconhecido	Música
1921	
X.	Família – Casamento
José de Azevedo Teixeira	Moda
Desconhecido	Notas sociais
J.	Moda
Teixeira	Beleza
Desconhecido	Notas sociais
Nemo	Notas sociais
Zito Baptista	Beleza
J.	Mulher
Ignomon	Comportamento
Paulino Diamico	Moda
Coelho da Costa	Beleza
Paulo Mantegazza	Beleza
Mario Sette	Assuntos do coração – Amor

Décio	Notas sociais
Constancio C Figil	Comportamento
Justo Amado	Comportamento
Desconhecido	Notas sociais
1922	
Jorge Bahlis	Assuntos do coração – Amor
Desconhecido	Notas sociais
João C. de Freitas	Beleza
Ext.	Beleza
João C. de Freitas	Comportamento
X.	Notas sociais
Sady-Garibaldi	Mulher
Desconhecido	Música
Jayme Ballão Junior	Mulher
Desconhecido	Mulher
Desconhecido	Notas sociais
Desconhecido	Mulher
Raul de Sevrés	Assuntos do coração – Amor
Raul de Sévres	Assuntos do coração – Amor
Desconhecido	Notas sociais
EXTR	Beleza
Mário	Família – Casamento
Lelio	Assuntos do coração – Amor
L.	Educação
Desconhecido	Educação

Tabela 5 – Totalização de temáticas mais recorrentes na revista Ilustração Pelotense

Temáticas	De mulheres	Para mulheres	Sobre mulheres	Total
Assuntos do coração	28	12	5	45
Beleza	1	1	10	12
Comportamento	12	3	10	25
Educação	2	2	5	9
Família e casamento	3	3	3	9
Moda	0	3	3	6
Mulher	0	5	12	18
Notas sociais	6	1	20	27